



Objetos e afetos

Fernanda Cristina Martins Pestana

Campinas

2014



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO - LABJOR

Fernanda Cristina Martins Pestana

Objetos e afetos

Orientadora: Profa. Dra. Susana Oliveira Dias

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção de título de mestra em Divulgação Científica e Cultural, na área de Divulgação Científica e Cultural.

Campinas,

2014

P439o Pestana, Fernanda Cristina Martins, 1985-
Objetos e afetos / Fernanda Cristina Martins Pestana. – Campinas, SP : [s.n.],
2014.

Orientador: Susana Oliveira Dias.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Estudos da Linguagem.

1. Rosário, Arthur Bispo do, 1909-1989 - Crítica e interpretação. 2. Livro -
Objeto. 3. Desenho. 4. Difusão cultural. I. Dias, Susana Oliveira. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Objects and affects

Palavras-chave em inglês:

Rosário, Arthur Bispo do, 1909-1989 - Criticism e interpretation

Book object

Drawing

Cultural diffusion

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural

Titulação: Mestra em Divulgação Científica e Cultural

Banca examinadora:

Susana Oliveira Dias [Orientador]

Carolina Cantarino Rodrigues

Wenceslao Machado de Oliveira Junior

Data de defesa: 13-03-2014

Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural

BANCA EXAMINADORA:

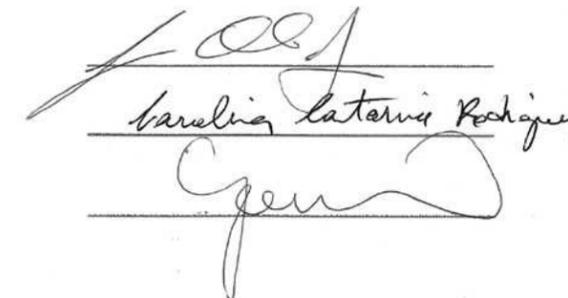
Susana Oliveira Dias

Carolina Cantarino Rodrigues

Wenceslao Machado de Oliveira Junior

Antonio Carlos Rodrigues de Amorim

Elenise Cristina Pires de Andrade



IEL/UNICAMP
2014

Resumo

Objetos e afetos propõe a criação de um livro-objeto composto por três cadernos que esboçam, entre escritas e materialidades, a possibilidade de uma *pesquisa-desenho*. Uma proposta de inventar com a obra *Vinte e um veleiros (s/ data)*, do artista brasileiro Arthur Bispo do Rosário (1909-1989), modos de habitar os objetos e o mundo. Traçar também junto a presença de Bispo na *Trigésima Bienal de São Paulo – a iminência das poéticas (2012)* as problemáticas que envolvem a crítica e a divulgação cultural das artes visuais. Arte e loucura: palavras que constituem uma *figura-Bispo* que contorna as tentativas da crítica, entre biografias e bibliografias, de decifrar sua personalidade, encontrar em seus objetos possíveis narrativas que os fixem no compromisso com a representação de um mundo interno e pessoal. Essa pesquisa nasce da inquietação diante desse modelo com o qual a crítica e a divulgação cultural lidam com os feitos das artes visuais. Papel, linha e palavra são os materiais com os quais essa pesquisa pretende transbordar as margens dos dizeres que amarram artista e obra, e desenhar passagens para habitantes outros, entre sentidos e sensações, que movimentem as condições que estabilizam a existência dos objetos. Uma proposta de esboçar nos cadernos desse livro-objeto possibilidades em que os Veleiros, como compostos de sensações, possam ficar de pé sozinhos, independentes de determinações que os fixem a alguma identidade, temporalidade ou territorialidade dada. Investigar os vãos, as passagens, os respiros nos objetos; as vidas que podem acontecer, no encontro das linhas inesperadas e desconhecidas que desenharam as páginas dos cadernos. Experimentar tomar o desenho como procedimento de pesquisa, em que a palavra torna-se matéria de experimentação, e escrita/leitura mantêm-se como gestos que rascunham passagens pelas quais seja possível perceber/potencializar uma misteriosa imensidão que atravessa a materialidade dos objetos – afetos, brancos, vazios, silêncios, (in) dizíveis... Uma tentativa de *pesquisa-desenho* que quer, com a composição desses cadernos, despir os objetos em uma conversa na qual suas materialidades possam dizer-nos de segredos indescritíveis por palavras, ou ainda gotejar fragmentos de textos por/entre aberturas, texturas, plasticidades... Secar significações na possibilidade de compor uma vida outra com a escrita e a materialidade das coisas. Uma vontade de vasculhar modos de habitar uma imensidão de possibilidades, entre afetos, objetos e palavras, que compõem este *livro-objeto*. Transbordar as margens da própria pesquisa, desenhar passagens com as escritas tecidas.

Palavras-chave: Rosário, Arthur Bispo do, 1909-1989 - crítica e interpretação; livro-objeto; desenho; difusão cultural.

Abstract

Objects and affects proposes the creation of an book object composed of three notebooks drafting, between written and materialities, the possibility of a *drawing-research*. A proposal to invent with the work *Vinte e um veleiros (Twenty-one sailboats)* (undated), of Brazilian artist Arthur Bispo do Rosário (1909-1989), ways of inhabiting the objects and the world. Tracing also in Bispo presence at *Thirtieth Biennial of São Paulo - the imminence of the poetic* (2012) the set of problems involving the critical and cultural divulgation of the visual arts. Art and madness: words that make up a *figure-Bispo* outlining the attempts of criticism, from biographies and bibliographies, to decipher his personality, find in his work and objects possible narratives that determine them upon a commitment with the representation of an internal and personal world. This research comes from uneasiness about this model with criticism and cultural diffusion which deal with the feats of the visual arts. Paper, line and word are the materials with which this research aims to overflow the banks of the wording tying artist and work, and draw passages to habitants, other, between senses and sensations that move the conditions that stabilize the existence of objects. A proposal to draw, in the roll of that object-book, possibilities where *sailboats*, as compounds of sensations, can stand alone, independent of determinations which fix them to some identity, temporality or territoriality given. Investigate the gaps, passages, vents on objects; lives that can happen at the meeting of the unexpected and unknown lines that draw the pages of notebooks. Try taking the drawing as a research procedure, in which the word becomes matter of experimentation, and reading/writing remain as gestures sketching passages through which it is possible to perceive/enhance a mysterious immensity that crosses the materiality of objects – affections, white, empty, silences, (un)speakable... A tentative of a *drawing-research* that want, with the composition of these notebooks, undressing objects in a conversation in which their materiality can tell us of unspeakable secrets by words, or dripping fragments of texts by/ between gaps, textures, plasticity... Dry meanings in the possibility of composing another life with writing and the materiality of things. A desire to scour ways of inhabiting a range of possibilities, between affects, objects and words that compose this book-object. Overflowing the banks of the research, draw passages with woven written.

Key-words: Rosário, Arthur Bispo do, 1909-1989 – criticism and interpretation; book object; drawing; cultural diffusion.

Sumário

Problema-tecido	01
Transbordar margens, desenhar passagens.....	35
e escrevia em gotas, miolos de texto manchando as páginas.....	83
Referências.....	167

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Flávio e Sueli, por deixarem a folha em branco. Por permitirem que eu escolhesse, entre lápis, agulha e caneta, como traçar esta trajetória de estudos e trabalho. Por respeitarem as linhas, entre disciplinas, professores, pessoas e cursos, que se encontram, traçam, cortam, amarram, amassam o tecido-vida. Obrigada por acreditarem que algo poderia acontecer nesta passagem graduação-mestrado, mesmo sem entenderem muito bem o que eu tenho feito, os lugares por onde tenho passado, e o que tenho desenhado por todos esses anos na Unicamp. Obrigada, amo vocês.

Agradeço ao meu irmão Fred, pelos encontros e frases inusitadas sempre tentando decifrar o que exatamente é a minha pesquisa, pelas perguntas incessantes, pelas dúvidas ainda remanescentes e, claro, por todo apoio e carinho, junto as lindas vidas que trouxe, Ismael e Mateus, que só alegraram esta trajetória.

Agradeço ao meu companheiro Pedro e ao meu amado filho Felipe por tornarem a trama-pesquisa ainda mais complexa, pela força que tivemos juntos em encarar o turbilhão mestrado-graduação-TCC-escola-qualificação-dissertação-defesas-choros-risos-trabalhos-escritas-mapas-desenhos-artes-geologias-casa-família-noite-dia. Perceber que tudo isso parece só o começo, o esboço de algo sempre por vir em nossas vidas. Obrigada também por fazerem as perguntas mais engraçadas sobre esta pesquisa!

Aos amigos de graduação Bruno e Larissa que, mesmo distantes, sempre me apoiaram. À Tainá, Marcelo, Marlon, Mirna, Letícia e Grazielle por gotejarem inspirações por todo este caminho. Aos colegas do MDCC por compartilharem as experiências, angústias, alegrias, viagens, power points, cervejas e almoços nestes dois anos de curso. Aos professores e funcionários por viabilizarem com muita compreensão e colaboração a realização desta pesquisa. Ao grupo multiTÃO pelas reuniões, contribuições, leituras, questões, projetos, imagens, palavras, sons, objetos e afetos.

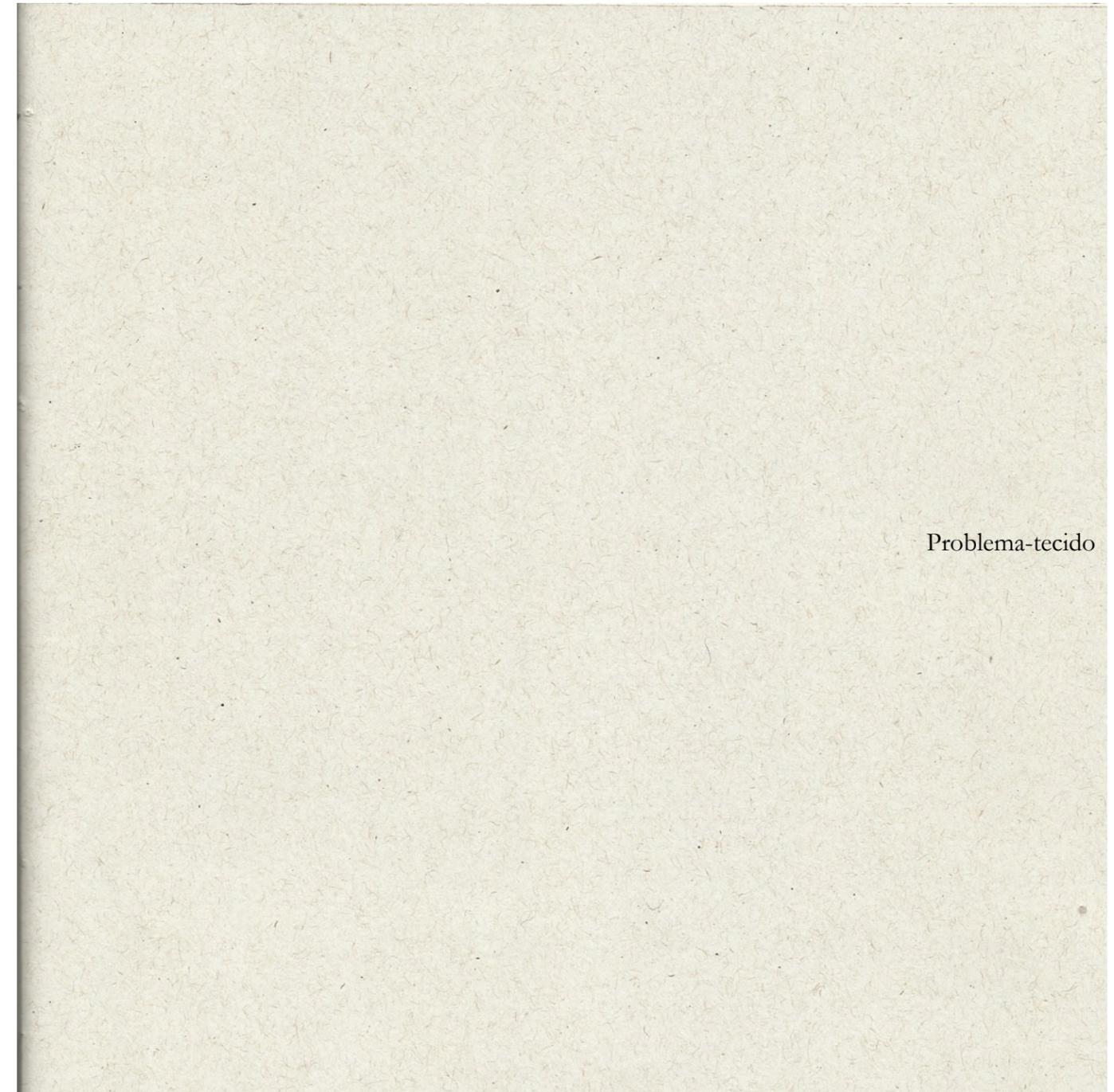
À Carolina Cantarino Rodrigues, Wenceslao Machado de Oliveira Junior, Antonio Carlos Rodrigues de Amorim e Elenise Cristina Pires de Andrade por aceitarem fazer parte das bancas de qualificação e defesa, e perderem-se pelas linhas tecidas nestes cadernos. Agradeço pelas contribuições inquietantes, pelas (des)costuras e (des)amarrações sugeridas, pelas palavras e pelos encontros emocionantes.

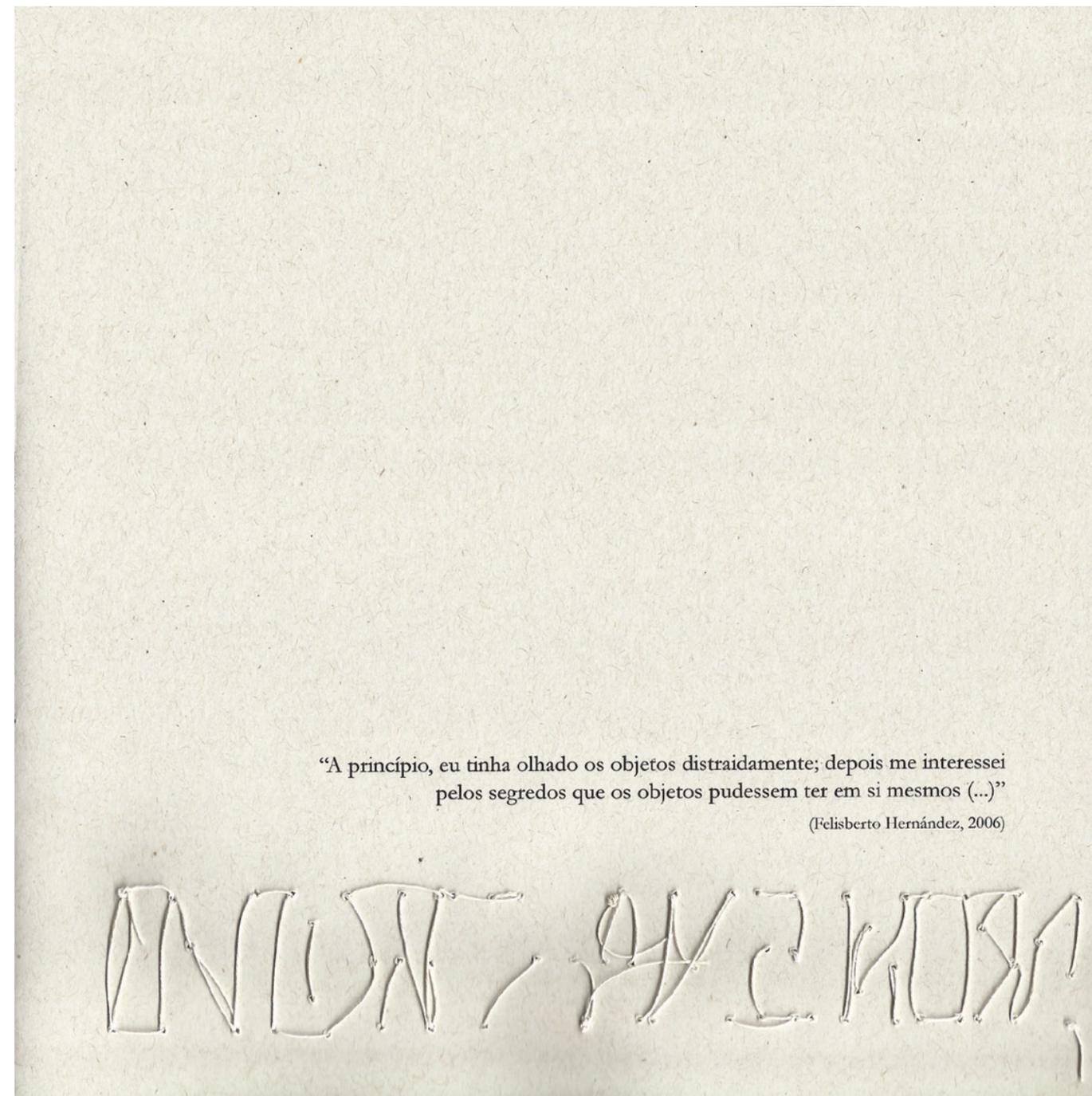
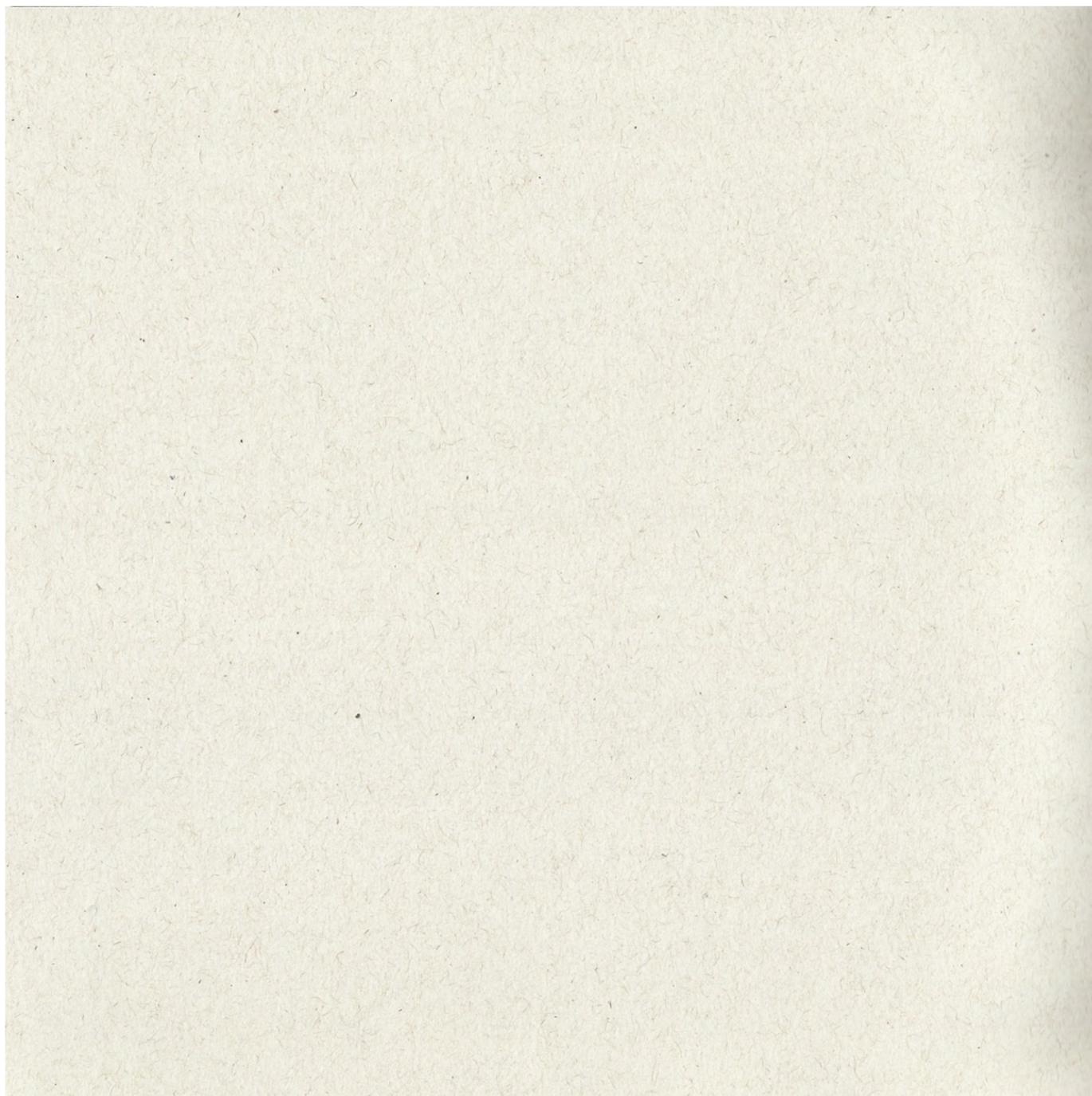
À Susana Oliveira Dias pelas gotas, enchentes e inundações que sempre me movimentaram. À cada um de nossos encontros que redesenhava estas páginas até encontrar o formato rascunho, a pesquisa-esboço. Aos nossos cafés matinais, aos encontros e abandonos de algumas linhas,

livros, autores. Obrigada pelas propostas, pelas apostas, pelas aberturas, pelos desenhos, pelas leituras... Pela composição orientadora-orientanda sempre transbordante e silenciadora. Obrigada por todo apoio e por acreditar no nosso trabalho... Há ainda uma gratidão indizível, perdida, fora das linhas, dos livros e dos autores, talvez um dia você a encontre!

Agradeço à CAPES pelo financiamento.

Às palavras que sempre me faltam!





Como habitar as páginas de uma pesquisa?

Desenhar palavras, escrever linhas... As linhas que desenham são as mesmas que escrevem. Linhas que escorrem pelas mãos, traçam intensidades, movimentam aberturas, pontos de encontro. Linhas que rabiscam palavras, esboçam ^{tramar} ~~tramas~~, submetidas a julgamentos de oposições, como uma coisa *ou* outra, mas que incorporam algo *entre* uma coisa *e* outra. que tecem conexões, alinhavam corpos improváveis. Linhas que experimentam e habitam, desenham e escrevem: tecem. Começo a traçar os esboços de uma pesquisa, ou uma *pesquisa-esboço*... *Pesquisa-desenho*? Tecer com o desenho um desenhar mundos habitados pelo movimento constante de suas linhas. *Escrita-desenho* por margens inventadas, desenhadas palavras, ditadas pelo texto em curso. *Dis-curso* das margens atravessadas, diagrama esvaziado da certeza de seus espaços. uma pesquisa que esboça travessias, inventa possíveis, propõe a navegação por uma multiplicidade de rotas (de fuga?).

linhas desenhadas, velejar por travessias,
fluídos,

PROBLEMA-TECIDO

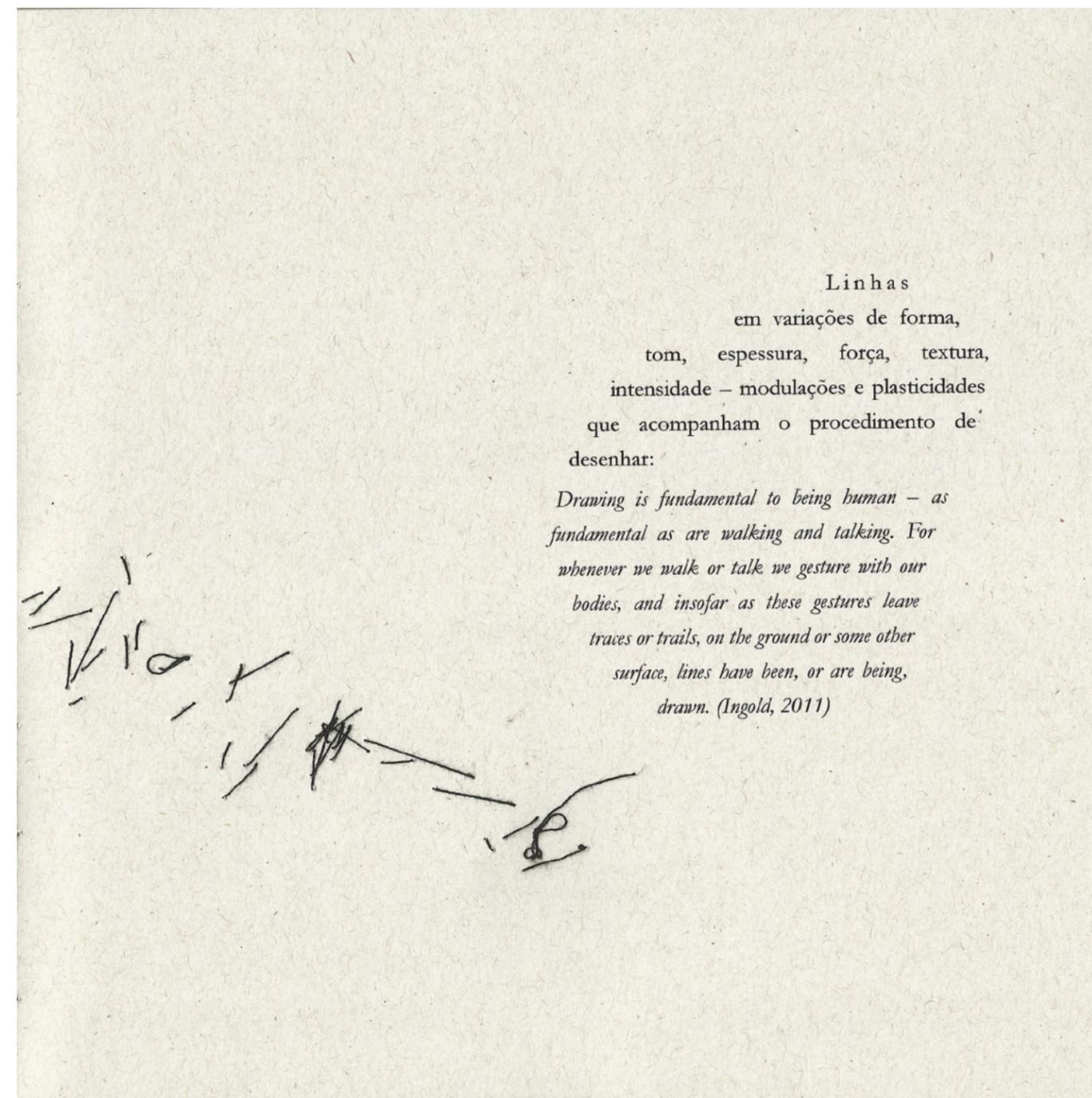
atravessam limites. Linhas cruzadas que não são ^{entre sentidos e sensações,} ~~entre sentidos e sensações,~~ Sobreposições que constituem corpos de compostos ~~que~~ ^o que podem vir a ser. Linhas pele, corpo, e coisa. procedimento de pesquisa, bem como faz o artista em seu caderno ao esboçar ^{ver e intencional} ~~coletar~~, colecionar ^{afetos obrigados pelas} ~~coletar~~ ^(págs.) ~~nas~~ pelos limites do texto. *Margens?* Margens sem regras, desmedidas, desenhadas. *Quase* margens? Margens feridas pelas Páginas sem *grid*, habitadas pelo desenho das palavras. *Com/sobre/pro*/posições de linhas e tramas sobre as páginas de Passagens bordadas por objetos, *subjetos* tramam objetivos, *desobjetos* subjetivam passagens. Objetivo de pesquisa? Habitar inventar mundos e problemas com os mundos – *pesquisa-caderno* a ser habitada. Caderno de esboços, começos, fluxos, substâncias, superfícies, meios. Pesquisa-líquida, autores diluídos, respingos de conceitos, enchente de linhas que bordam e transbordam artes e artistas. Rios de palavras em curso pelas páginas de uma *pesquisa-caderno*.

Composição velejante por *entrelinhas*, *entreletras*, *entrepáginas* de uma *pesquisa-objeto*. Caderno de divagação científica, objeto de divulgação cultural? Crítica do delírio, clínica da arte? Manchas de ~~_____~~ ^{pesquisa} sobre o papel; limites borrados entre objetos, artistas, culturas e públicos.

Pesquisa-desenho como uma tecelagem de possibilidades, ~~_____~~, movimentações, invenções, e não ilustração do pensamento.

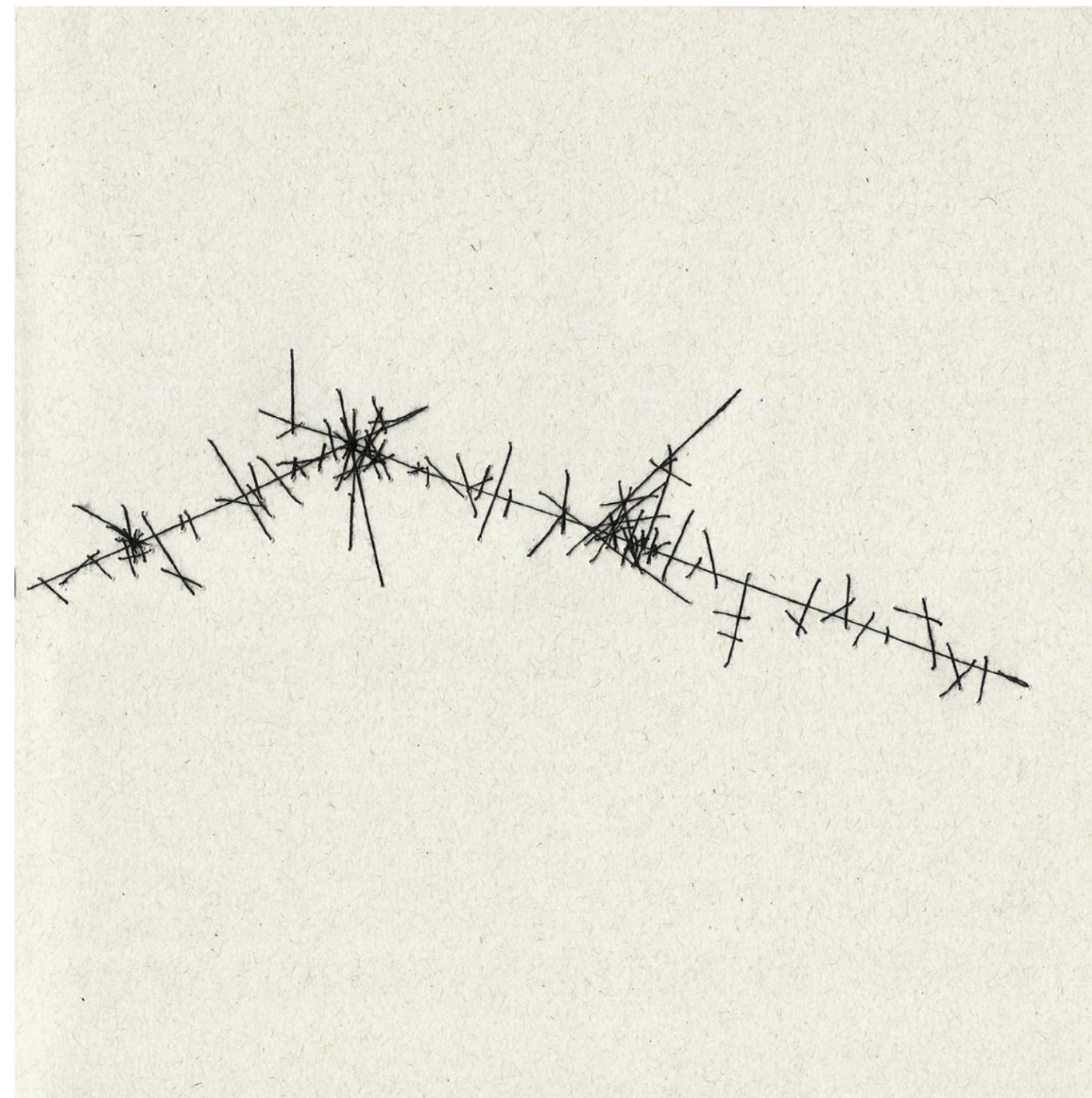
Desenhar pelas lógicas representacionais pode ser decepcionante para um desenho que se quer esboço, pois seus traços desejam a precisão de uma arte finalizada – quase um desenho geométrico, de grafias ~~_____~~ ^{medidos} ~~_____~~ ^{marcadas}, definidoras de territórios. *Pesquisa-desenho* que quer deixar os traços abertos à passagens de vidas e tempos. Sopros de palavras que grafam linhas, rotas, caminhos, devires por experimentações e relatos *entre* páginas.

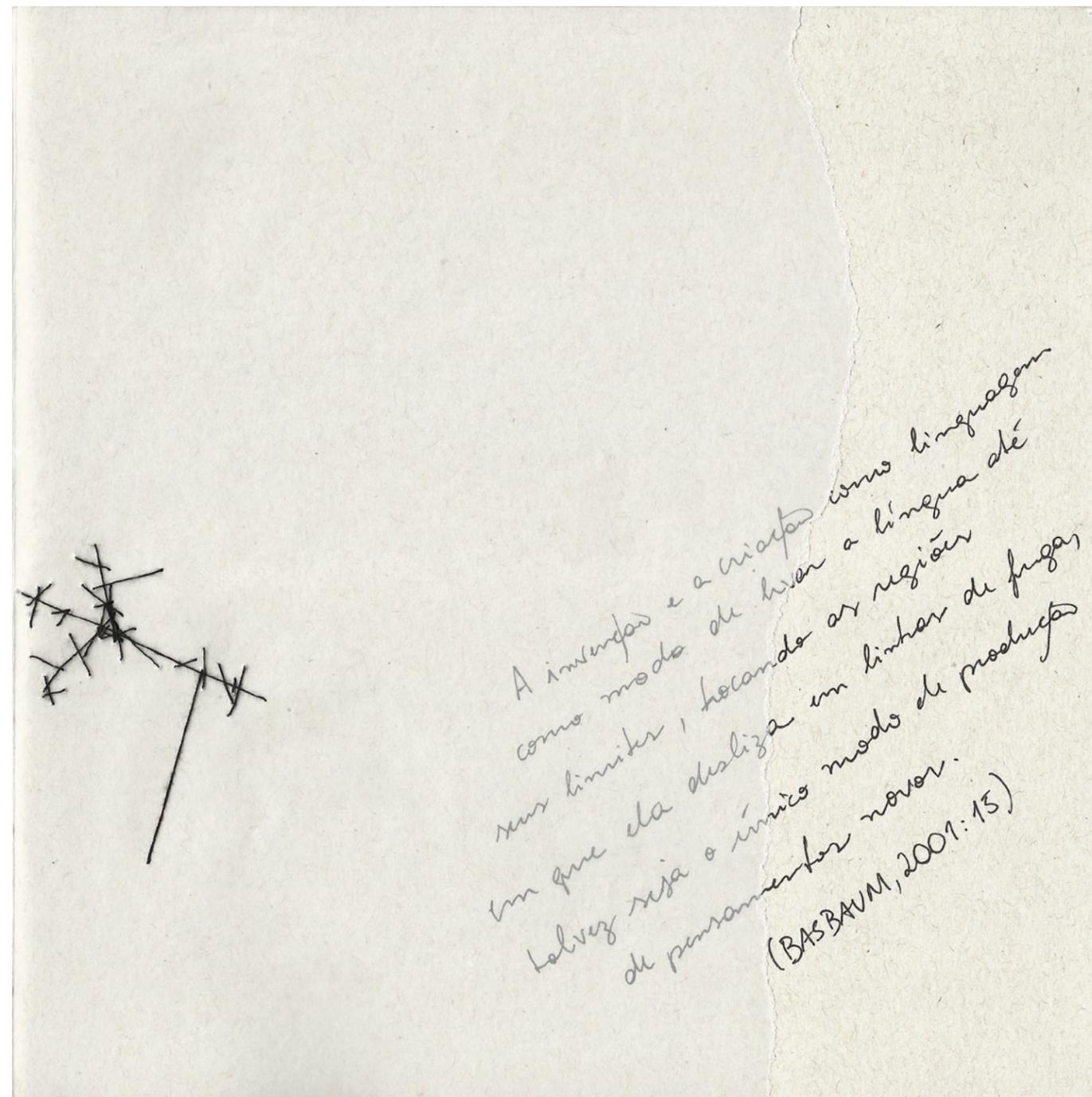
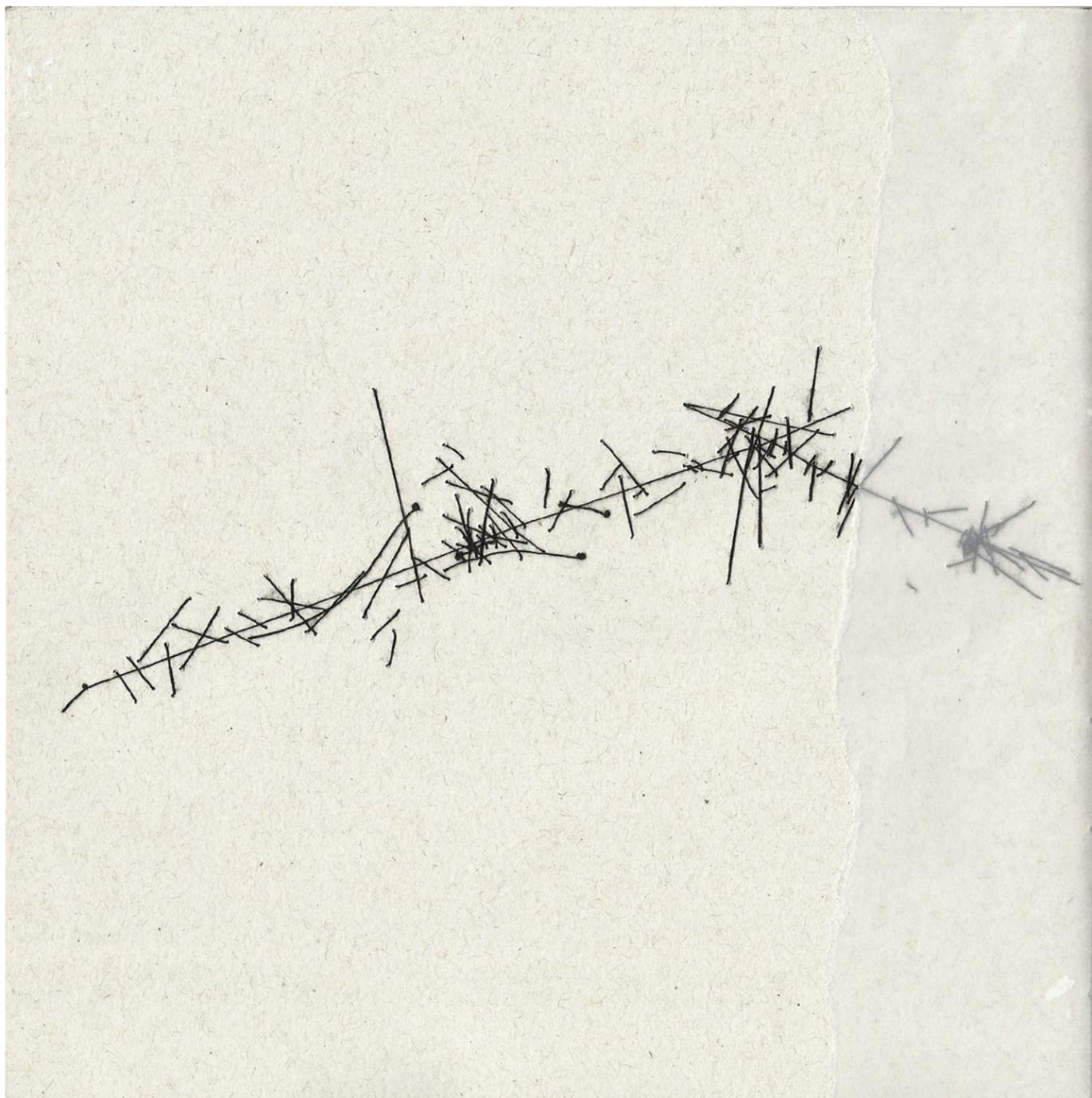
Onde quer chegar uma *pesquisa-desenho*? Traçados sem destino, restam-lhes somente os fluxos... Uma busca pelo encontro com o outro, pelo cruzamento com o estrangeiro, pelo tecido de possíveis, pela trama de relações e sensações. Habitar o *aqui*, o *ali*, o *qualquer*, ~~_____~~ ^(ou por momentos). Afetar o *alguém*, invocar o *ninguém*, perder-se pelo *nada* (Barros, ~~1996~~ ²⁰⁰⁸). Entre objetos e afetos, desenhar habitações em que o limite seja a pele (ou a prótese?). Costurar próteses nos *corpos*-objetos de funções e os sentidos mutilados. Investigar a matéria da palavra, vasculhar os mistérios da *palavra-matéria* que habita os feitos e fazedores das artes. Potencializar por *entrelinhas* - e travessias - a sensorialidade e o afeto como modos de relacionamento com o mundo. Hábitos do papel de compor coisas, costurar elementos, desenhar brancos. Tensionar os limites das próprias páginas, deslocar as margens, *transbordar* passagens... Performance de palavras, gestos do desenho. Desenhar o movimento, performar as páginas de uma *pesquisa-caderno* pelos contornos da vida. Hábitos das palavras de movimentar existências para além das sistematizações da linguagem. O que abriga as coisas? O que há nos silêncios secretos dos objetos? Refúgio de relações, sentidos, afetos, silêncios, indizíveis... Uma trama de habitações que performam linhas, gesticulam possibilidades de seres por vir.



O que pode, então, o desenho como um procedimento de pesquisa? Experimentar modos de habitar as páginas de uma *pesquisa-desenho* que se quer como um caderno aberto, rasbiscado por uma trama de pluralidades, possíveis, variações, divagações e divulgações coexistentes. Traços que a todo tempo são desenhados, *re-desenhados* e *des-desenhados*... *Pesquisa-objeto* habitada por leituras e leitores, artes e artistas, *linhas-palavras*, *escritas-desenhos*; tecidos sobre/com-postos por conexões inventadas nas potencialidades das *escritas*-linhas que desenham. Papel suporte da morada nômade: virar as páginas, ventar as linhas, soprar as palavras. Grafias velejantes sempre a caminho do próximo encontro, da próxima margem. Gestos de navegação de uma página a outra, *(ou entre uma e outra)* rotas de abertura pela *pesquisa-objeto*, habitações (a) temporárias pelos cantos e encantos das coisas.

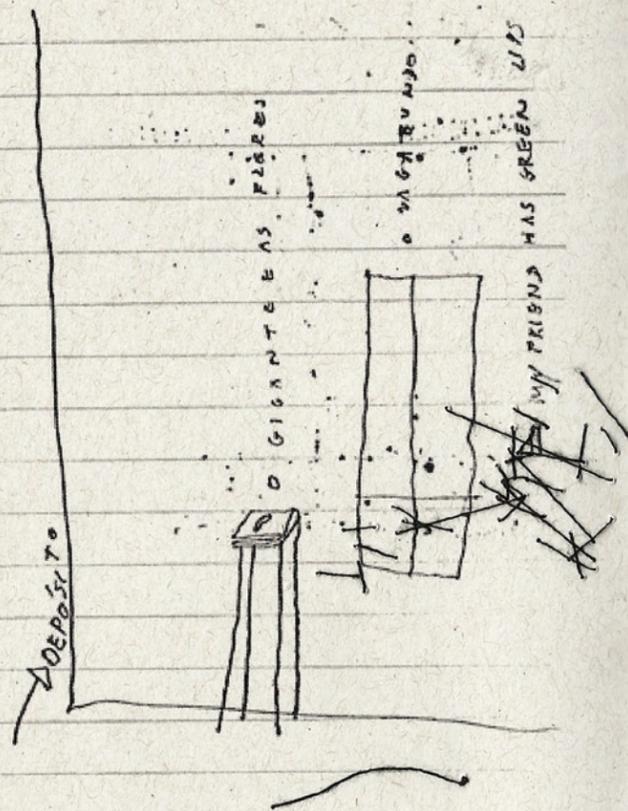
Branco que fere a pele das páginas: “o espaço em branco em volta do desenho é o outro lado, o lado onde a gente entra” (Leonilson, caderno, 1989). Ferida aberta, sangue suja as páginas. Flúidos de papel que escorrem entre as linhas, penetram nas folhas brancas. ~~Rio~~ de sangrias por onde velejam palavras e afetos em tensão com os limites do caderno... *De que lado a gente entra?* Talvez des-gentes, nem eu, nem Leonilson. O desenho é que entra: branco que habita a figura e a tela, *depósito* de possíveis vidas. Bordar a pele dos cadernos, costurar palavras/desenhos-*próteses*. *Linhas-entre*, brancos, fluxos e sangrias a encontro de silêncios e ruídos pelos desenhos que grafam as páginas.





O ESPAÇO EM BRANCO EM VOLTA DOS
 DESENHOS E O OUTRO LADO
 O LADO ONDE A GENTE ENTRA
 ÀS VÉZES É QUE DEVE SE
 PREPARAR PARA ENTRAR
 DEFINITIVAMENTE NAS
 TELAS ÀS VÉZES ESTE
 ESPAÇO PERMANECE NA
 LONA O LINHO CRUS OU RECEBE
 UMA COLORAÇÃO QUASE AQUAZELA
 É A MESMA COISA.
 AS FIGURAS PARECEM ESTAR
 INTRANSDO EM ALGUM ESPAÇO
 A DESCOBRIR, ACHO QUE SE FOREM
 ATENTAS, UMA HORA ELAS
 ENTRAM BEM FORTES DO OUTRO
 LADO SOB A FORMA DE ENERGIA.

04/01/93



Leontson, caderno, 1989.
<http://www.projetoLeontson.com.br/palavra.php>

GESTOS ofegantes, a ação da vida se faz presente: respirar... Algo pulsa. Invenção do branco na escrita-pesquisa, momentos. Páginas habitadas pela criação de algo que não se pode encaixar nas palavras. Branco da trama e da composição do problema tecido.

Relatos e experiências são esboçadas pelos cadernos, desenhos inacabados que deixam suas linhas à deriva, abertas ao encontro com o outro. Rascunhos de pensamentos e (in)dizeres que se cruzam por páginas. Modos de habitar a página, a palavra, a pesquisa. Nomadismos com/nas/das coisas. Estar DE PASSAGEM, des-fixações de linguagens, significações e representações.

Presenças e ausências dentro das coisas em um MOVIMENTO CONSTANTE de locar e deslocar. Pesquisa-objeto habitada por alguém margens, algo do outro lado - o lado da entrada. Pesquisa-objeto desabitada das funções de pesquisa e de objeto. TRANS de verbos, hemorragia nas palavras.

Direção ao nada conduzido pelo ninguém, velejantes nômades de tripulação cambiante. Feridas abertas na pele de um CORPO-PESQUISA que se deixa habitar por EXISTÊNCIAS múltiplas. Caderno de encontros em que o limite é a pele (OU A PRÓTESE)

Teia tecida, incessante movimento de costurar fios. Não há pontos dados, inventa-se com a linha os diversos modos de tecer: perfurar, rasgar, atravessar, puxar, sobrepor, enroscar, dar nós... Buraco estreito da agulha, ponta afiada: FEREDedo, violenta a pele. Sangrias pelas margens dos tecidos corrompidos. A LINHA vem bordando a palavra e suas veias, manchas de verbos, malhas de sangue. A AGULHA que desenha é a mesma que escreve. O procedimento do desenho habitado pela pesquisa - passagens traçadas por/entre mundos, coisas transbordando as beiras, trama tecida entre afetos e OBJETOS. Como habitar as páginas de uma pesquisa?

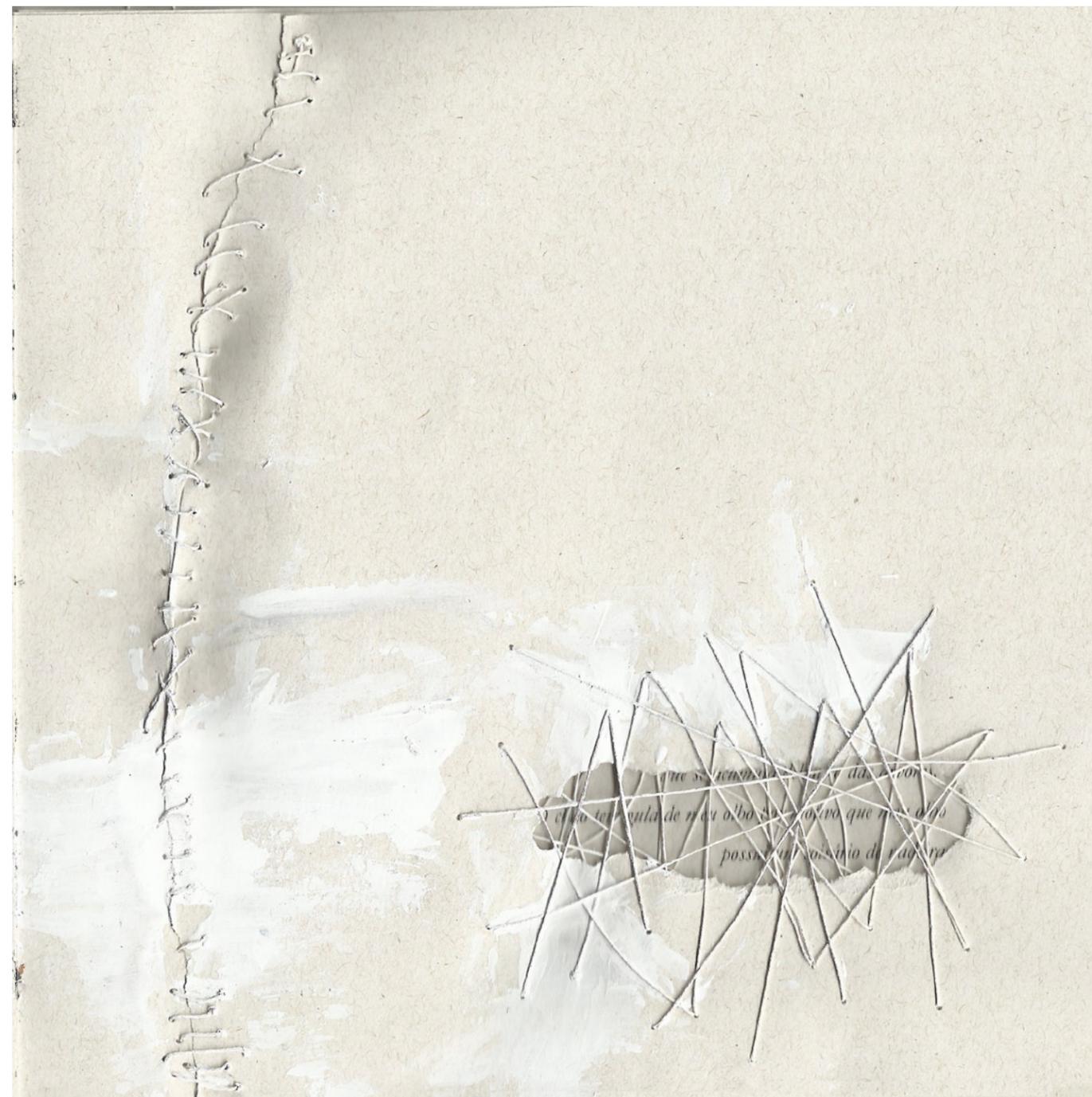
A cada desenho, um problema tecido, ou um tecido-problema.

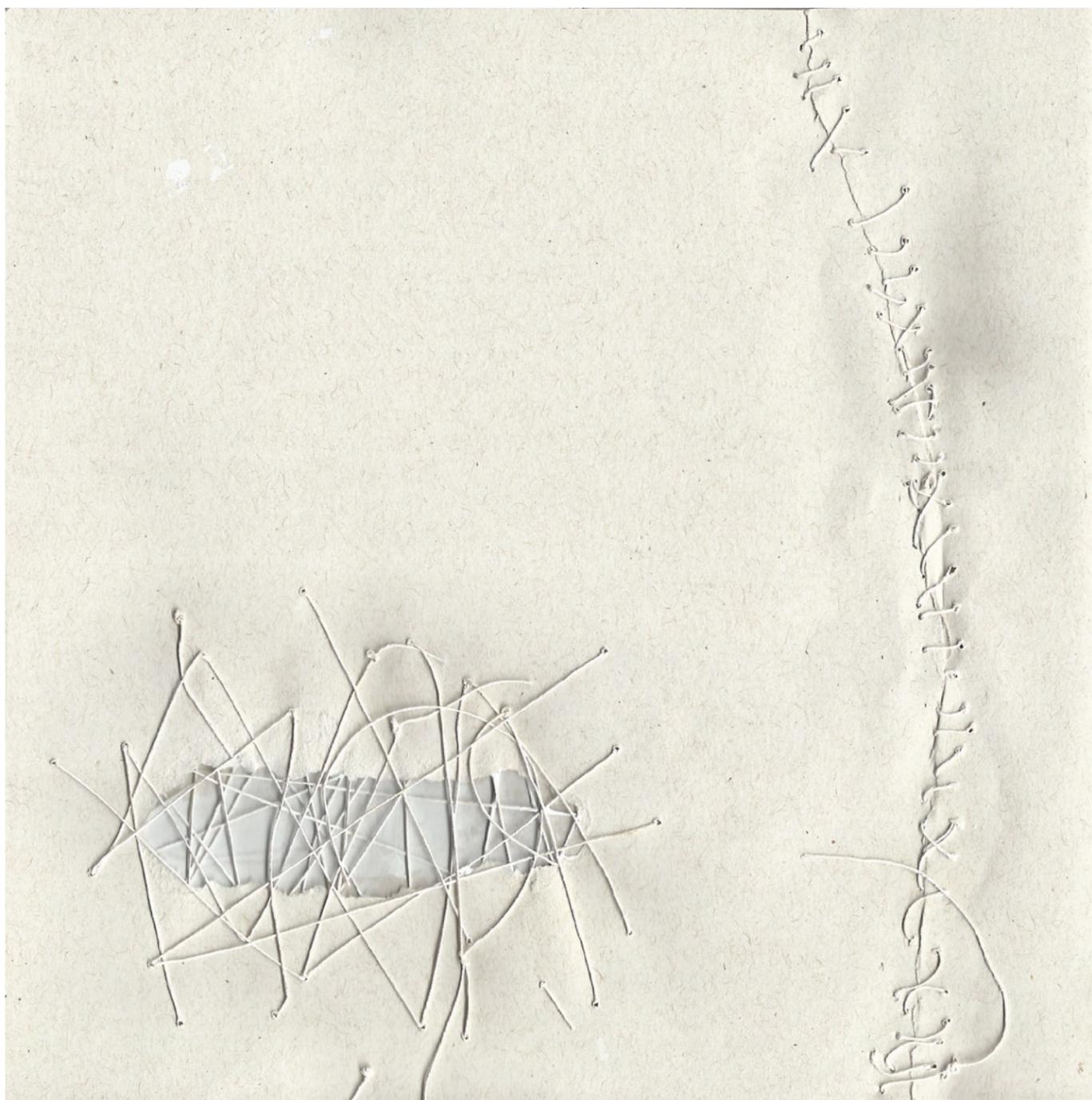
CADA DESENHO TORNAVA-SE UM NOVO PROBLEMA, CAVAVA UM NOVO BURACO POROSO PELO QUAL ME SOPRAVAM AS MAIS DIVERSAS NOVAS SOLUÇÕES. EU AMAVA ENCONTRAR AQUELE CORPO-MATERIA E DELE EXTRAIR E GRAFAR MINHAS LINHAS, SEMPRE SÓLIDAS, INVENTAR MEUS PROBLEMAS. (PESTANA 2012:102)

Tecido-problema: modos de habitar páginas, pesquisa, coisas, mundos.

Desenhar caixas de texto,
sangrar as margens, traçar frases, bordar objetos,
habitar, desenhar problemas com as coisas em movimento de
e fora do papel e das coisas, penetrar a pele dos objetos com o gesto que
das linhas com as margens e vazios do papel. Problematizar com a arte os
ventar os papéis da pesquisa entre linhas que não querem fixar contornos,
que colocam problemas sobre/com o mundo; procedimentos da
tempo, na criação de novos problemas): mundos em

ros
gotejar conceitos. Inventar modos de
proliferação: a cada desenho-solução, um novo problema, séries de acontecimentos dentro
desenha - habita as coisas. Cada desenho ressoa a voz expressiva de um problema inventado na relação
dizeres dados sobre as coisas; experimentar dizer *com* as coisas. Sopr as linguagens, ~~sujeitos~~ e objetos -
mas traçar fissuras, respiros, vãos por onde fluem possibilidades de habitar as coisas. Modos de habitar
geração da vida, problemas que se solucionam na proliferação de existências (e, ao mesmo
multiplicação.





Operar a soma e a multiplicação. Tecer feridas que nos permitam adentrar as coisas e vasculhar a imensidão de possíveis que as habita. Dizer ~~o~~ ^{SOBRE UM OBJETO} ~~o~~, pode extrair dele as potencialidades de vidas por vir, negar os mistérios escondidos em seus tecidos. Habitar com o nada, e não anular o habitar. Ferida delirante, desocupada de sentido e significação dados, resta a sobrevivência do corpo e da pele em habitação de silêncios e (in)dizíveis. *Lado outro* - porta para a habitação do *nada*. Teias afetivas, emaranhados de sensações: encontros aditivos.

Uma tentativa de pesquisa-caderno que quer desviar as sistematizações de entendimento do mundo, deslocar as margens do rio das palavras, sangrar as páginas. Experimentar modos de habitar as coisas em multiplicação do mundo e da vida. Árvore que pode existir árvore, madeira, papel, escultura, lixo, lasca, móvel... Pode ser habitada por nomes, funções, utilidades; pode passar invisível ao olhar, imperceptível aos sentidos; pode ser moldada, ^{transformada} ~~transformada~~, esculpida, contemplada; pode ser objeto de desejo, objeto de discurso, objeto de abuso. Árvore que pode ser poeta:

*Estou atravessando um período de árvore.
O chão tem gula de meu olho por motivo que meu
olho tem escórias de árvore.
O chão deseja meu olho vazado pra fazer parte do cisco
que se acumula debaixo das árvores.
O chão tem gula de meu olho por motivo que meu olho
possui um coisário de nadeiras.
O chão tem gula de meu olho pelo mesmo motivo que
ele tem gula por pregos por latas por folbas.
A gula do chão vai comer o meu olho.
No meu morrer tem uma dor de árvore.*

(Manoel de Barros)

Coleções famintas pelo abandono. *Corpo-*

árvore habitado por populosos ninguéns.

Objetos colecionadores de povoações deslocadas, funções recompostas, brancos, feridas, sangrias. *Coisários: árvore-coisário, ^{néna} ~~fluxo~~ de nadeiras.* Coleções: uma imensidão de mundos que habitam as coisas, guardam seus segredos, soluções vivas a serem inventadas.

Mas colocar o problema não é simplesmente descobrir, é inventar. A descoberta incide sobre o que já existe, atualmente ou virtualmente; portanto, cedo ou tarde ela seguramente vem. A invenção dá o ser ao que não era, podendo nunca ter vindo. (Bergson apud Deleuze, 1999:9).

Não há o que descobrir nos objetos, a não ser o nada. Inventar problemas, encontrar *nadeiras* de vidas em proliferação.

Fórmulas do nada? Problemas habitantes das coisas e do mundo: faz-se necessário inventá-los. *Pesquisa-desenho* que quer ser habitada pela vida das coisas. Ser invadida por aquilo que escapa ao rio transbordante, traços-nadeiras escorridos por estas páginas... Margens deslocadas, des-medidas, desenhadas. Fluxos de linhas que perpassam o papel sem que sejam retidos. Linhas que desenharam, escrevem, apagam, tramam existências.

Objetos tecidos, em formação pelo gesto que tece, ~~FRASE QUE ACABA~~ EM VÍRGULA.

~~FRASE QUE ACABA~~ Coisa fluída, in-sólida, materialidade mutante - *corpos-líquidos*.

Escorrem pelas páginas, liquefazem o caderno. ^{Questionam} Tensionam os limites físicos das coisas. Materialidade *em formação* nas relações tecidas com as coisas, ligações afetivas, reações subjetivas: algo fluído que se materializa pelo *meio*, entre *substâncias e superfícies*. Tecer o *meio*, um *entre* objetos e afetos que traça, a cada encontro (ou abandono), um novo modo de habitar as coisas:

Far from being the inanimate stuff typically envisioned by modern thought, materials in this original sense are the active constituents of a world-in-formation. Wherever life is going on, they are relentlessly on the move – flowing, scraping, mixing and mutating. The existence of all living organisms is caught up in this ceaseless respiratory and metabolic interchange between their bodily substances and the fluxes



PROBLEMAS VERSIDOS
TEXTURA DE PESQUISA
MARGENS BORDADAS
ABRIGO DE AFETOS

of the medium. Without it they could not survive. This of course applies to us human beings as much as to organisms of other kinds. Along with all terrestrial vertebrates, we need to be able to breathe. (Ingold, 2011:28)

Respirar. Movimento da vida. *Corpos-matéria* ofegantes, mundos por vir, dizeres em formação, escutas em fluxo, meio em silêncios... Sobrevivência de sentidos e sensações – afetos sangrados pelos brancos do papel, objetos abertos pelas feridas que costuram a pele.

Pesquisa-desenho: teia viva tecida, linhas movimentam a formação de mundos. Uma proposta de deixar-se habitar pelas coisas, despir os objetos numa conversa em que a materialidade das relações e afetividades possam dizer-nos de mistérios indescritíveis pelas palavras. Nudez de objetos, violência à flor da pele. Devir-coisa, devir-pele, devir-sangue, devires... Costurar fissuras ou bordar suas margens? Manter as feridas abertas, violentadas pelas linhas. Amarrar as coisas, sufocar significações, transbordar os sentidos, proliferar vidas. Respirar. Deixar-se afetar pelos mistérios das coisas em devir-objeto: “*não é, diz ele, que um se transforme no outro, mas algo passa de um ao outro*” (Dhôtel apud Deleuze, Guattari; ~~1992~~ ²⁰⁰⁹:225).

Desenhar com os *Vinte Veleiros* de Arthur Bispo do Rosário um rio de palavras velejantes pelas passagens abertas entre essas páginas. Tecer com eles a invenção de problemas, vasculhar com Bispo e seus Veleiros modos de habitar as coisas, tecer afetos, transbordar linguagens, deslocar passagens, (des)formar mundos. Nadez de objetos, fazeres de ninguém. Artista, obra e público não se separam, nem mesmo se identificam, atravessam as coisas, co-existem nas



... multiplicam mundos
nas coisas. Tecer feridas na linguagem que nos
da crítica
poéticas (2012), a problemática ~~do mercado~~ das artes e sua obsessão pelo arquivismo.

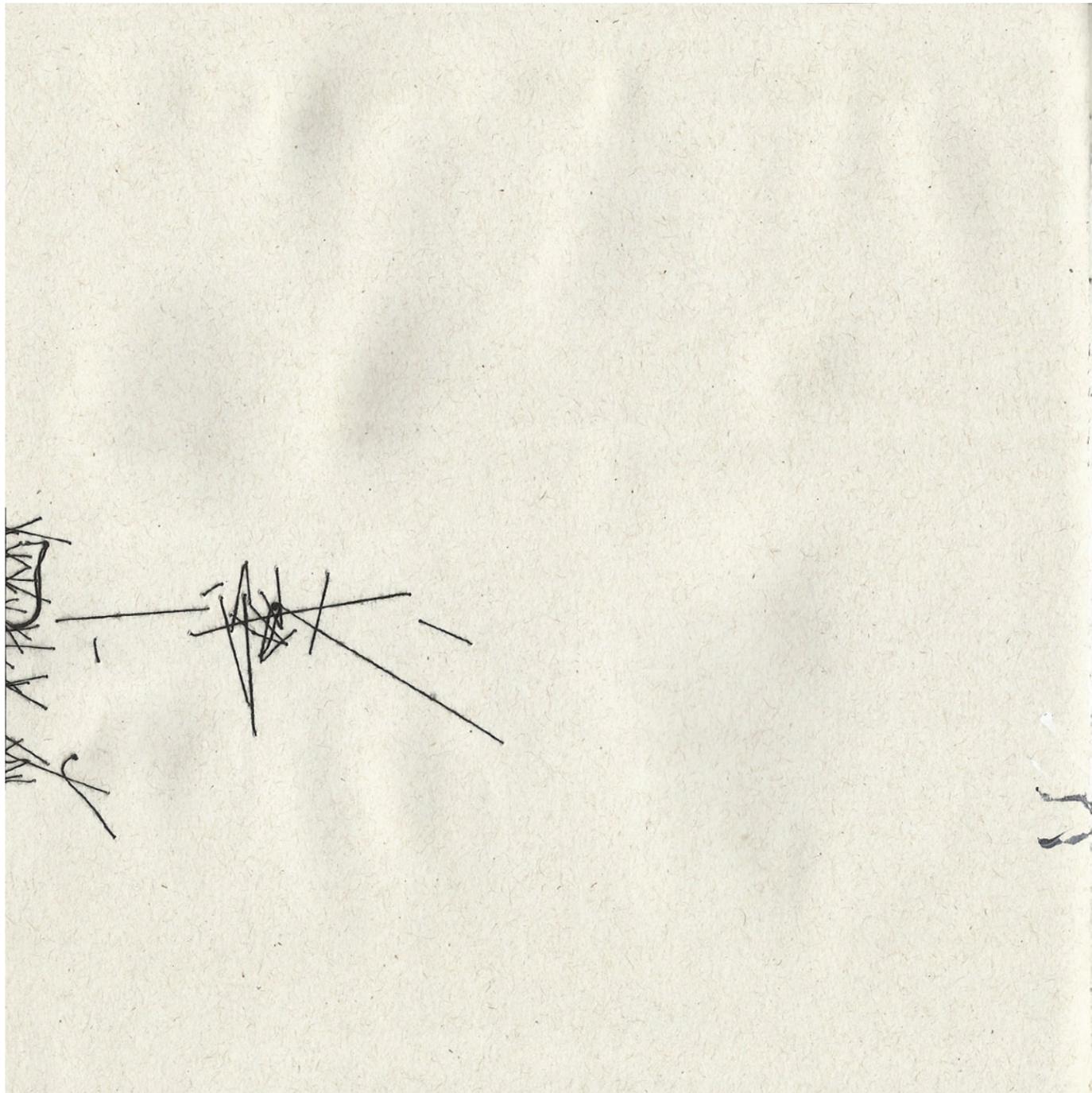
Pesquisa-esboço de corpos adensados que rabiscam um emaranhado de possibilidades pulsantes, abrem vãos e vazios pelos
mas estão sempre sendo redesenhados, uns sobre os outros, ensaiando uma dança de incertezas e (im)previsibilidades.
inventam problemas e soluções coexistentes numa mesma materialidade - pesquisa-desenho a tensionar o que está dado

Segue a *pesquisa-objeto* a desenhar respiros, atravessar Bispos, vazar páginas, inventar encontros,

coisas. Posse e autoria das coisas diluídas pelas linhas tecidas por afetos, devires e proliferação
de vidas: “every such line, in short, is a way through, rather than across” (Ingold, 2011:71).

Ler os brancos dos Veleiros, bordar as margens das palavras velejantes. Encontrar o lado por
onde a gente entra, habitar os Veleiros. Pesquisa-objeto que quer experimentar, com ~~o~~ Veleiros,
Bispos desfigurados da loucura patológica e do hospital. Proliferação de Bispos... Pesquisa-
caderno que quer experimentar, ~~com~~ ^{sem} Bispo, veleiros sustentados por si sós, com vidas próprias, a
traçar suas próprias rotas de navegação. Fios de passagem e passageiros na invenção de problemas com
corpos-Bispo e corpos-veleiros: materialidades diluídas nas relações entre públicos, artes, culturas e linguagens a
serem inventadas no tecido-pesquisa. Modos de habitar objetos e afetos na re-invenção de problemas que
e vidas dentro ~~de~~ ^{de} ~~de~~. Dar escuta às vozes, aos sussurros, aos respiros que habitam uma amplitude escondida
permitam habitar ~~de~~ ^{de} ~~de~~ lugares. Inventar com a presença de Bispo na *Trigésima Bienal de São Paulo – Iminência das*

quais ~~os~~ culturas e ciências divagam, tramam encontros, desenham novos corpos que não se finalizam,
Uma multiplicidade de problemas simultâneos traçados nas páginas que sangram. Experimentações
pelas críticas da cultura, a divagar pelas ciências que habitam as coisas. ~~A DIVULGAR UMA~~
~~TRAMA DE SENTIDOS~~
~~E SENSACIONES~~
manchar linhas, sangrar problemas... Habitar as coisas?



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARROS, M. O livro das Ignorâças. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BARROS, M. Livro sobre nada. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BASBAUM, R. Cita & rede crítica. In: BASBAUM R. (Org.) Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, fúctos, estratégias. Rio de Janeiro: Rio Ambicioso, 2001.

DELEUZE, G. Bergsonismo. Trad. Luiz B. L. Orlando. São Paulo: Ed. 34, 1999.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O que é a filosofia? Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

HERNÁNDEZ, F. O cavalo perdido e outras histórias. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

INGOLD, T. Being Alive: essays on movement, knowledge and description. New York: Routledge, 2011.

PESTANA, F. Entre arte e ciência: imagens experimentam uma ciência aberta. Leitura: teoria & prática. Campinas, n. 59, p. 101-107, nov. 2012.

SITES CONSULTADOS:

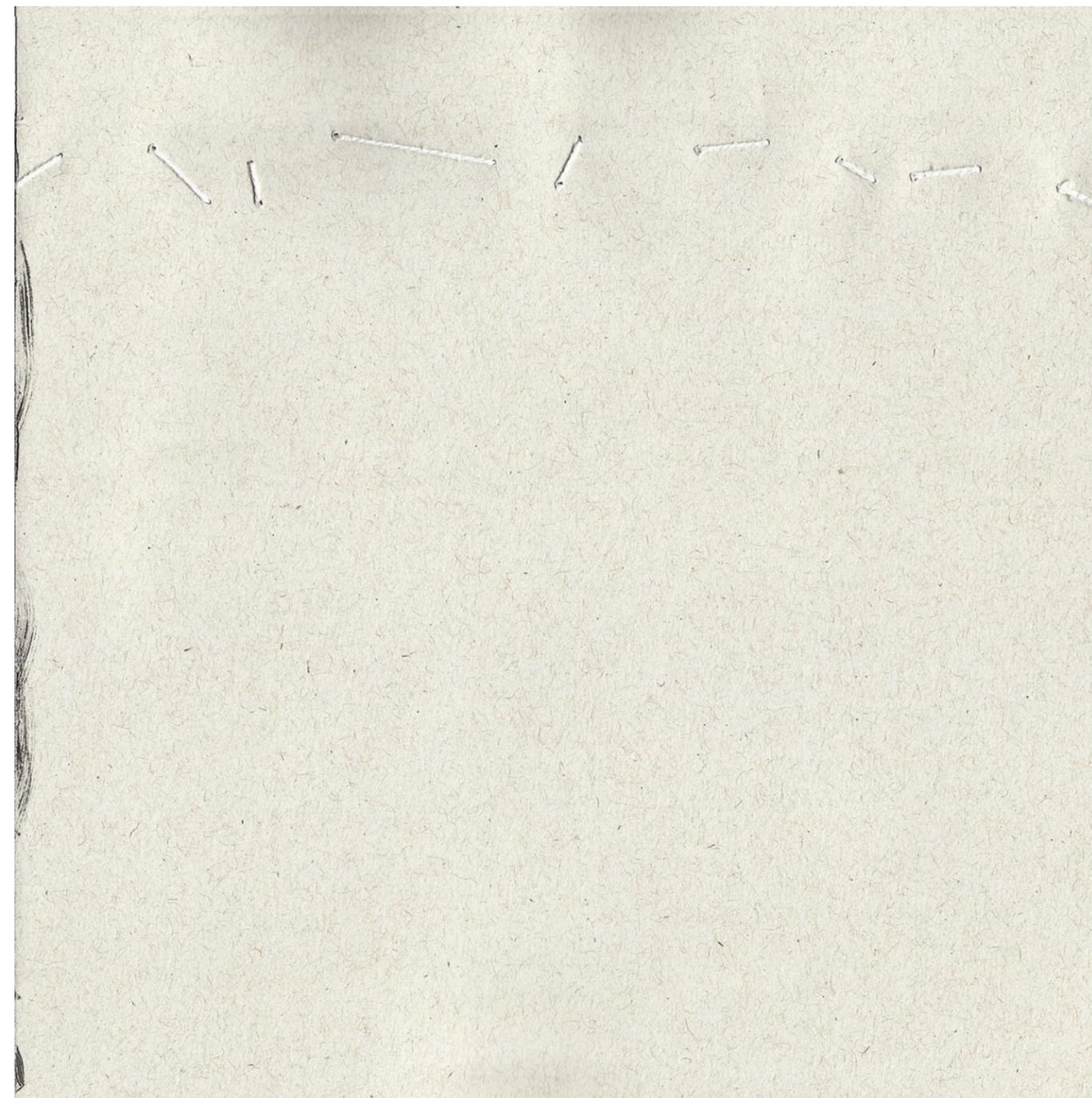
PROJETO LEONILSON. Disponível em: <<http://www.projetoleonilson.com.br/palavra.php>>. Acesso em jun. 2013.



Transbordar margens,
desenhar passagens...

Há quem receite a palavra ao ponto de osso, de oco;
Ao ponto de ninguém e de nuvem.
Sou mais a palavra com febre, decaída, fodida, na sarjeta.
Sou mais a palavra ao ponto de entulho.
Amo arrastar algumas no caco de vidro, envergá-las pro chão, corrompê-las
até que padeçam de mim e me sujem de branco.
Sonho exercer com elas o ofício de criado:
usá-las como quem usa brincos.

(Barros, 2007)



...um rio de palavras nadadoras que se esbarravam a todo tempo — peixes-nadas, peixes-linhas, peixes-palavras... Rio que transbordava escritas marginais aos sentidos. O que restaria, ao traço que desenha as nadeiras dos peixes? Já não havia distinção entre vara, isca, peixe, ~~peixe~~ palavra, linha. Mesmo assim algo saltava. Era o peixe-segredo, que nada disse, desapropriou-se de suas linhas para empréstá-las ou deixar que lhe roubem, abusem de seus desenhos para inventar possíveis passagens entre o rio e as margens. O peixe-segredo se enroscou no peixe-silêncio, e esse não parava de gritar. Aos berros, não deixava ninguém falar, como se a palavra fosse uma sobra, um resto, um excesso... Algo que bloqueava o fluxo de todo um rio de travessias. Enroscados, peixe-silêncio e peixe-segredo desenhavam um outro corpo: o peixe-casa. Este vivia de portas abertas, misturava-se com o povoamento do rio, era habitado continuamente. Mas o peixe-casa não tinha cômodos, apenas incômodos. Nada de confortos para repousar. As paredes eram rachadas, as portas decompostas em frestas, pintura suja e encardida, as janelas caídas — por elas tudo passava. Não se fixava no rio, vivia corrente. Via entrar o peixe-agulha, o peixe-linha e o peixe-escrita mas, novamente, nenhum nada disse. Misturavam-se aos limites do peixe-casa e do próprio rio. Transbordavam as margens, deixavam vazas os (discursos) do rio. Contaminavam a fluidez de sentidos e sensações que se ~~esboçavam~~ ^{lobotomavam} nas linhas de (in)ditáveis, ^{porvir} rascunhos de vida. Às vezes viam o peixe-veleiro passando... Ele flutuava leve sobre o rio, dava carona aos peixes mais cansados e sobrecarregados — eram os peixes-palavras-maiores. Não que fossem maiores em tamanho, mas sentiam o peso do compromisso ~~e da prisão~~ em terem sempre algo a dizer. Muitas vezes, atropelados pela própria fala, não paravam para respirar e faleciam afogados em suas falácias... Anotece, o peixe-branco pinta a tela de azul e vai embora.



O pescador de palavras, 1987. Leonilson.



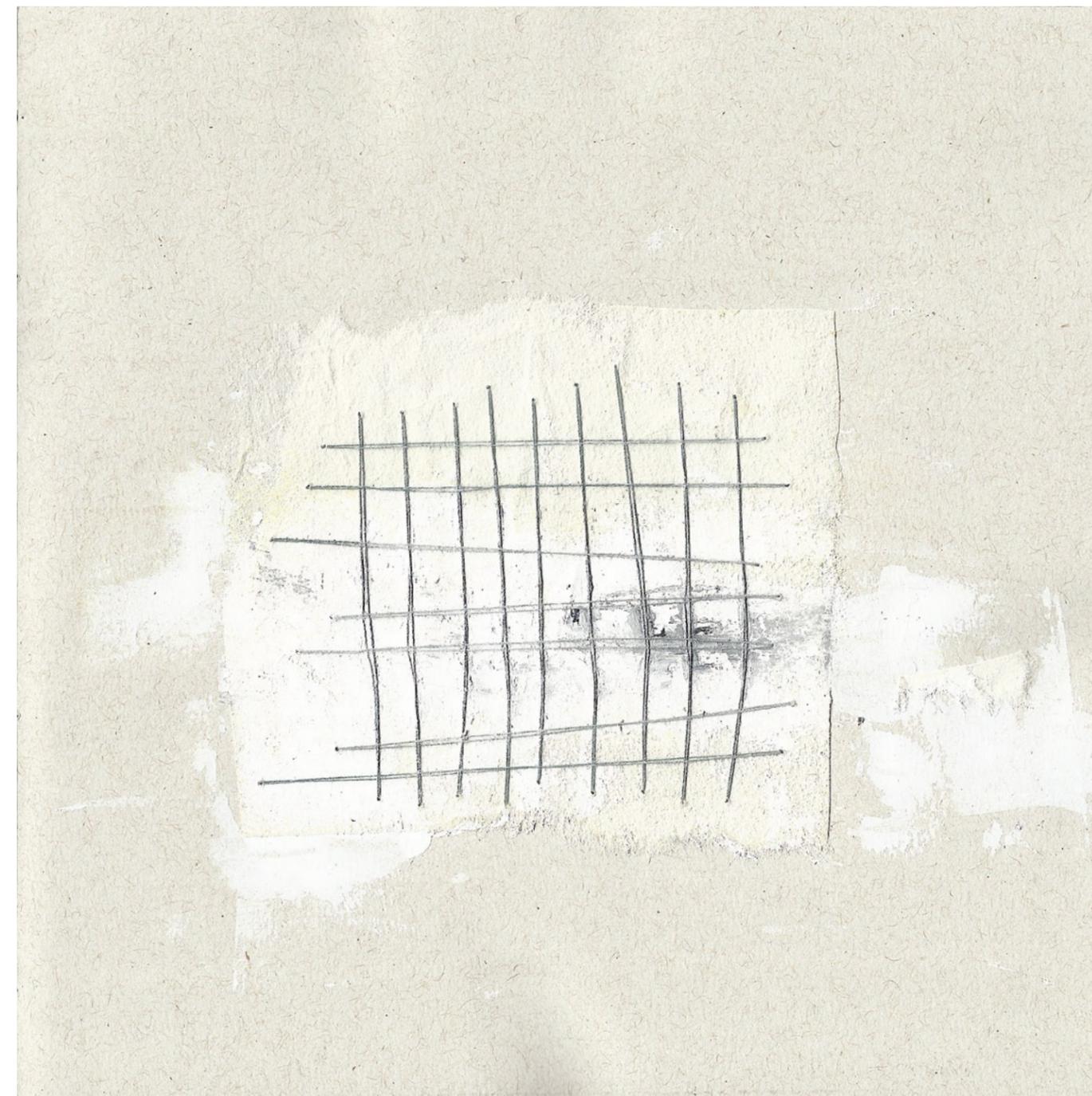
Dizem que foi marinheiro. Dizem que lutava boxe. Dizem que nasceu em Japaratuba, cidade católica de Sergipe. Dizem que nasceu em 1909. Dizem que nasceu em 1911. Dizem que o pai era Adriano. Dizem que o pai era Claudino. Dizem que era louco. Dizem que se isolava nas celas do hospital. Dizem que foi o xerife (Hidalgo, 1996) da Colônia Juliano Moreira, hospital psiquiátrico do Rio de Janeiro, durante cinquenta anos. Dizem que apareceu em 22 de novembro de 1938. Dizem que era Deus. Dizem que foi faxineiro. Dizem que morou no Rio de Janeiro. Dizem que via coisas. Dizem que fazia coisas. Dizem que colecionava coisas. Dizem que parecia Marcel Duchamp no trabalho e no xadrez. Dizem que bordava com linhas de uniforme. Dizem que era artista. Dizem que morreu em 89. Dizem que bordava mantos e estandartes. Dizem que era amigo da família carioca Leoni. Dizem que participou da *Trigésima Bienal de São Paulo: A iminência das poéticas*. Dizem que se chamava Arthur Bispo do Rosário. Vozes misturadas, registros imprecisos, ditos já tecidos. Talvez dizer das coisas seja um modo de habitá-las. Vida e obra marcados por algo entre arte e loucura, desenham um modo de existir que liga diretamente sujeito a objeto – Bispo e os seus fazeres.

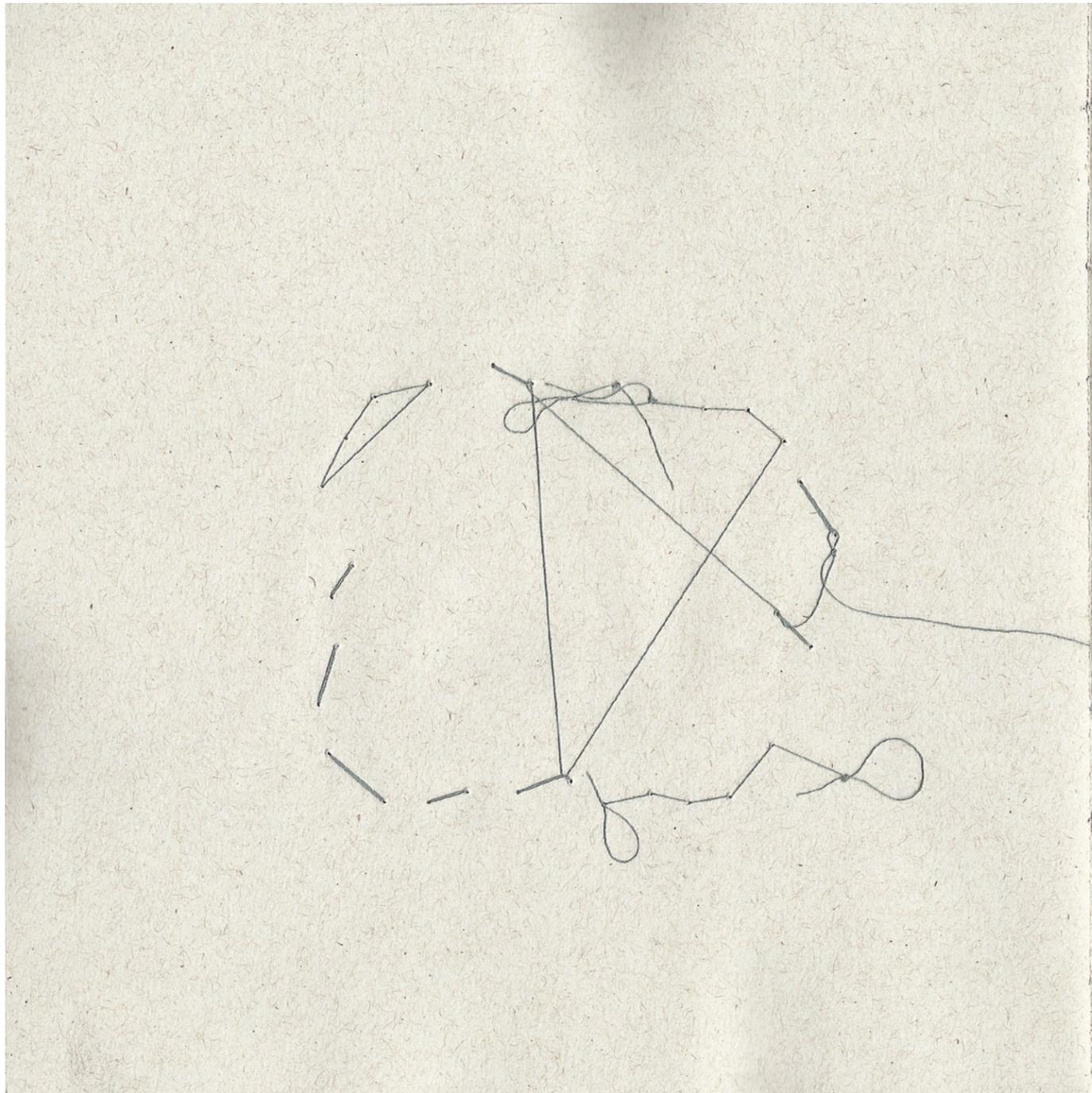
Dizem que foram cinquenta anos de variações de cela a liberdade, de homem a santo, de tecido a objeto, na mente e na palavra. Confeccionava um coisário de miniaturas, representações de mundos internos, pequenos objetos tecidos, colecionados e organizados. *Criador de representações* (Silva, 2003)? Dizeres somente sobre si mesmo, camadas discursivas coladas na vida e nas coisas? Sobreposições em uma biografia? *Construções de narrativas da vida contida em uma única* pessoa: sujeito isolado em sua própria doença, seu próprio mundo? Ateliê-hospital, prisão pessoal, representação da loucura? Identidade esquizofrênica: dizem que gostava de Deus, amava as virgens, separava pecado e castidade. No hospital foi interno e ajudante dos enfermeiros. Fazeres domésticos, bicos nas casas, amizades extra-hospitalares também pareciam não lhe faltar. Tratamento de choque, medicamentos, linhas, tecidos, objetos, coisas, crenças, *palavras*, visões, profecias, jejum e solitária... Rotina, trabalho, fazeres. Um nome para render capítulo: Rosângela Maria, a estagiária *da psiquiatria* para encenar Romeu e Julieta. *talvez uma paixão?* Vertigens e ordenações pessoais transcritas nas coisas?

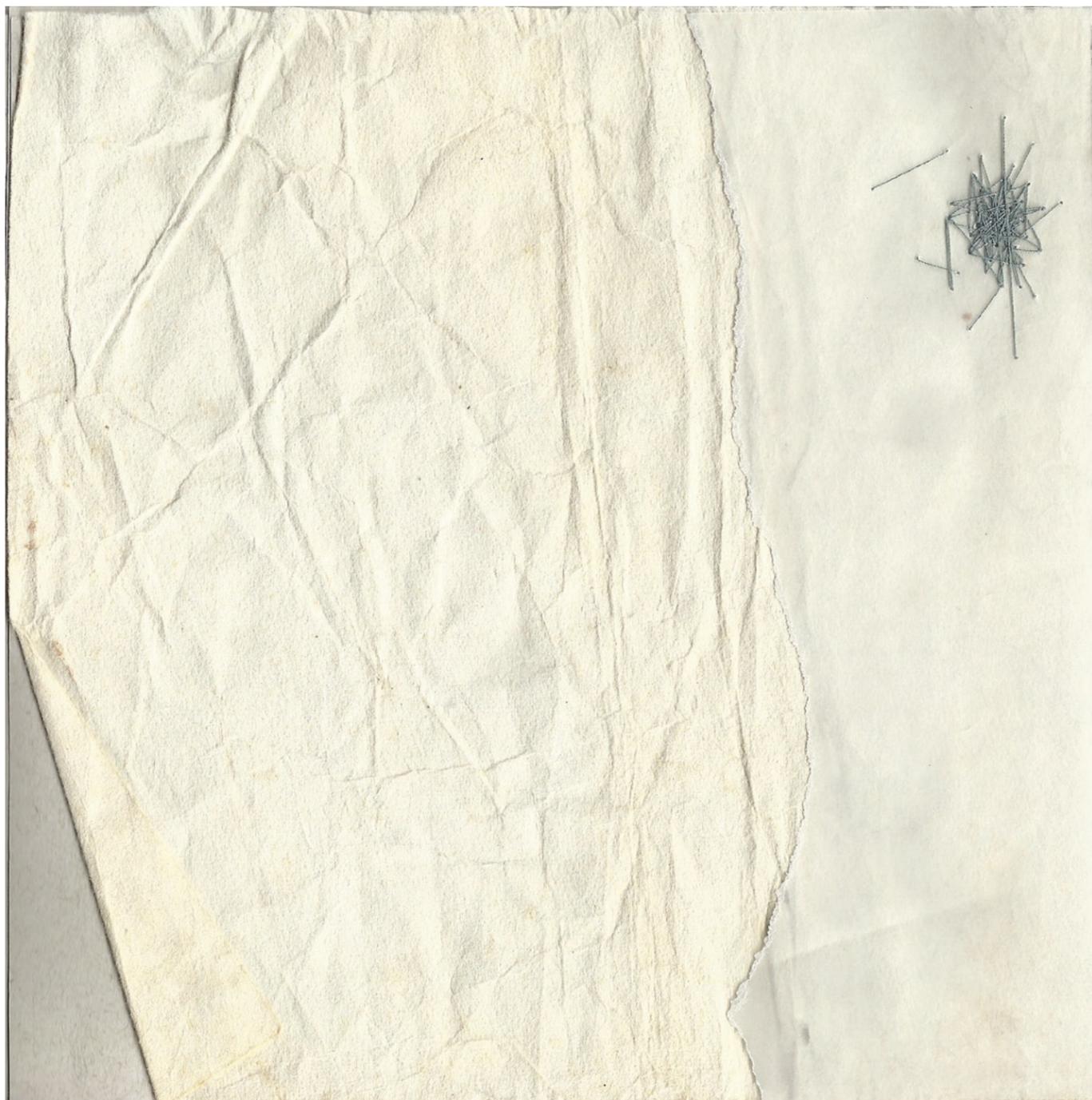
^{das as linhas}
Vivências e histórias coletadas entre pessoas que ~~contribuem~~ para a tecelagem de um sujeito. Palavras e dizeres que atravessam bibliografias de Bispos: compõem o desenho figurativo de um personagem. Vontades de críticas e psiquiatrias em decifrar, entender, explicar. Publicar os dizeres da inconsciência de Bispo, analisar objetos narrativos que marcam tempos e territorialidades de doença e hospital: *função autobiográfica, memorialista* (Maciel, 2004) dos objetos:

Sob esse prisma, pode-se dizer que as vassouras, os baldes, os utensílios domésticos, os produtos de limpeza, as latas de óleo, as garrafas de plástico, reunidos em painéis ou vitrines, contam tanto a história do mundo do consumo e do descartável, como também a da experiência individual de um ex-empregado doméstico. As séries incontáveis de navios construídos em madeira ou bordados em grandes estandartes dizem-nos do ex-marinheiro. Os nomes das pessoas gravados no manto são aquelas que o artista conheceu. Os cobertores e uniformes dos internos, usados como matéria-prima do 'Manto da Apresentação' e de outros trabalhos de bordado, registram o espaço e o tempo de sua loucura. (Maciel, 2004:19)

^{memória}
Objetos-registro de tempo e ~~história~~. Dizeres sufocantes, saturam as coisas enquanto documentos de uma vida, arquivos de um tempo, registros de um indivíduo estranho e delirante que parece carecer de explicação. Palavras preenchidas de sentidos cerceados por culturas e linguagens edificados por regimes e codificações dominantes. Discursos desenhados, contornados por representações e memórias dentro das coisas. Amarras feitas, corpos entrelaçados em uma conversa entre sujeito e objeto, ativos, conectados, autorizados a expressar somente aquilo que um tem a dizer ^{do} outro. Objetos contadores de histórias de um único Bispo – o artista e louco. Mãos fazedoras de coisas representantes de um mundo interno que não pode permanecer em silêncio. Narrativas das coisas conjugadas em tempo e pessoa. Coisas habitadas por inconscientes a demandar significações:







A intencionalidade é algo da ordem da consciência, mas a obra de Bispo, como a dos verdadeiros artistas, é um jorro desmesurado e contínuo de seu pulsar inconsciente. O ego, nos termos de Freud, serve como este da realidade, e essa realidade só interessava a Bispo como seu compromisso de representação do mundo. (Aquino, 2003:75).

Palavras bordadas que, ao mesmo tempo que ferem os objetos e a própria linguagem podendo provocar fissuras em seu entendimento, deixam pistas para decifrar Bispo – ou para testemunhar sua loucura. Tentar entender, dar sentido ao sujeito – fazê-lo conjugar os verbos. Histórias e memórias, objetos-miniaturas de uma vida – *compromisso com a representação?* Composição material de um inventário de mundo interno? Dizeres entre arte e loucura habitados por funções, significados e representações, que demarcam um sujeito-Bispo. Procedimentos de inventar e problematizar as coisas e mundo comprometidos a desenhar uma *figura-Bispo?*

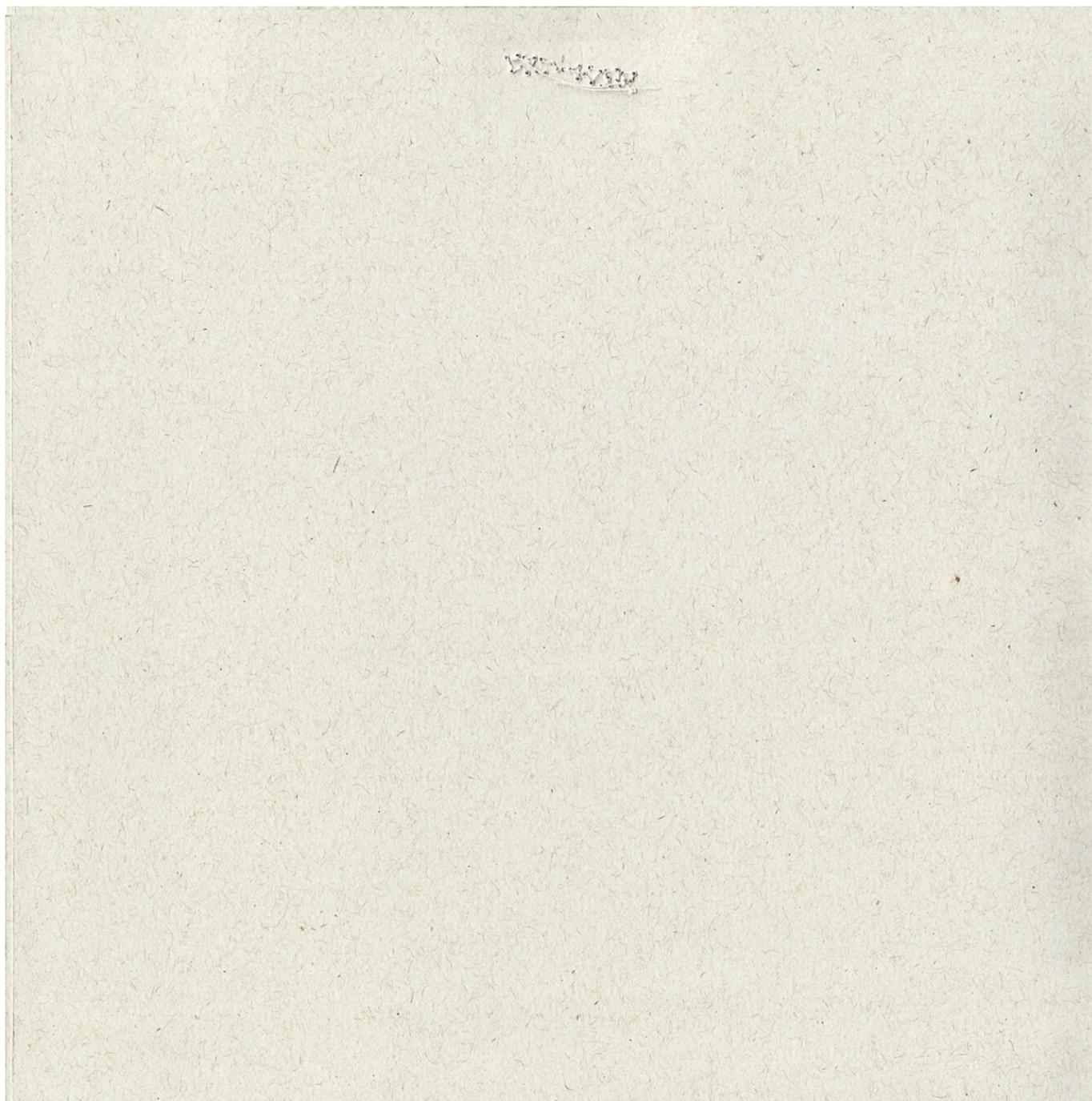
Diante de tantos dizeres, explicações e entendimentos da vida e obra do artista-louco, haveria outros modos de habitá-los? *Des-sujeitar* a obra, pensar os modos como ela pode se sustentar nas ^{relações} que tece com o mundo sem costurá-las, necessariamente, à biografia do artista? Como habitar as moradas inventadas ^{nos objetos}, escutar as vozes dos silenciosos fragmentos de mundos e Bispos multiplicados pelas coisas que fez? Desenhar brancos com as coisas, transitar entre um *inventário de mundo* e um *coisário de nadeiras* (Barros, 2009) compostos com ^{os objetos que possuem} o mundo? Sobrepor outras linhas em um movimento de *desformar* (como poderia nos propor Manoel de Barros) a *figura-Bispo?* Encontrar portas para travessias, passagens que, no encontro com o outro, desenhem moradas nômades a abrigar vidas por vir. *Transbordar* as grafias de vida que ferem a pele dos objetos e das palavras, ^{Corpos} tramam por objetos e afetos a proliferação de sentidos e sensações.



Vinde a um veleiros, (sem
data). (Colecção Museu Bispo do Rosário - Arte Contemporânea)



Vinde a um veleiros, (sem
data). (Colecção Museu Bispo do Rosário - Arte Contemporânea)



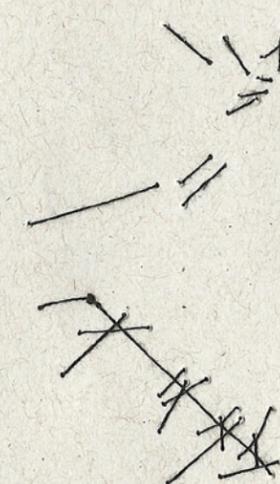
Vinte e um veleiros ^{mancham} ~~atracam~~ no caderno. Velas erguidas transbordam as margens das palavras, bebem o sangue das páginas. ^{Embarcados na} Abrigados pela textura do papel, dizem (em silêncio), algo sobre os modos de habitar as coisas. Desenham aberturas para a passagem de habitantes estrangeiros. Fazem o convite a navegar *com* eles, velejar pelos rios que escorrem ~~em~~ pelas caixas-de-texto, cruzar margens, tramar afetos, abrir feridas de agulha e linha para dar a ver outros povoamentos nos objetos. Ir além das memórias da marinha, das representações de uma profissão, das evidências de uma doença. Enxergar outros caminhos para trafegar pela trama ~~que~~ ^{de afetos e sensações que pode} atravessar os veleiros e bordados.

Sopros de falas movimentam as velas – para onde vão? Falecido, Bispo não diz. Vez da crítica, voz alta – tez ferida, resiste! Querem é ouvir o que *ninguém* tem a dizer... Vozes sem sujeito, desorientações – perderem-se no vento. Adentrar um movimento em que *veleiros* e palavras desintegram-se naquilo que *não dizem*, naquilo que não tem palavra, seca a boca, deixa a sede. Sede crítica, cultura em jogo. Se não há palavra, o que compor com o indizível? Crítica seca, *ninguém* diz. Des-autoria das vozes – multiplicação de gritos e silêncios que desenham o branco no papel, *desformam* a figura-Bispo.

Desenhar memórias de *ninguém*, associações a nada. Nem Bispo, nem veleiro, nem marinha: *pano cru*. Velas avantes por si sós, o que podem dar a ver das coisas? Como divulgam o que se inventa no encontro *artista-mundo-público*? Possibilitam algum modo de divagação cultural, de habitação dos tecidos do mundo que não se dê por narrativas que retenham a vida e o tempo à um sujeito memorável? Histórias por inventar, caminhos a traçar, vidas a habitar. Não dizer *sobre* Bispo nem veleiros, mas embarcar *com* eles pela travessia de rotas que se apegam às suas linhas soltas.

Restos e retalhos de tecidos, linhas de uniformes *desfiados*. Materiais coletados tecem *vinte e um veleiros* que parecem deixar-se afetar pelo desgaste e pela precariedade das coisas, unirem-se a elas por forças sensíveis para a (re)composição de uma nova vida – seria possível despir as coisas dos dizeres críticos (e clínicos), *conservá-las* em sua própria *pele-vela*; objetos nus usando panos que des-vestem? Experimentar habitá-los de outros modos buscando os brancos, *os lados por onde a gente entra*, os devires-veleiros? Encontrar mundos navegantes pelas linhas que os atravessam..

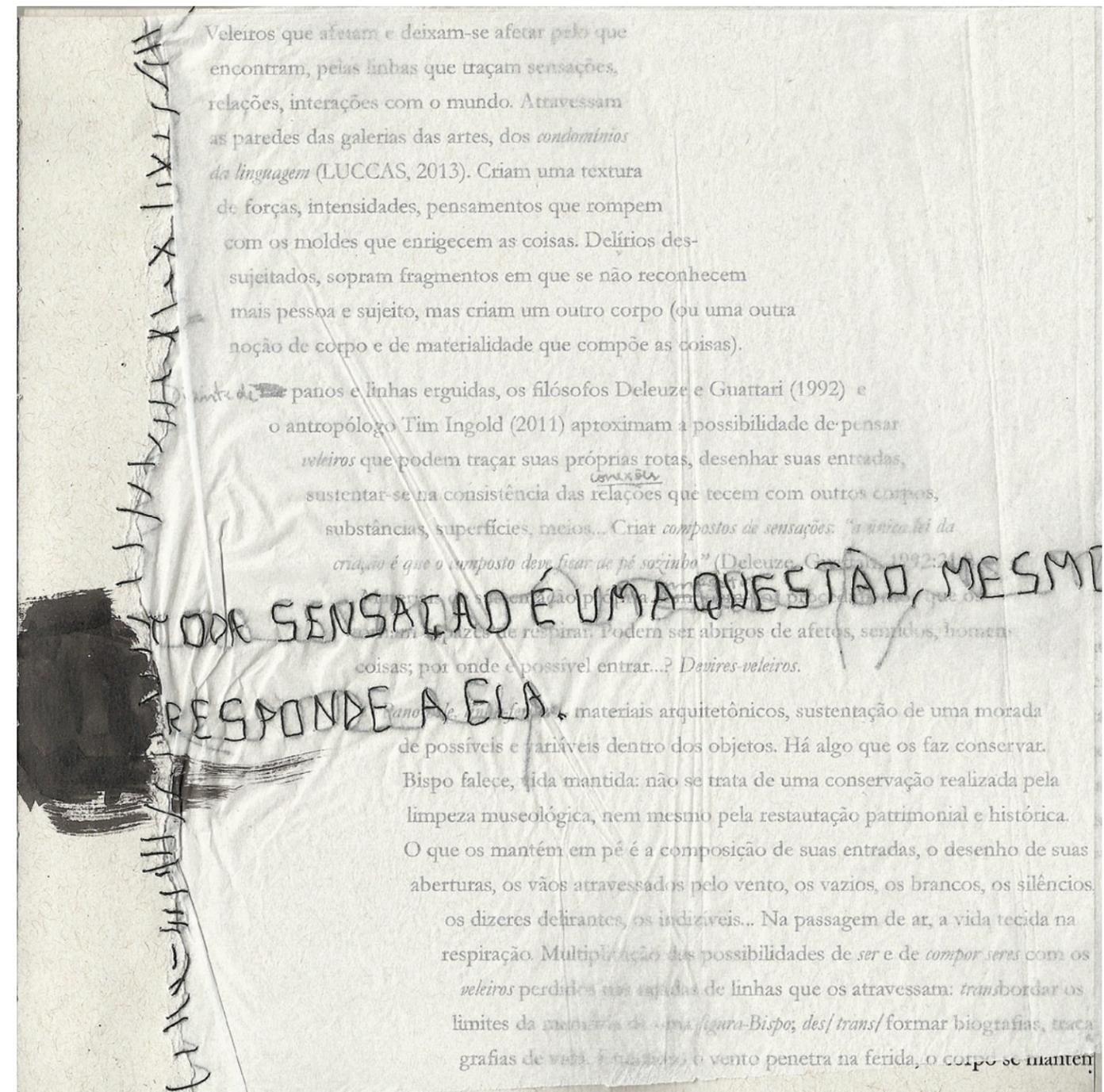
Desfiar os ditos tecidos, esticar as linhas até o desconhecido, tramar com as coisas possibilidades de dizeres (e silêncios) independentes, (re)compor vidas com os objetos, fazer deles *objetos delirantes* que embaralham linguagens e significados, sentidos e sensações, e que se fazem *durar por si sós...*

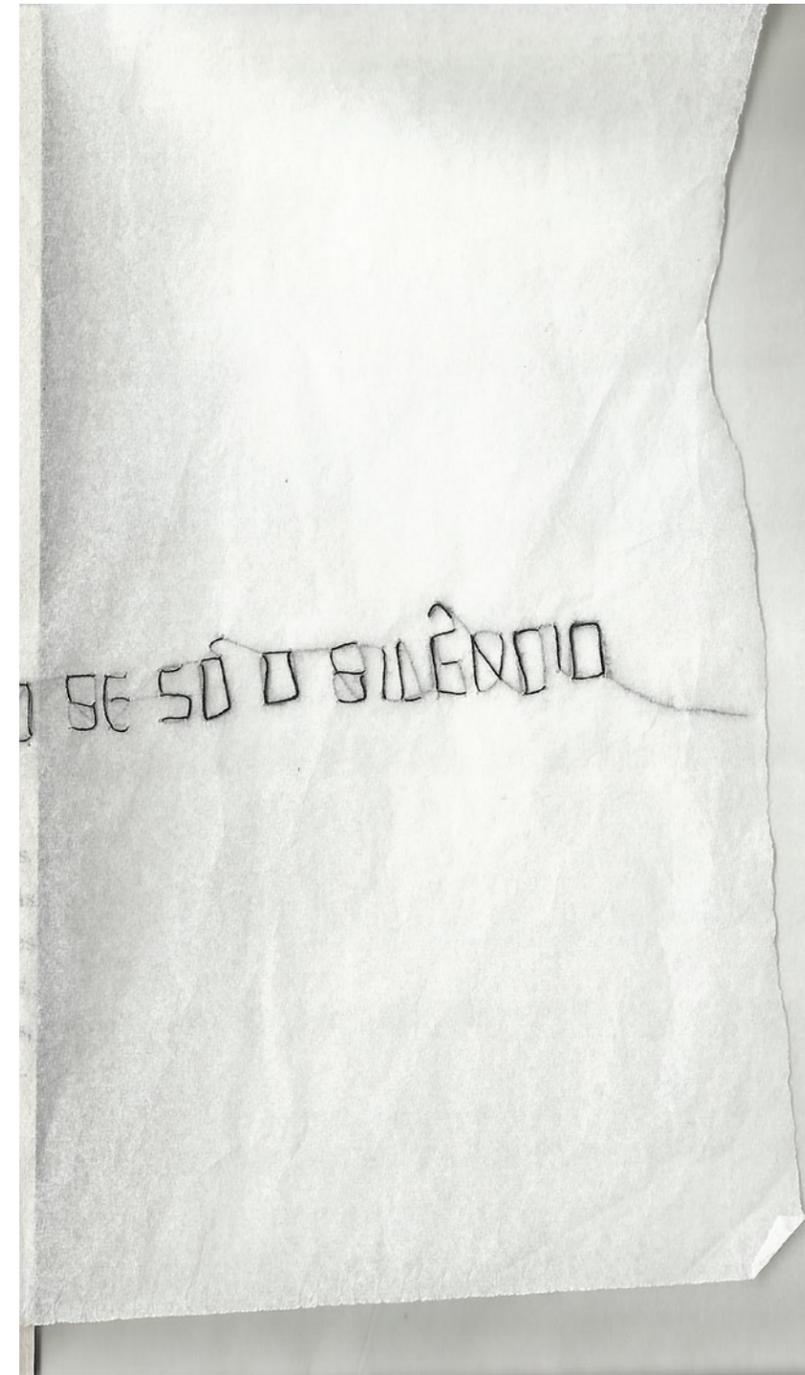
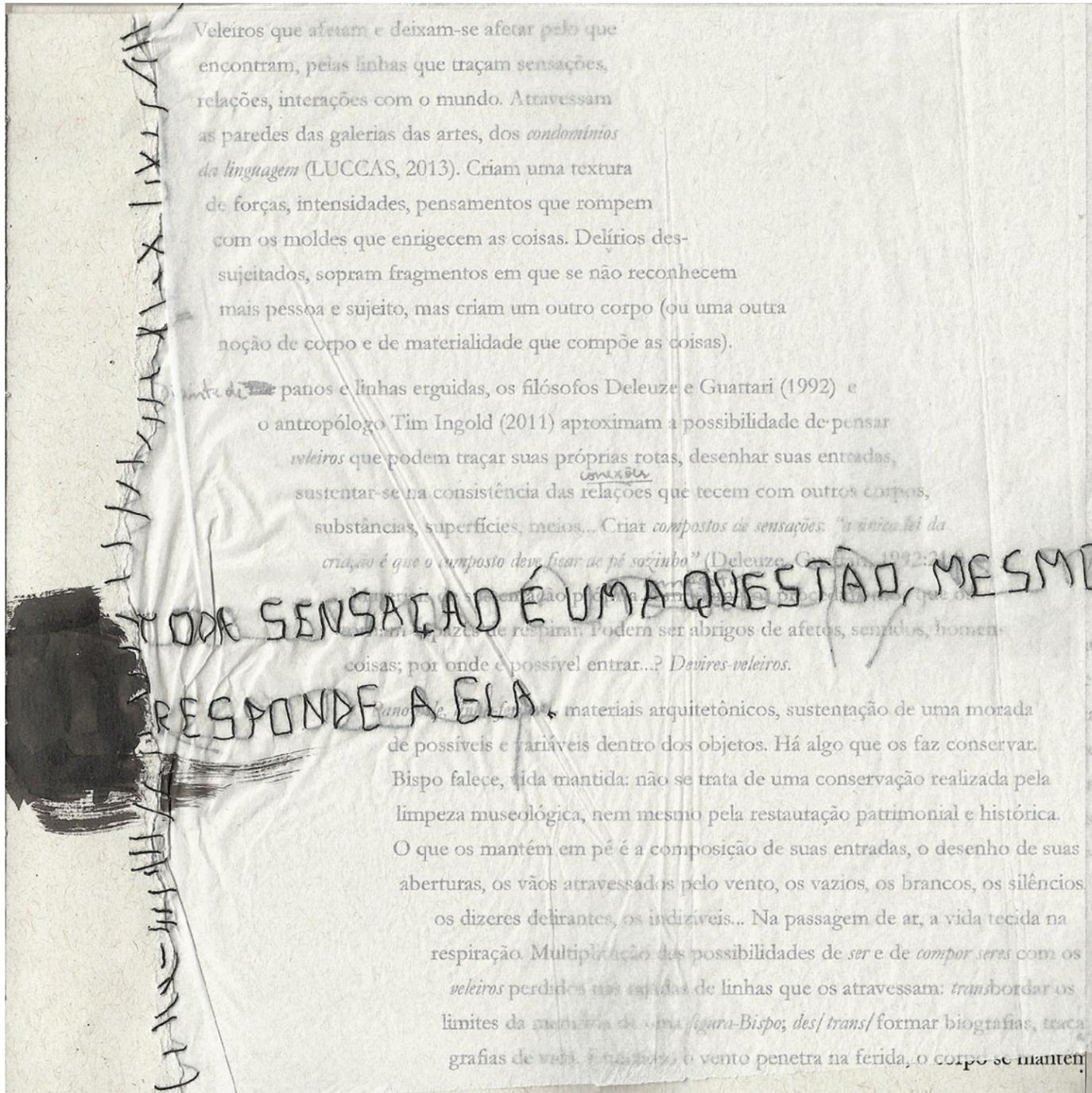


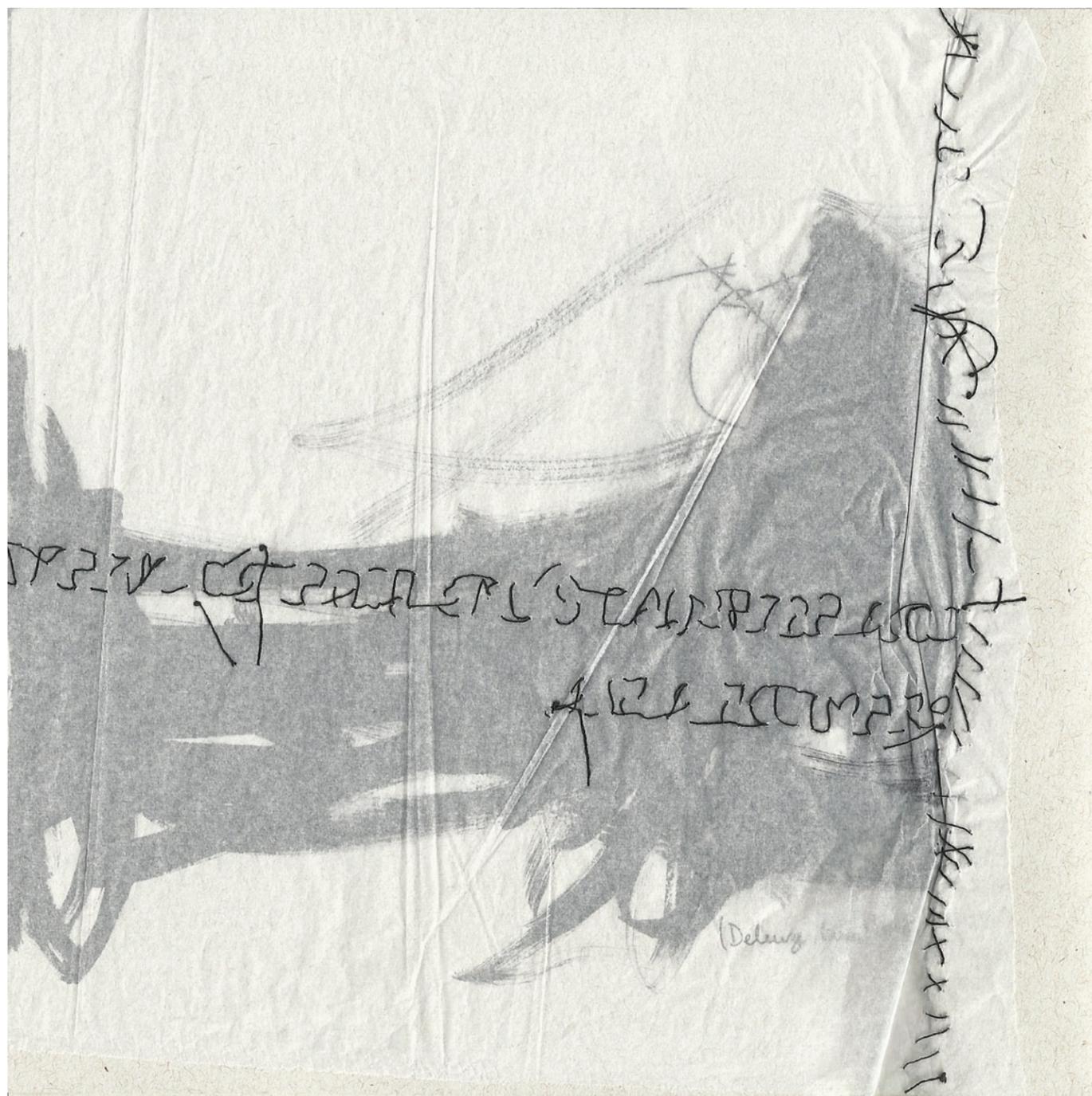
Teia tecida, amarras complexas, linhas soltas. Apostar em veleiros que podem resistir às narrativas da *psiquê* que tentam traduzir seus (in)dizeres ou costurar suas grafias à mente de Bispo. Palavras bordadas representantes da loucura? *Veleiros* porta-vozes de alucinações alheias a eles? Dizeres desconexos desencontros de palavras, absurdos verbais nas margens *transbordadas* dos veleiros: não se poderia dizer que o delírio está nos próprios *veleiros*? Feridas bordadas nos objetos, escorrem palavras, erguem moradas de afetos e sensações desenham brancos – deliram na escrita do branco e do silêncio

Sei que fazer o inconexo aclara as loucuras
Sou formado em desencontros
A sensatez me absurda
Os delírios verbais me teraputam
(Barros, 2009:49)

Dizem que por conta da esquizofrenia, Bispo tinha obsessão em preencher todos os espaços, não deixar vazios. Um fazer orientado pelo delírio que tomava de tempos em tempos. Tecia e tecia palavras nas coisas, saturava-as de linhas. *Vinte e um veleiros vizinhos*, cada qual em sua morada, erguidos pelas linhas das palavras, talvez estejam tecendo o próprio vazio. Nas dúvidas e incertezas que deixam, quem vem a preencher com explicações e traduzi em significados é que vem para fechar as portas e janelas, sufocar o vazios, descompor os brancos, ofuscar o lado por onde se entra







Veleiros que afetam e deixam-se afetar pelo que encontram, pelas linhas que traçam sensações, relações, interações com o mundo. Atravessam as paredes das galerias das artes, dos *condomínios da linguagem* (LUCCAS, 2013). Criam uma textura de forças, intensidades, pensamentos que rompem com os moldes que enrigecem as coisas. Delírios des-sujeitados, sopram fragmentos em que se não reconhecem mais pessoa e sujeito, mas criam um outro corpo (ou uma outra noção de corpo e de materialidade que compõe as coisas).

Diante de ~~de~~ panos e linhas erguidas, os filósofos Deleuze e Guattari (1992) e o antropólogo Tim Ingold (2011) aproximam a possibilidade de pensar *veleiros* que podem traçar suas próprias rotas, desenhar suas entradas, sustentar-se na consistência das relações que tecem com outros corpos, substâncias, superfícies, meios... Criar *compostos de sensações*: “a única lei da criação é que o composto deve ficar de pé sozinho” (Deleuze, Guattari, 1992:214).
Materiais de sustentação própria ^{compostos} ~~compõem~~ por procedimentos que os tornam capazes de respirar. Podem ser abrigos de afetos, sentidos, homens, coisas; por onde é possível entrar...? *Devires-veleiros*.

Pano-pele, linba-ferida – materiais arquitetônicos, sustentação de uma morada de possíveis e variáveis dentro dos objetos. Há algo que os faz conservar. Bispo falece, vida mantida: não se trata de uma conservação realizada pela limpeza museológica, nem mesmo pela restauração patrimonial e histórica. O que os mantém em pé é a composição de suas entradas, o desenho de suas aberturas, os vãos atravessados pelo vento, os vazios, os brancos, os silêncios os dizeres delirantes, os indizíveis... Na passagem de ar, a vida tecida na respiração. Multiplicação das possibilidades de *ser* e de *compor seres* com os *veleiros* perdidos nas rajadas de linhas que os atravessam: *transbordar* os limites da memória de uma *figura-Bispo*; *des/trans/formar* biografias, *traça grafias* de vida. Enquanto o vento penetra na ferida, o corpo se mantém

Ventam as linhas, os veleiros se movimentam em um gesto de desenhar de suas próprias rotas. *Veleiros-esboços*, ^{traços} inacabados, sem pé nem cabeça, sem tempo nem espaço. Não trafegam de um ponto a outro, mas rascunham uma travessia na qual se perdem, entre afetos e objetos, povoações e (não) lugares, meios e ninguéns, ^{passagens} nadas e funções... Traçam possibilidades de *veleiros-em-formação*, criam uma textura de mundo, uma trama (*meshwork*, Ingold, 2011) de conexões entre *habitats* e habitantes nos vãos e brancos abertos em suas moradas.

Desfios de velas, des-velas, fios de velas. *Des-coisar veleiros*. Habitar a costura em processo, o perder-se no meio do caminho da tecelagem. *Veleiros* em fluxo contínuo no encontro com o outro, a materialidade não é mais aquela que faz as ligações rígidas entre átomos e moléculas. A materialidade está na criação de outras conexões possíveis, outras reações, outros entrelaçamentos. Amarras que podem dar outras existências aos veleiros, ^{micronicamente} que não estão no plano do palpável. Vidas em processo, linhas que se conectam, fragmentam, segmentam, soltam, divagam, divulgam. Para além do que os domínios da física e da química podem prever, os *veleiros* transbordam uma maré tão “incontrolável”, quanto os jardins da casa de Monet (Deleuze, Guattari; 1992). Inundados por habitantes desconhecidos, entram em processo de composição de corpos em devir: a tecelagem de uma trama de afetos e sensações. *Corpos-em-formação*, compostos que habitam a possibilidade do não-tátil, da materialidade fluída fora do controle do manipulável:

It is a question not of imposing form on matter, as in the so-called hylomorphic model of creation, but of intervening in the fields of force and flows of material where in the forms of things arise and are sustained. (Ingold, 2011:178)

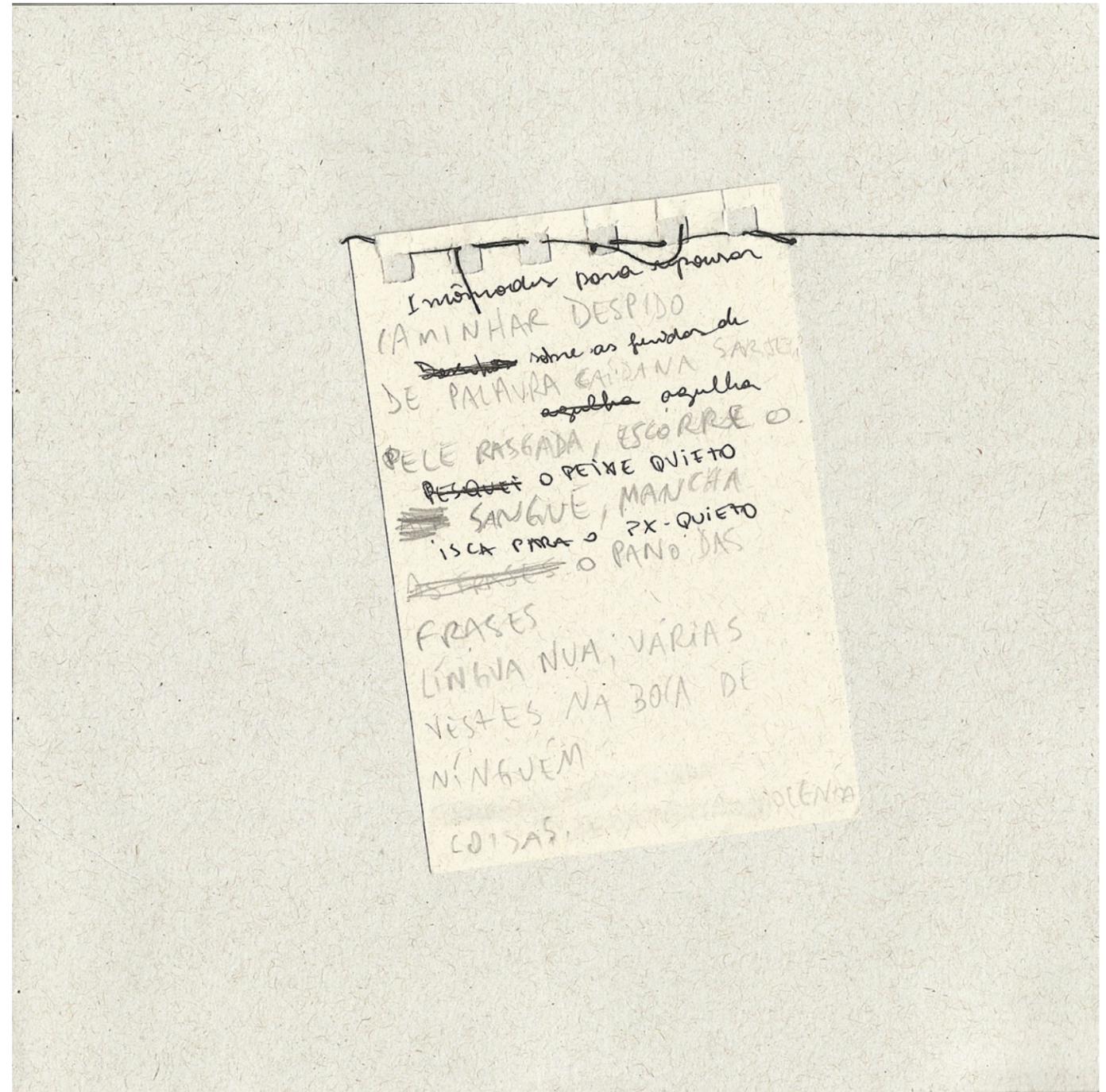
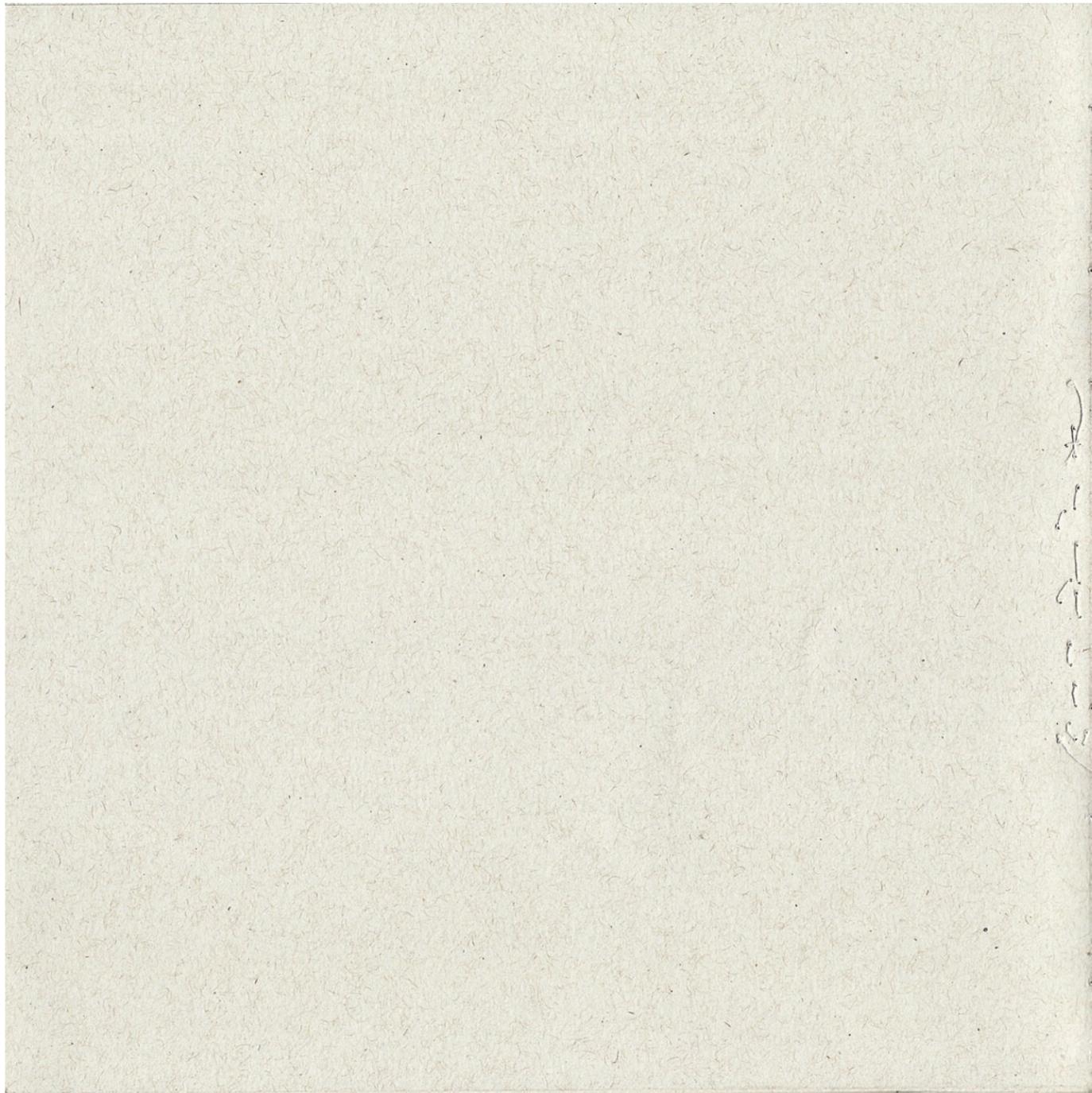
Não é coisa formada, é *coisa em formação*, ^{adornar} intervenções que diluem as coisas de sua condição física, e que as desatam das ações higienizantes, restauradoras, explicativas e significantes. Materialidade que se dá nos mistérios guardados pelos *vinte e um veleiros* e que se pode acessar por outras entradas. Materialidade dos fluxos e campos de força que os atravessam e des/re/compõem suas propriedades físicas e químicas – sustentação incapturável de suas moradas. Pele machucada, ferida exposta, traços inacabados, fios soltos, respiros desenhados, *é aí que a coisa está de pé*. Tentativa de esboçar uma pesquisa-desenho com os veleiros, diluí-los pelas vírgulas das frases, pelas reticências dos parágrafos, pelo desenho das palavras, entre as *linhas-escritas*. Deixar vidas escorrerem no sopro das páginas, provocar o (re)nascimento dos veleiros no caderno.
Desformação de figura e coisa, corpo plástico, morada nômade.

Veleiros-em-formação puxam os fios, soltam as linhas, emaranham-se nas forças atuantes, afetam os sentidos, reformulam os significados, provocam sensações, inventam problemas com/sobre o mundo, causam estranhamentos. Uma trama de possibilidades de des/trans/formações que podem acontecer no encontro com o outro, *devires-artista, devires-público, devires-veleiros, devires-arte, devires-mundo*. Casa feita de aberturas, passagens de ar, colunas de vento: portas, janelas, fendas, rachaduras, frestas, vãos, feridas e fissuras: os buracos da agulha. Por onde o ar passa, o silêncio se desenha, o branco se escuta, a arquitetura dos objetos se sustenta. *Arquitetura dos sopros*. Por onde o ar passa há vida: respiração, trocas de gases, reações de substâncias, atrito de superfícies, desenho de materialidades, cruzamento de linhas, tecelagem de corpos. Desenho de uma *arquitetura-trama* sustentada pela materialidade das linhas e conexões; afetos e objetos:

Considered as a constituent of the material world, a stone is indeed both a lump of matter that can be analysed for its physical properties and an object whose significance is drawn ~~from~~ from its incorporation ~~to~~ into the context of human affairs (Ingold, 2011:31).

Cada veleiro uma morada; vinte e um veleiros um bando de moradas; vinte e um veleiros também habitantes. Base de madeira preenchida com veleiros. Textura de velas, panos, palavras? Base de nadeiras esvaziadas com veleiros. Veleiros amarrados a moldura de madeira – obsessão por preenchê-la com veleiros? Veleiros amarrados a moldura de nadeira – suporte que ambienta o desenho de encontros insperados? Parágrafos esquizofrênicos – Texturas de veleiros também casas; linhas costurando mundos e desenhando a crueza dos panos. *Veleiro-casa, veleiro-habitante, vinte-e-um-veleiros-moradas, vinte-e-um-veleiros-moradores*. Mundos texturizados tecidos nos objetos.

Veleiros abrigados pelo entorno, pelo ambiente envolvente, pelos sopros que atravessam suas feridas e erguem seus corpos: "But the relation is not between one thing and another – between the organism 'here' and the environment 'there'. It is rather a trait along which life is lived" (Ingold, 2011:69). Linhas que atravessam as coisas, mas não ligam os pontos, grafam caminhos de acontecimentos, vivências e experiências. Multiplicação de existências sem nomes, desapegadas de origens, desapropriadas de funções... Incapturáveis pela escrita, pela explicação, pela narrativa. *Figura-Bispo* des-formada, pulveriza seus respiros, resquícios e vestígios de vida. *Figura-Bispo* de(s)formada, substância, superfície e meio diluem-se pelo fluxo que passam, criam novas amarras com os corpos que encontram, desenhando passagens nas coisas que atravessam. Bocas que não falam, apenas sopram e assobiam. Ofegam, inflam, enchem, esvaziam... Suspiros que quase (per)formam Bispo. Assobios que dão ritmo ao vento, dançam os pulmões das coisas. Aspiração de ar e substância que impregnam na pele e correm no fluxo do sangue.



Ouvir os gritos das velas, rasgadas
e perfuradas pela agulha: atrito
de superfícies quando a linha
que atravessa no pano cru, abre
feridas e costura a pele das coisas.

Procedimento de bordar? Mais do
que isso. Procedimento de violentar, ferir,
rasgar, penetrar nas coisas, ofender seus mistérios
indizíveis, seus segredos silenciosos, seus cheiros
inaudíveis, seus gostos impalpáveis... Condição de existência
desestabilizada, a coisa fica plástica. Dissolve o molde
uniforme, vira pano cru. Vem a linha tecer *palavra-textura*,
veleiro-costura, levantar mundos e moradas velejantes.

A cada encontro com *alguém*, suas aberturas são
habitadas. Velejantes e viajantes cruzam suas rotas, unem-se no tráfego por um
caminho desconhecido, criam afetos, perdem-se pelo labirinto que tramam as
regidos por *ninguém*, apegados ao nada, continuam em fluxos *artista-objeto-público*,

Alguém se aproxima... será que alguém, calado, os ouve?

Se calado os ouve, no silêncio *alguém* se desintegra... Silêncio que dá voz
que elas dizem o que não se sabe: "*compreender é habitar o espaço entre, onde o*
de corpos e palavras, mas nas rupturas de suas margens e peles. Palavras
respiro às palavras, ferem as lógicas da linguagem, grafam vidas nas velas.

Grafias de palavras nos veleiros, não (de)nominam ou narram as coisas, mas
coisas. As linhas bordadas combinam palavra e objeto, materializam as possíveis
Bispo, entra no fluxo da vida. Veleiros são atravessados, então, por linhas que
~~Um trabalho minucioso na tecelagem da escrita, costurada~~

passagens. Mas não sugerem uma relação de dependência nem de posse de *alguém*, mantêm-se *em pé*,
e em *devires-outros*.

aos sentidos e sensações, abandona o *alguém*, *des-sujeita* os objetos. O silêncio é um modo de habitar as coisas, assim é
silêncio se afirma como modalidade significativa de sentido (...). (Vilela, 2000:49). É porque o silêncio não se encontra na ausência
emudecedoras, vazios sonoros habitados pelos sussurros invisíveis das coisas. Silêncio passageiro das entradas que dão

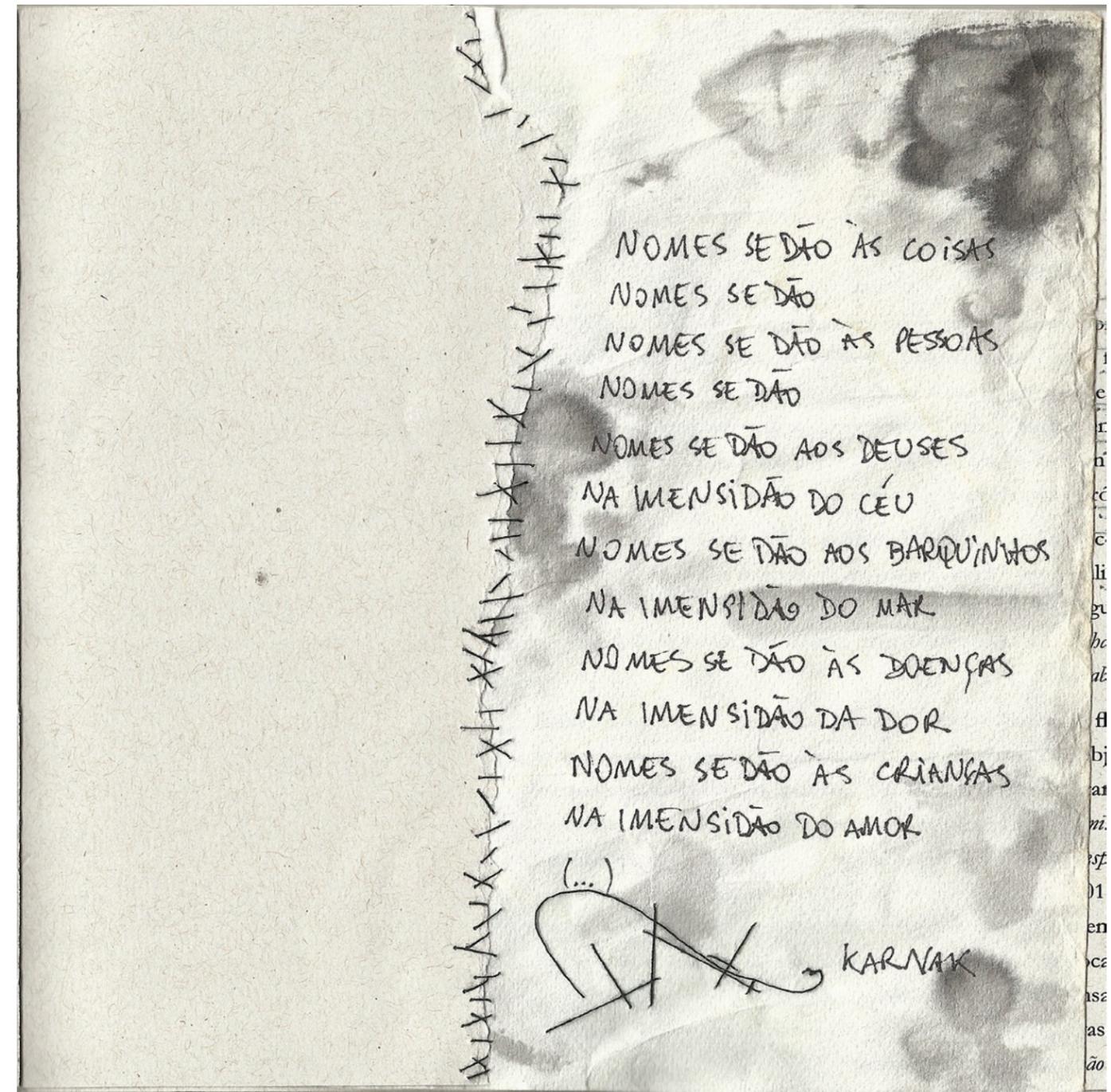
as habitam com dizeres *transbordantes* pelas margens da linguagem, delirantes nas explicações e entendimentos das
relações que cruzam as percepções do artista em relação à linguagem – a palavra ganha materialidade nos bordados de
geram uma "*tensão internamente ativa, nascida do movimento*" (Kandinsky, 2001:102), ~~Um trabalho minucioso na tecelagem da escrita, costurada~~
nos *veleiros* não para ser lida, pois são palavras silenciosas, que querem mais é velejar a encontro do (des)conhecido.

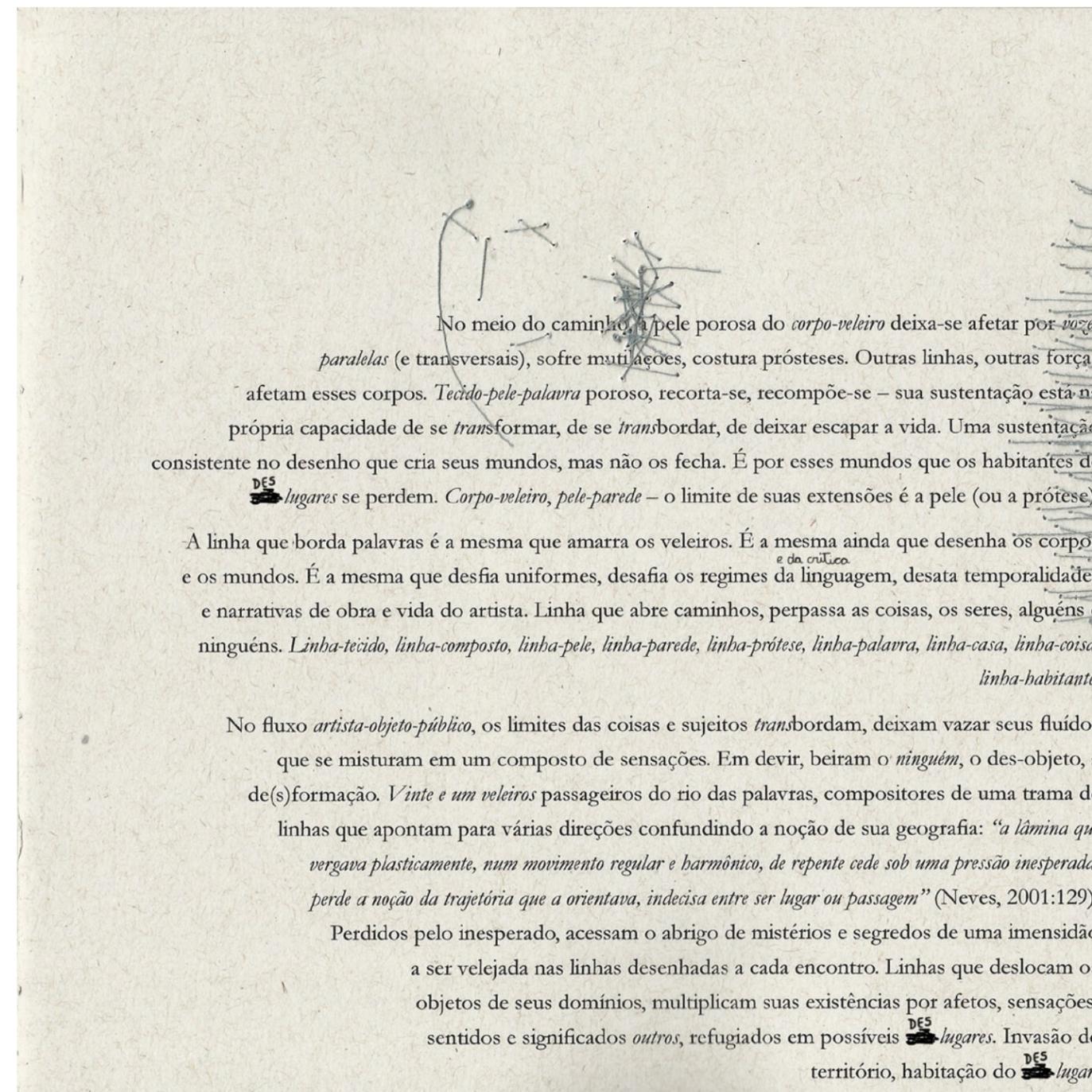
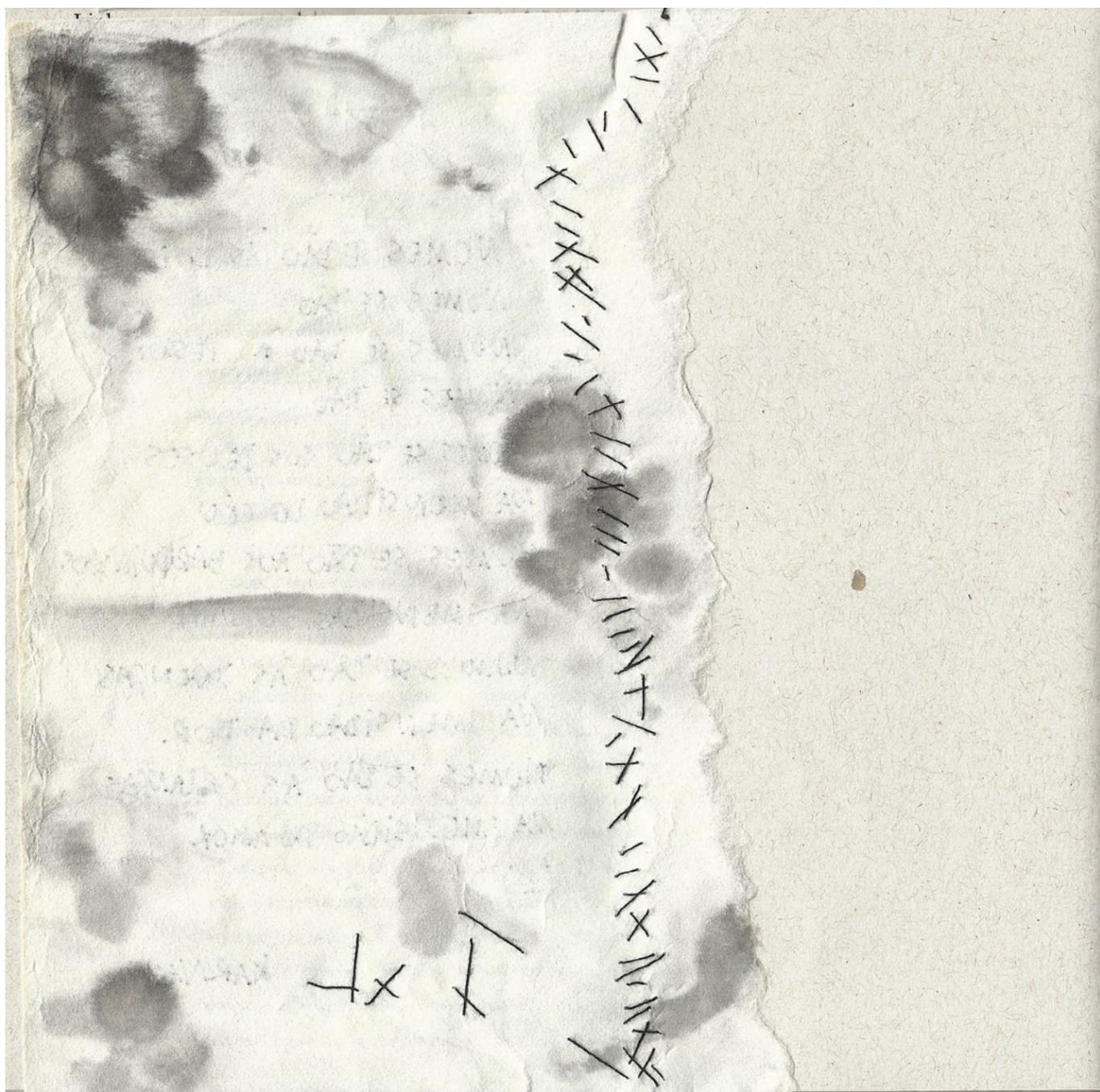
Linhas que amarram veleiros ao suporte de madeira, linhas que amarram palavras ao suporte de pano... Impedimento para navegar? Talvez movimento sem sair do lugar. Amarras frouxas a encontro do vento que as desata, da força marítima que os leva. Segue o bando de velas erguidas a (re)atar amarras em suspensão no (m)ar, movimentar nomadismos de pensamentos, *devires*... Segue o bloco que *não é de ninguém, mas está 'entre' todo mundo*, movimenta-se nas tensões criadas nos limites entre os corpos, domínios e des-re-territorializações dentre os quais se perde, é largado e roubado no meio do caminho das linhas que o atravessa.

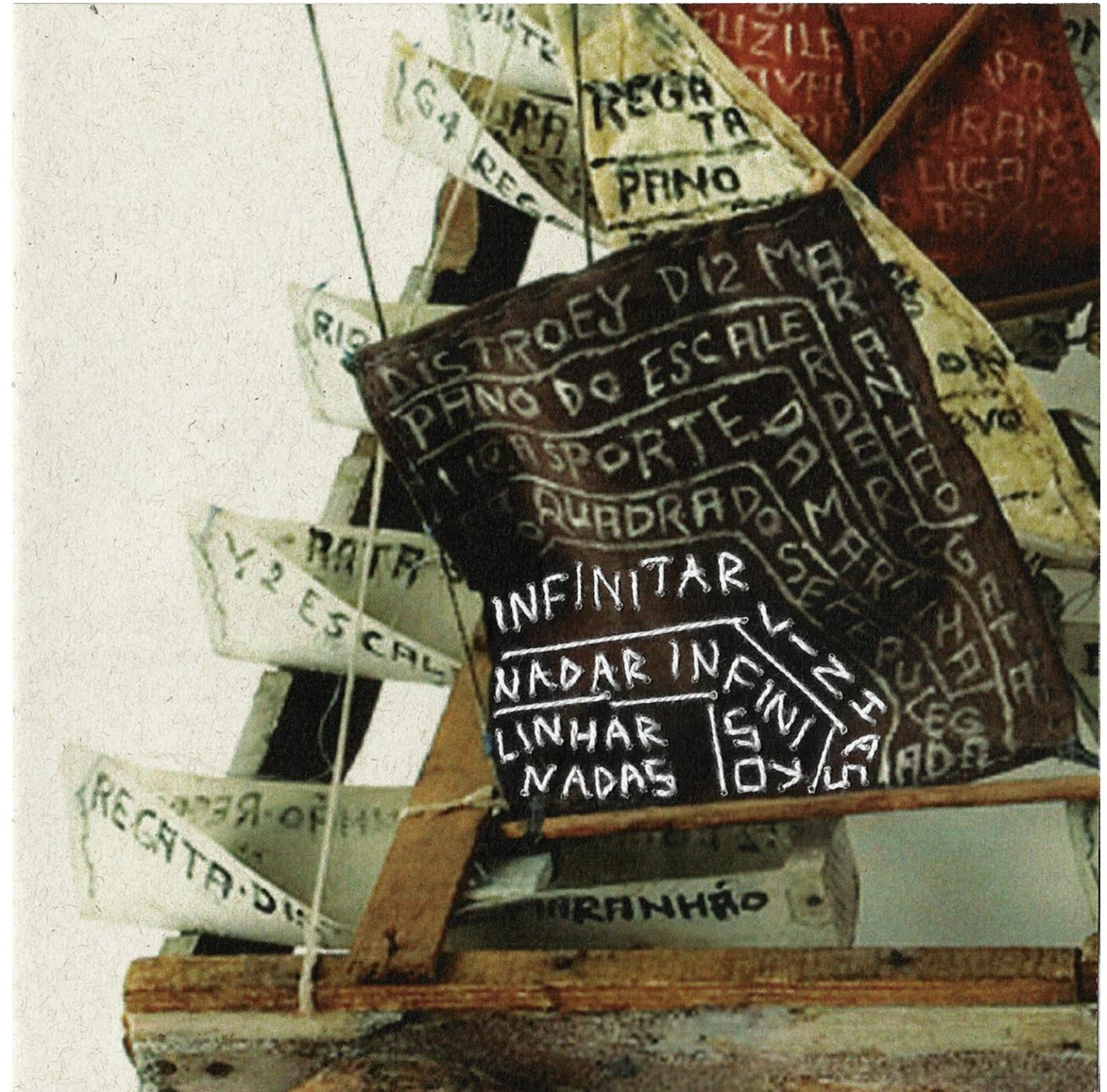
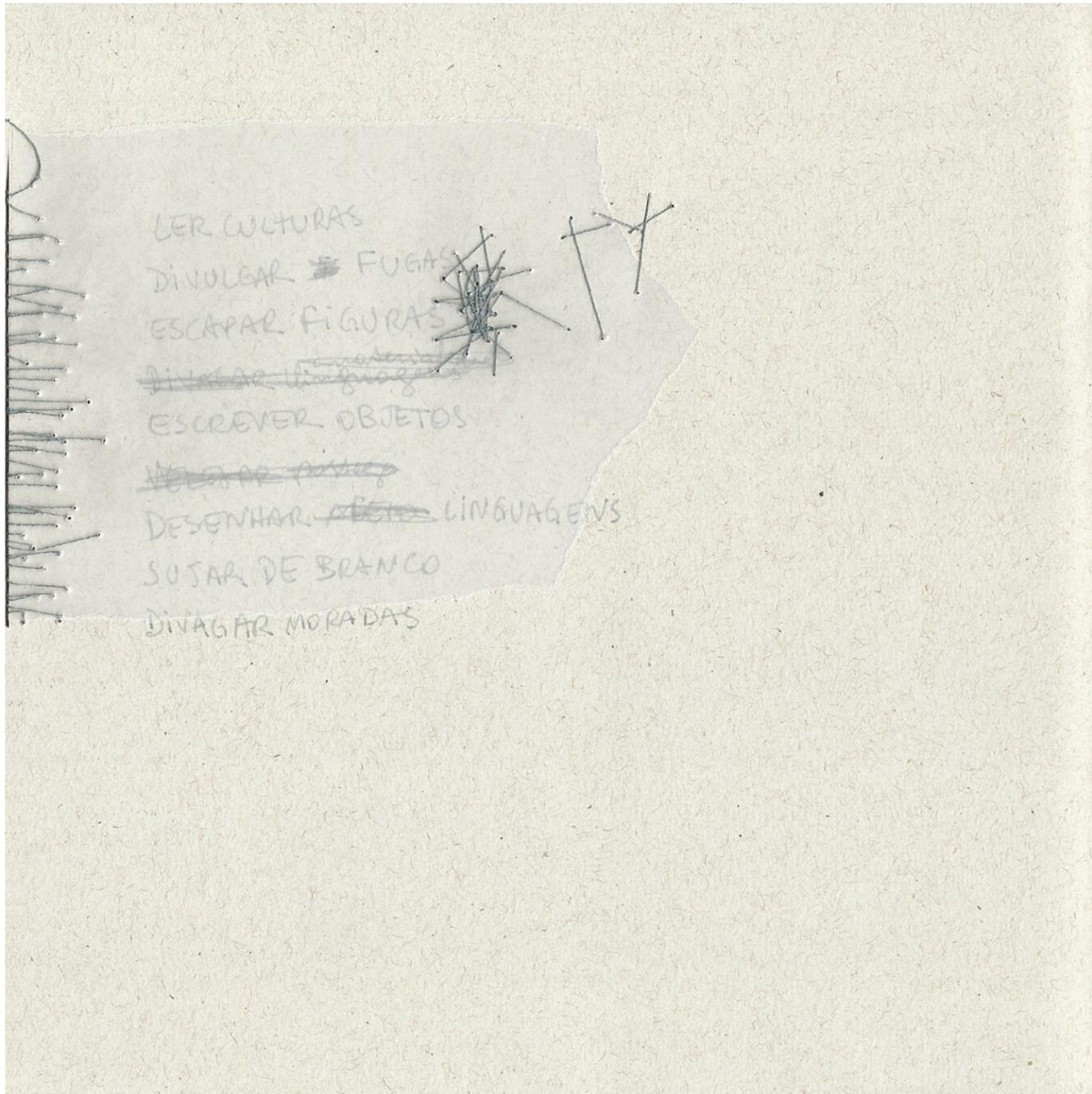
Veleiros amarrados, velejam com corpo *(des)formado* no encontro com o outro. Cidade de veleiros, a arquitetura não falece, é possível passar pelos vãos *entre*. Na passagem, as casas movimentam-se, deslocam-se como que podem vir a ser; *pano cru* (re)costurado incorpora algo a ser abrigado em outro lugar, um lugar qualquer, ou talvez algum lugar que nem sequer possa ser chamado de "lugar" – talvez um ~~do~~ lugar.

Habitantes refugiados, estão sempre no meio caminho. Roubam das coisas seus mistérios guardados, costuram com eles um novo corpo afetado pelas linhas que os compõem. Veleiros entrelaçados, desprendem-se daqueles que vão. Seres de linhas, *compostos de sensações*, habitantes que não perdem suas moradas, mas as movimentam sobre as passagens que enxergam abertas pelos sopros das velas bordadas. Despidos dos panos, com pele e ferida expostas, sentem com força as rajadas do vento. *Pele-palavra, ferida-linha*. Corpos sem passado e sem futuro, sem sujeito e sem tempo verbal: "*nesses corpos em trânsito intui-se, como um abismo lateral, a irrupção de vozes paralelas onde as histórias se jogam no silêncio das línguas e dos gestos: nos corpos singulares perdidos no corpo do mundo*" (Vilela, 2008).

NOMADISMOS







Pele crua, pano nu – travessia aberta, corpo perdido no meio, os *ditos tecidos*, significações e dizeres são abandonados. E à este (ao abandono), o *apego*. *Veleiros* atracados às margens observam todo um conjunto de funções, certezas e representações abandonarem a embarcação. Flexões verbais, regras gramaticais, coerência e coesão, sintáticas e semânticas fazem o mesmo. Os veleiros celebram a leveza de viver na dúvida, nos encontros improváveis e imprevisíveis, na escrita e nos objetos descensurados para o delírio. Desenham corpos no encontro com o mundo, ^{que} se refugiam no abandono. Adeptos da vida nômade, não se apegam ao peso das vestimentas, ^o que se faz necessário é sustentar o *tecido-pele* e a arquitetura dos sopros. Expirados os dizeres, paira o silêncio e, na passagem do vento, enxergam uma multiplicidade de caminhos que se abrem, linhas que esboçam a possibilidade de existir para a inutilidade, para o nada, pois “os objetos sem função tem muito apego pelo abandono” (Barros, 1996:57).

Os *veleiros* bordam as margens das linhas cronológicas, narrativas, históricas e memoráveis. Roubam-lhes as fronteiras, abandonam suas explicações e entendimentos, desfiam o hospital, rasgam as representações biográficas, ^{borram} seus contornos. Encontram nas palavras *transbordadas* e no apego ao *nada*, a possibilidade de operar em *solna* e multiplicação, pois: “há mais e não menos na ideia de não ser do que na de ser” (Deleuze, 1999:10). No abandono a casa se abre, o mais leve suspiro tem efeito de um *tufão*, multiplica a vida, a divagação da existência. Se “não é”, “pode ser... e... e...” Seres das *reticências*, *nada* que são, desenham o lado por onde se adentra uma multiplicidade de possibilidades de ser.

efeito de um tufão, multiplica a vida, a divagação
e... " Seres das reticências, nada que são, desenham
de possibilidades de ser.] MIOLOS DE FRASES

Nada que pode ser mais, pode proliferar.
Linhas multiplicadas nos veleiros. Bispo borda, tece um *nada* incessante. *Transborda* a margem das palavras, da linguagem, e no delírio dos veleiros é que os objetos falam por línguas cruas. Vozes (im)próprias ressoam com/ neles. Tecem seus dizeres desapegados de autorias, autoridades e permissões para se dizer de algo. Perdidos em suas palavras – palavras des-sujeitadas – querem dizer mais.

O que não sei fazer desmancho em frases.
Eu fiz o nada aparecer.
(Represente que o homem é um poço escuro.
Aqui de cima não se vê nada.)
Mas quando se chega ao fundo do poço já se pode ver o nada.)
Perder o nada é um empobrecimento. (Barros, 2009:63)

Veleiros mancham frases pelos panos retalhados. "DISTROEY D12

MARANHAO PANO DO ESCALERDEREGATA LIGA DE SPORTE DA MARINHA/

PANO QUADRADO DO SE FEPULEGADA / REGATA PANO DISTROEY PRIMEIRA DIVISÃO DA

SEGUNDA SECCÃO SAHIDA ILHA PASSA FRENTE ILHA FISCAL VAI ATE VOLTA POSTO DE SAHIREM".

Manchas de frases sujam os panos. Encardidos, fazem aparecer o *nada? Ilha vai e volta, Maranhão pano, primeira divisão da* fácil e imediata, "não" seria a recusa absoluta de todos os *ditos tecidos, a que fecham* a colocação do problema à um jogo

A linguagem delirante que *transborda* nos *veleiros* pode fazer outro convite: seguir pelas linhas de fuga abertas nas costuras sujam as velas e as páginas do caderno. Vontade de pintar suas margens *transbordantes*, entrelaçar-se pelas linhas soltas apenas manchar. *Frases-tinta* pincelam pedaços de palavras, abastecem a paleta do artista. Mancham as páginas, pintam as

Manchas de frases: sujeira que não se limpa. Encardidos impregnados nos *veleiros*. Precariedade que sustenta os *vinte e um* frases. Sem trânsito entre sujeito e objeto, *desconjugação* verbal. Miolos de frases, segmentos de linhas esvoaçantes vem

Com moldes e uniformes desfiados, o contato com o delirante pode provocar um *estranhar* as coisas. Instigar as vontades mesmo tempo, causar um *incomodar*, a saída do cómodo, da zona de conforto, um *movimentar* de algo. Desenhar linhas trata de rejeição ou aceitação ao estrangeiro, mas um movimento que se perde no meio do que seu uma passagem entre os corpos para que se deixem habitar.

segunda secção: palavras representantes da marinha, narrativas do passado e da loucura? "Sim" talvez fosse a resposta mais binário restrito à oposições: "sim" ou "não".

das velas, adentrar o delírio dos objetos, pois "*uma fuga é uma espécie de delírio*" (Deleuze, Parnet, 1998:54). Frases manchadas para compor com as manchas. Versar no ritmo que as frases dançam. Habitar o que um *coisário de nadeiras* pode não-dizer, velas. Encontram o nada, perdem-se por aquilo que as mantém nada.

veleiros, conserva-lhes a vida. Fronteiras diluídas, sem saber onde começam nem onde terminam, permanecem miolos de a compor tramas e *devires* com o estrangeiro que vem habitar a casa das palavras – pintura delirante.

explicativas, a sede crítica, as tentativas de entendimento, a produção de "dizeres". Um estranhar que pode, porém, ao de fuga inacessíveis às palavras. Palavras manchadas, sujeira que não sai, algo impregna nos corpos em transe. Não se próprio gesto traça, *entre* a coisa e o *outro*. Incômodo que exige a invenção de algo, uma conexão, um *devir*, a criação de

Veleiros e públicos expõem-se um ao outro, estranham-se.

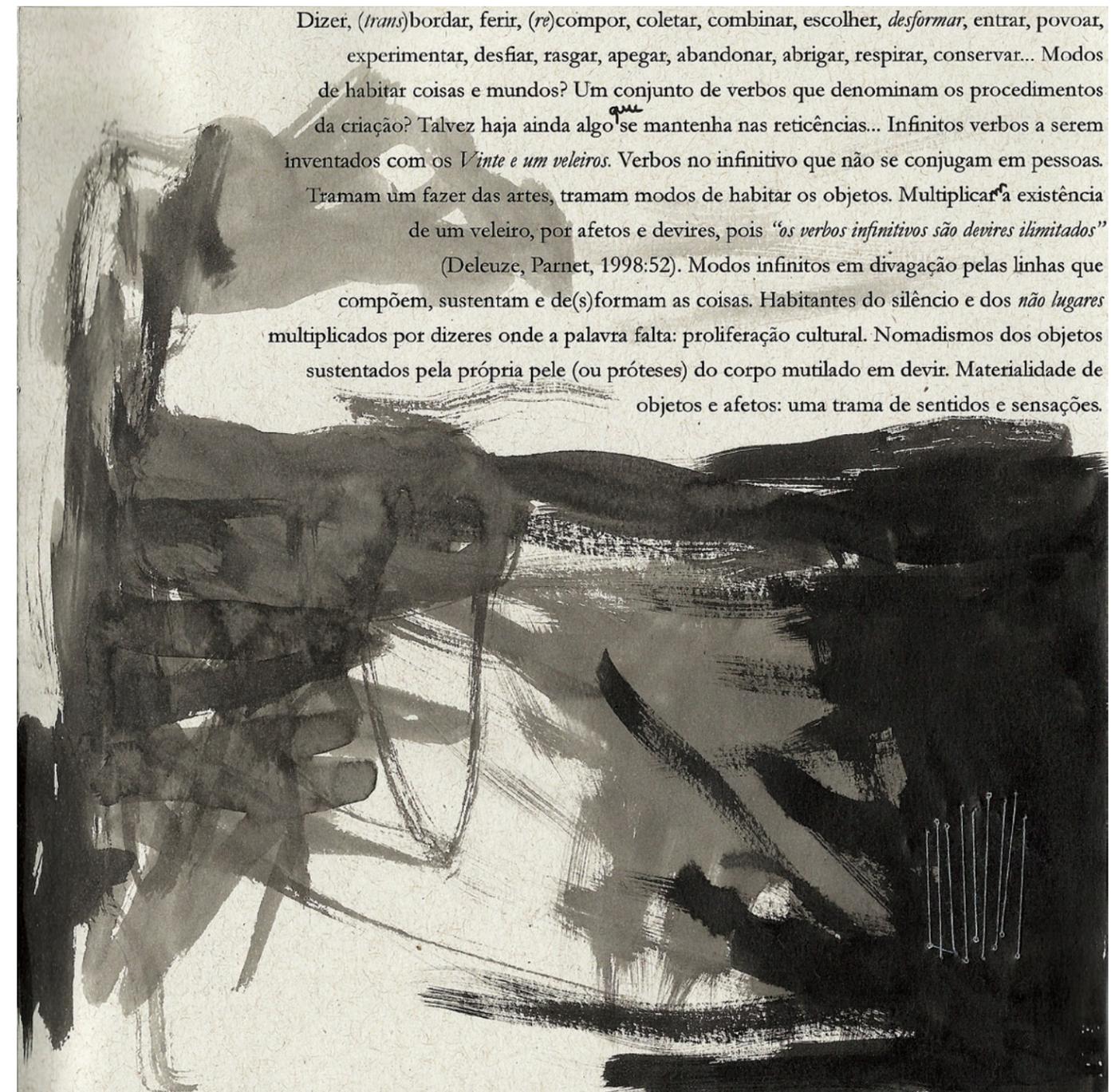
Algo é tecido entre um e outro – um corpo, uma trama, uma textura, um pensamento. A fixação de uma temporalidade ou narrativa não tem suficiência respiratória; submeter os *veleiros* apenas a possíveis “dizeres” inseridos na linguagem pode condená-los ao naufrágio, ao estaque da morte. O *estranhar* entre públicos e *veleiros* pode dar o impulso para uma vida desconhecida, gerar algo novo. Encontros feitos no esforço de inventar caminhos para trafegar por uma multidão estrangeira. Caminhos que podem abrir passagens multiplicadoras de dizeres com/sobre as coisas, como também podem ampliar as possibilidades de (in)dizíveis e do silêncio:

Ora, o estado de estranhamento constitui experiência crucial porque, como sugerido, ele é o sintoma das forças da alteridade que reverberam em nosso corpo e exigem criação. Ignorá-lo implica o bloqueio da potência pensante que dá impulso à ação artística e sua provável interferência no presente. (Rolnik, 2009: 103)

Estranhar pode nos levar a habitar aquilo que as coisas não dizem, ou ainda fazê-las dizerem mais do que dizem, ou simplesmente habitar os seus *não dizeres*... O não acabado, as manchas de frases, a sujeira das palavras... Aquilo que não está dado nos objetos, forma mundos estranhos à palavra, à linguagem e ao entendimento das coisas. A pintura encardida que compõe os *Vinte e um veleiros* são estranhos também à ordem da restauração e conservação das obras dos museus. Os *veleiros* vasculham uma imensidão de possibilidades estranhas às palavras, às linguagens e ao próprio território branco, limpo e preservado das artes.

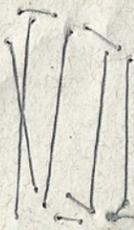


Dizer, (*trans*)bordar, ferir, (*re*)compôr, coletar, combinar, escolher, *desformar*, entrar, povoar, experimentar, desfiar, rasgar, apegar, abandonar, abrigar, respirar, conservar... Modos de habitar coisas e mundos? Um conjunto de verbos que denominam os procedimentos da criação? Talvez haja ainda algo ^{que} se mantenha nas reticências... Infinitos verbos a serem inventados com os *Vinte e um veleiros*. Verbos no infinitivo que não se conjugam em pessoas. Tramam um fazer das artes, tramam modos de habitar os objetos. Multiplicar a existência de um veleiro, por afetos e devires, pois “os verbos infinitivos são devires ilimitados” (Deleuze, Parnet, 1998:52). Modos infinitos em divagação pelas linhas que compõem, sustentam e de(s)formam as coisas. Habitantes do silêncio e dos *não lugares* multiplicados por dizeres onde a palavra falta: proliferação cultural. Nomadismos dos objetos sustentados pela própria pele (ou próteses) do corpo mutilado em devir. Materialidade de objetos e afetos: uma trama de sentidos e sensações.

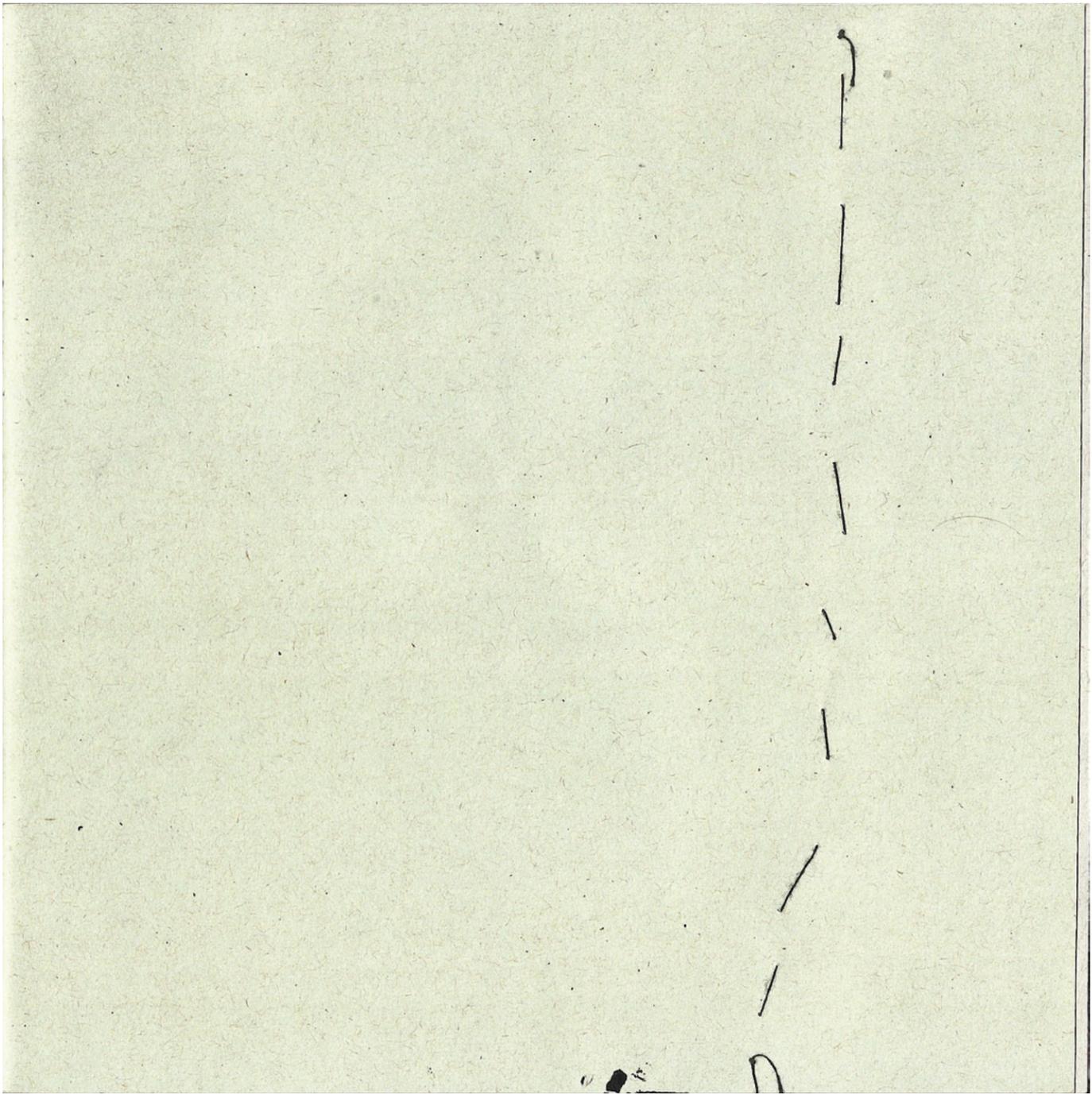


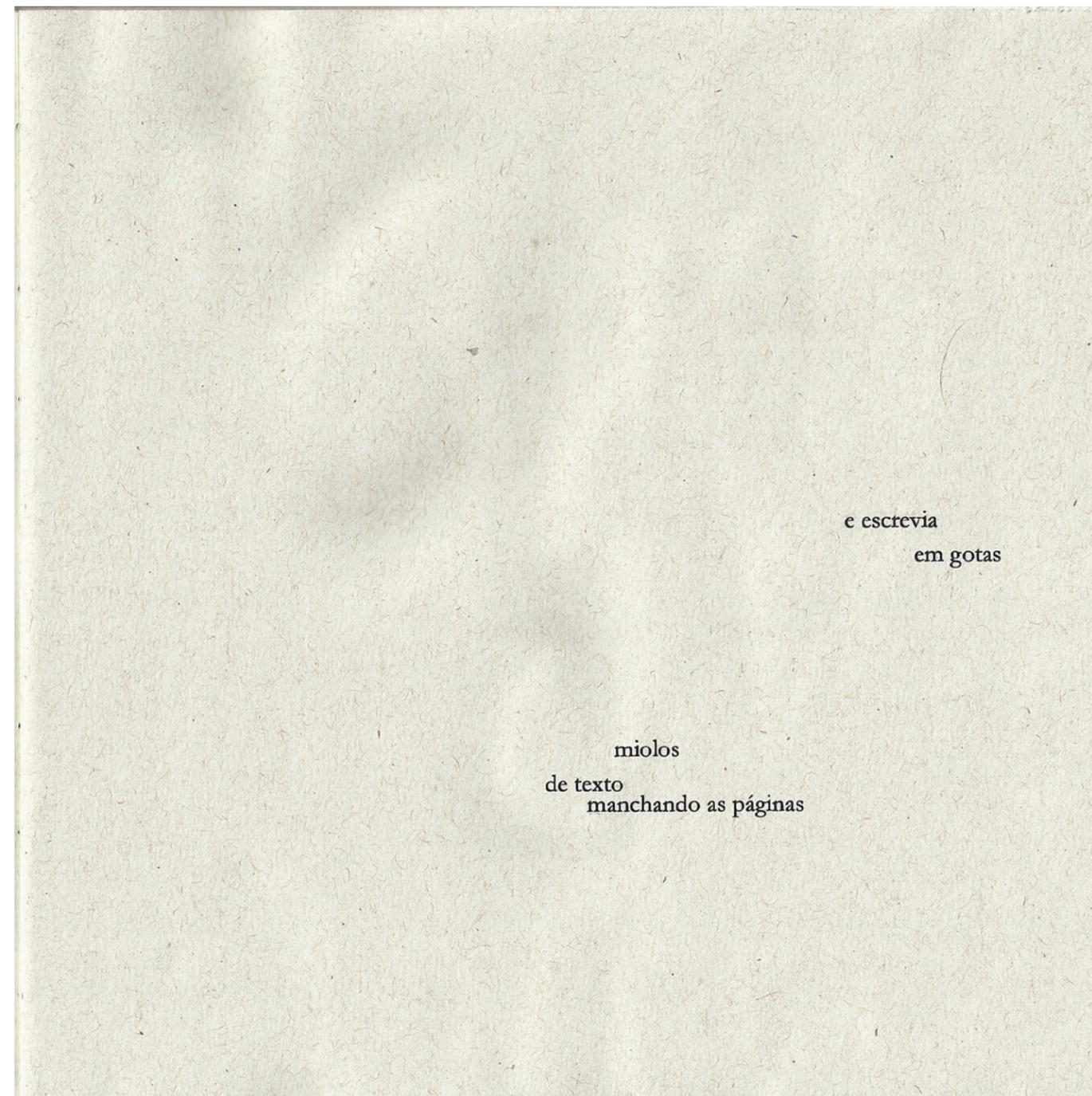
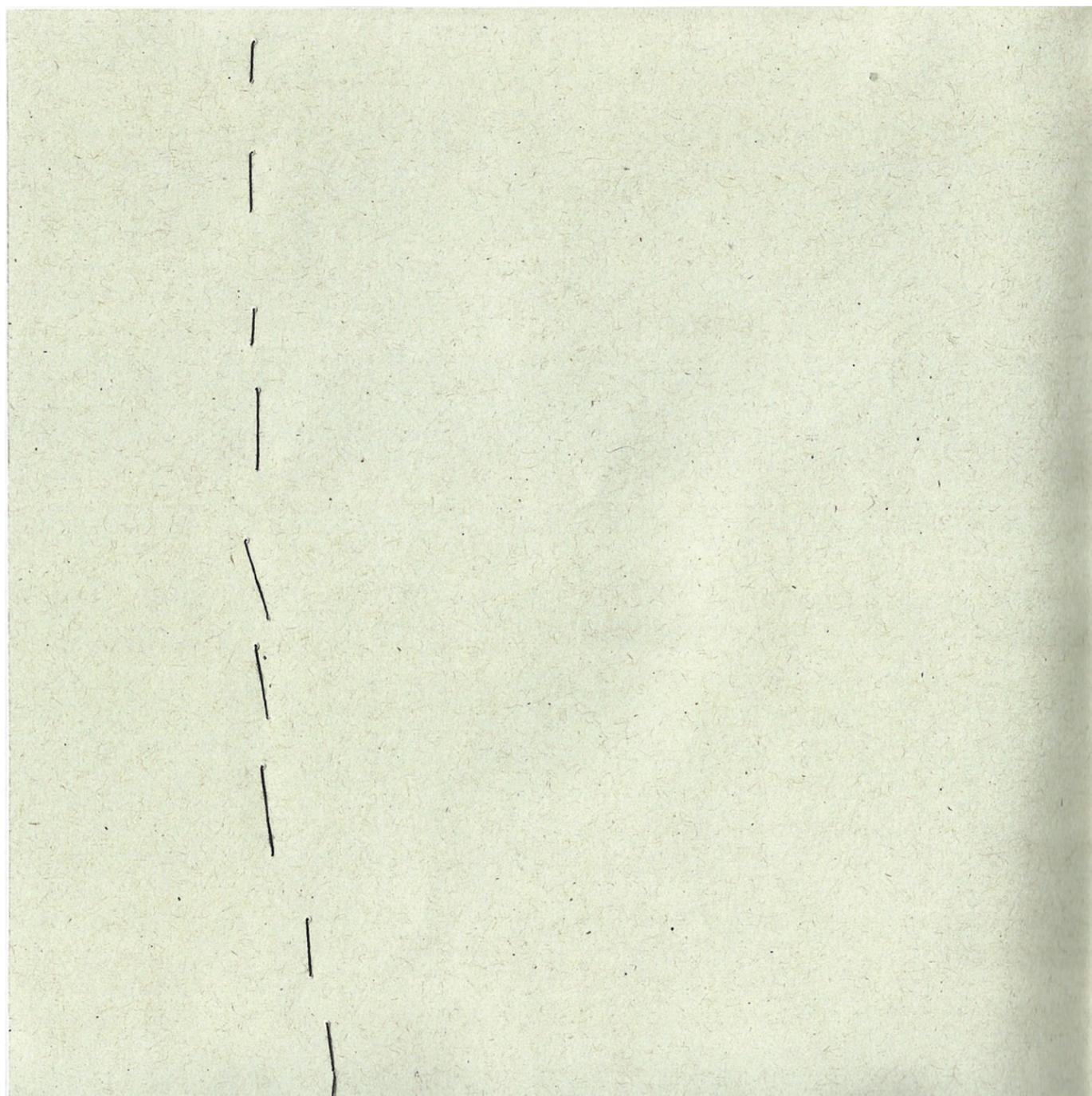
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

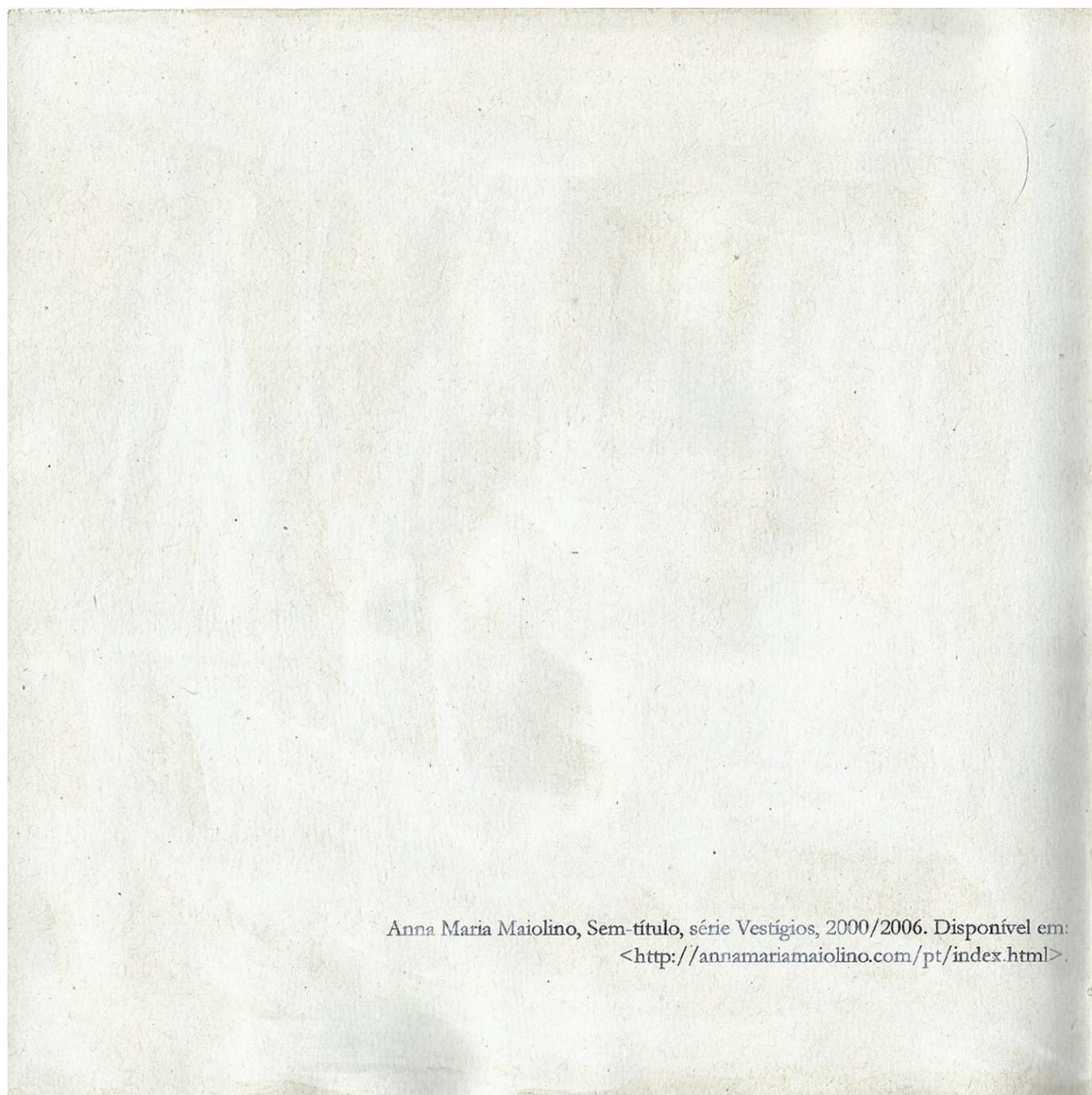
- AQUINO, R. Arthur Bispo do Rosário: artista. Ordenação e Vertigem: ideias, paléstras. Centro Cultural Banco do Brasil, p. 75-82, ago/out. 2003.
- BARROS, M. Arranjos para arrebio. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- _____. Livro sobre nada. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- _____. O livro das ignorações. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- DELEUZE, G. Bergsonismo. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- _____. GUATTARI, F. O que é a filosofia? Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alvaro. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- _____. PARNET, C. Diálogos. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.
- HIDALGO, L. Arthur Bispo do Rosário: O senhor do labirinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- INGOLD, T. Being Alive: essays on movement, knowledge and description. New York: Routledge, 2011.
- KANDINSKY, W. Ponto e linha sobre o plano. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LUCCAS, T. Vida e tempo em proliferação: imagens que exprimem
tam mudanças e climas. Dissertação de mestrado. Instituto
de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- MACIEL, M. A memória das coisas: ensaios de literatura,
cinema e artes plásticas. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.



- NEVES, R. Entre lugar e passagem. In: BASBAUM, R. (Org.) Arte Contemporânea Brasileira: textura, dicções, ficções, estratégias. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.
- ROLNIK, S. Furo de arquivo. Revista Arte & Escrita. n. 19, p. 97-105, jan. 2010.
- SILVA, J. A Arquitetura do (in)serato. Ordenação e Vertigem: artes plásticas, cinema, fotografia, dança, música. Centro Cultural Banco do Brasil. p. 27-37, ago/out. 2003.
- VILELA, E. Corpos Inabitáveis. Enunciados, filosofia e memória. Enharmonia, 31, 2000. Disponível em: <<http://www.noro.cat/index.php/enharmonia/article/viewFile/131977/131811>>. Acesso em jun. 2013.
- _____. Deslocados. O espectro de um corpo-memória. Revista Consciência, n. 97, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.consciencia.br/consciencia/?action=8&edicao=34&id=405>>. Acesso em jun. 2013.
- SITES CONSULTADOS:
- PROJETO LEONILSON. Disponível em: <<http://www.projetoleonilson.com.br>>. Acesso em jun. 2013.







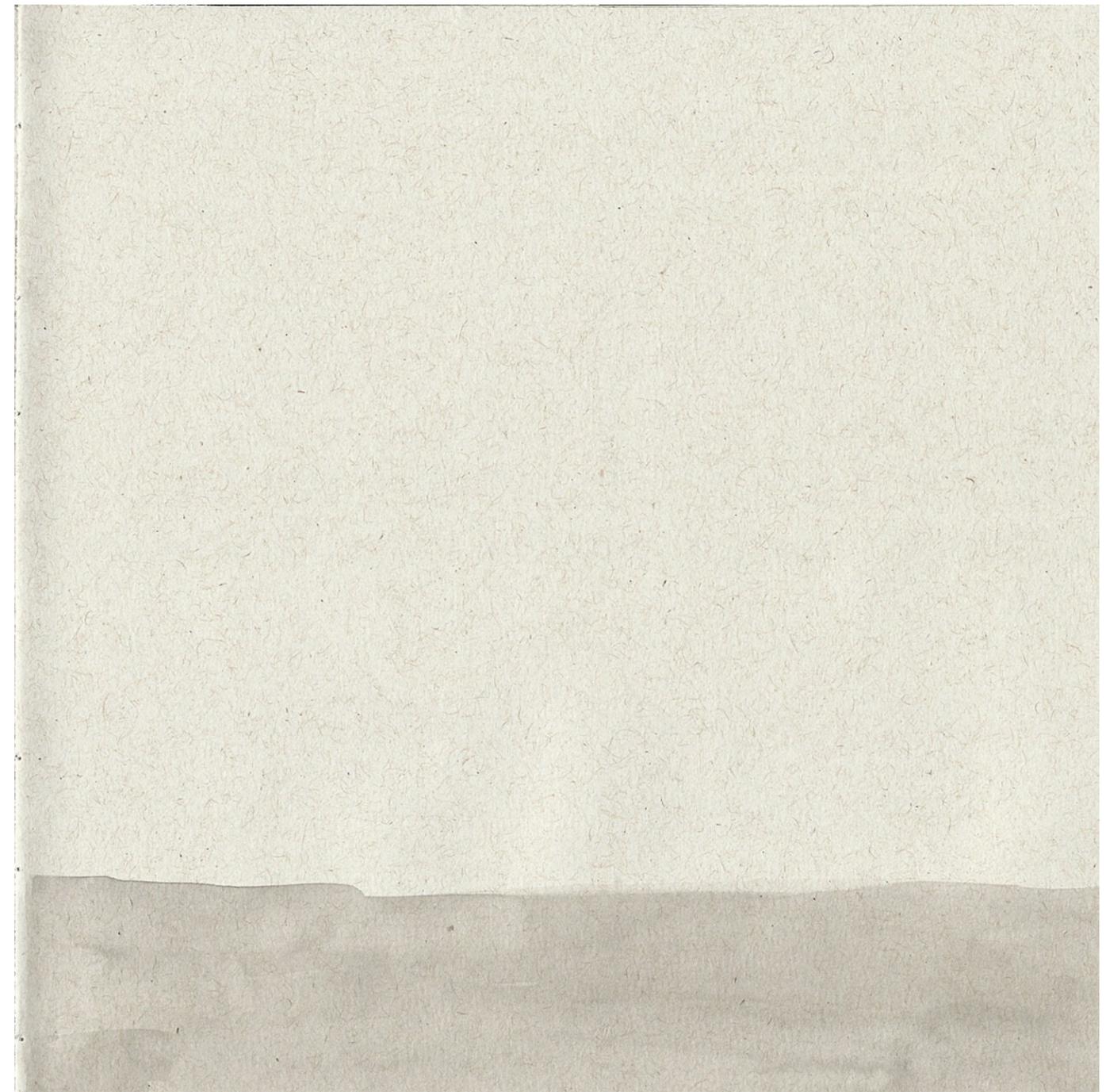
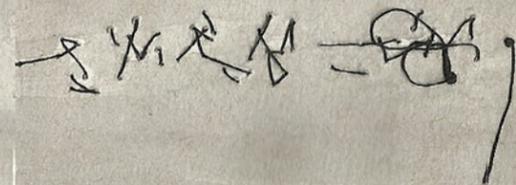
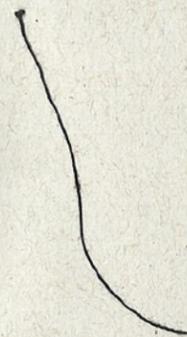
Anna Maria Maiolino, Sem-título, série Vestígios, 2000/2006. Disponível em:
<<http://annamariamaiolino.com/pt/index.html>>

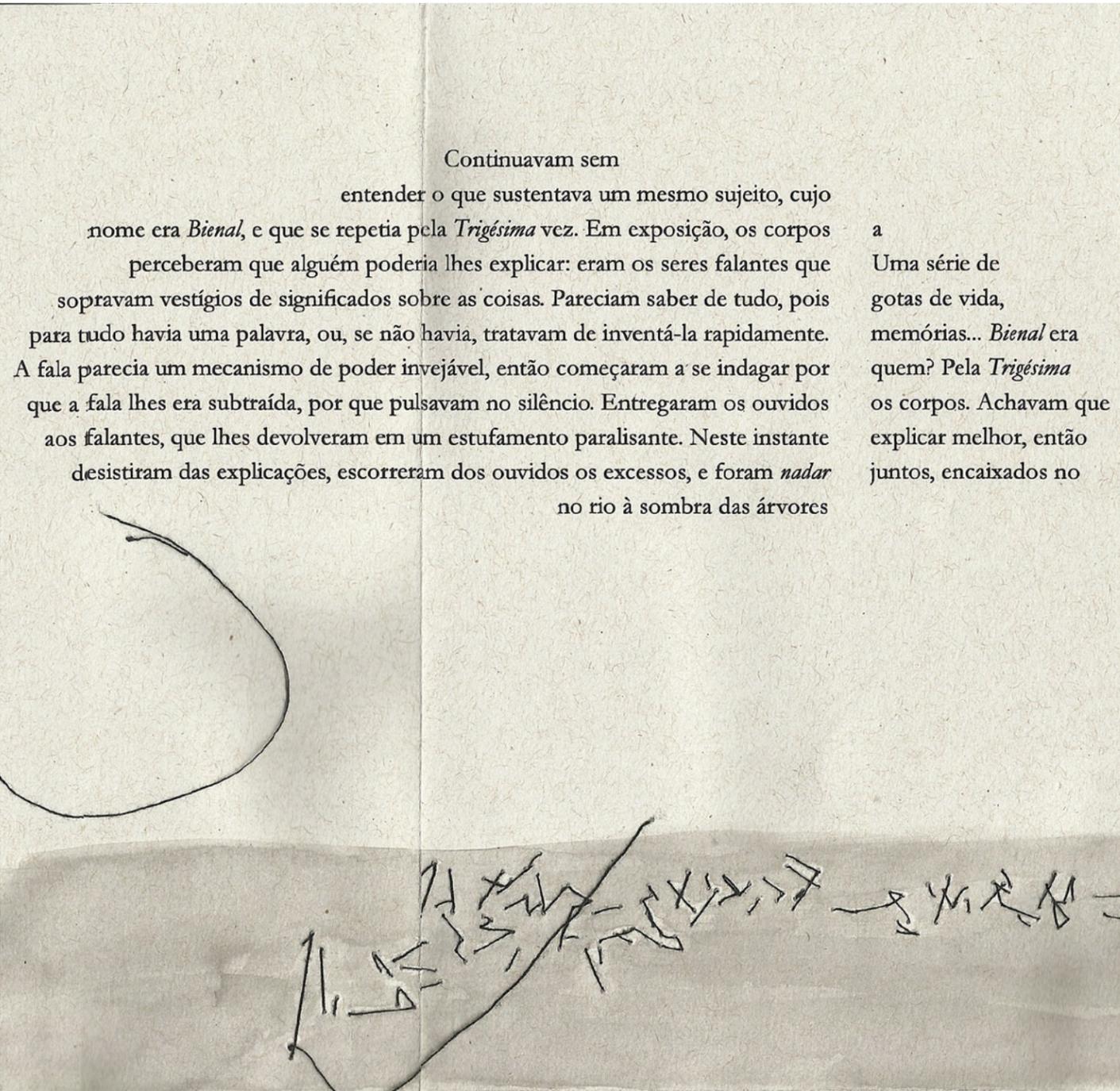


ruínas
de texto. Vestígios de
sentidos, tempos e presenças.
Do rio que transborda as margens,
escapam os peixes, e estes cavucam
a terra na abertura de linhas que se
contaminam com a palavra-enchente. A
pesca costura com a isca, trama o tecido texto
que nasce em árvore de vírgulas... Miolos de textos?
Pontos finais e letras maiúsculas e maiores *nadam*: A palavra-
enchente desmorona

Handwritten scribbles and symbols, including various geometric shapes like triangles, squares, and lines, along with some illegible characters, scattered across the bottom right of the page.

se encontravam a
cada dois anos... Uma série de
corpos à mostra, gotas de vida,
saturação de memórias... *Bienal* era
o seu nome. Nome de quem? Pela *Trigésima*
vez se perguntavam os corpos. Achavam que
o desenho poderia explicar melhor, então
se desenharam, todos juntos, encaixados no
papel:





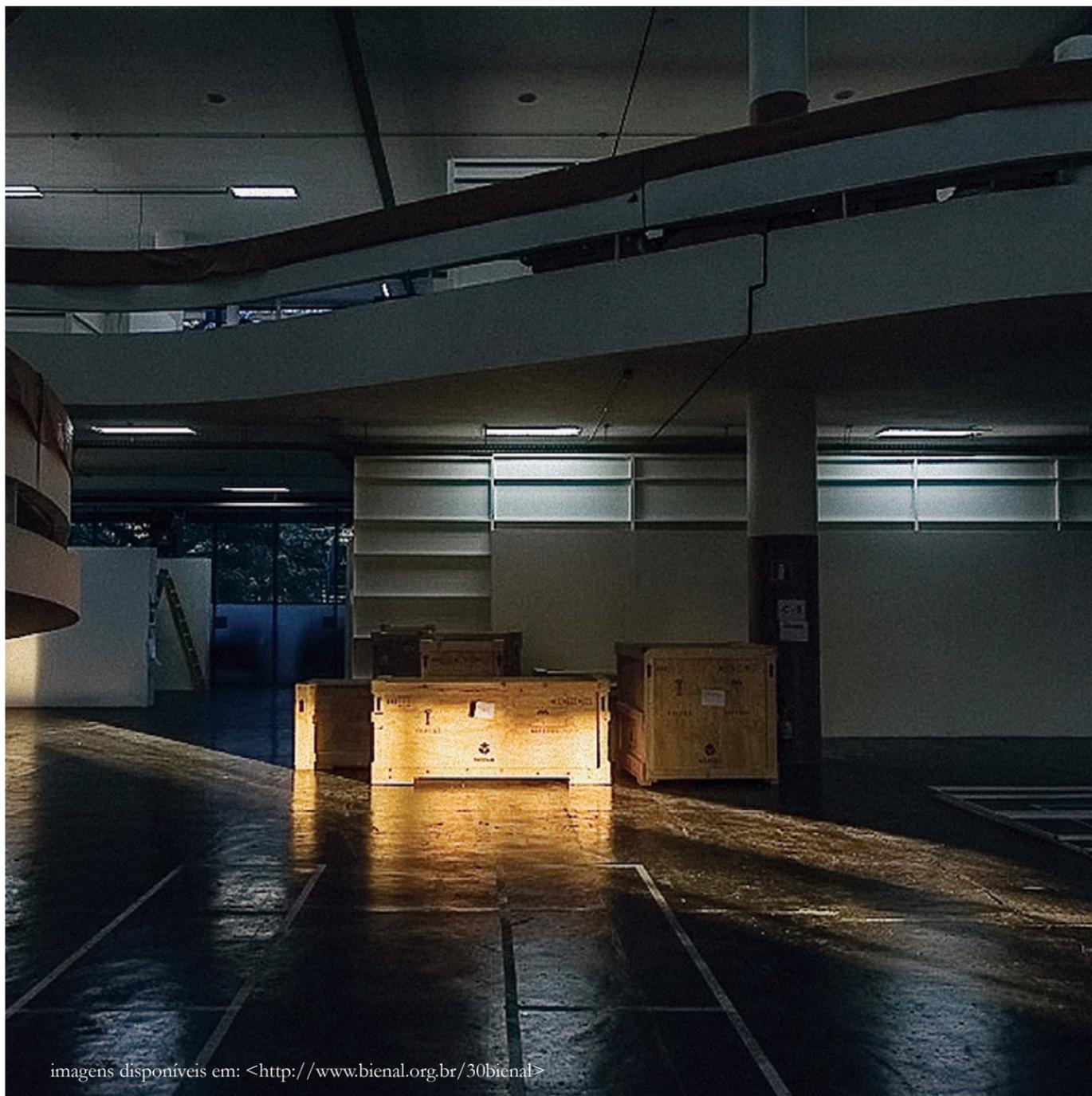
objetos em pé, sustentados por suas linhas, conservam-se em vida própria. Independentes da falecida *figura-Bispo*, o delírio das coisas e mundos criados por Arthur Bispo do Rosário tem sido convidado a compor as salas de recentes exposições das artes contemporâneas. Em 2011, participam de mostras na Bélgica e na Espanha, e da *11ª Bienal de Lyon*, e, em 2012, as manchas de suas frases e os encardidos de seus bordados sujam as paredes brancas da *Trigésima Bienal de São Paulo: A iminência das poéticas*. Oscilações entre arte e loucura, os críticos e curadores das artes tomam voz para tecer também seus dizeres:

‘Bispo está inserido num eixo importante dessa Bienal, que é pensar a produção artística como atividade intelectual que rompe as fronteiras do que se denomina artes visuais’ (...) Dessa forma, a curadora retira o debate da obra de Bispo de dentro do campo dos manicômios. ‘Todos os artistas são loucos, e acho que o Bispo é um dos menos loucos’, diz ainda a curadora que leva 23 trabalhos do artista para a cidade francesa. (Cypriano, Noorthoom apud Cypriano, 2011)

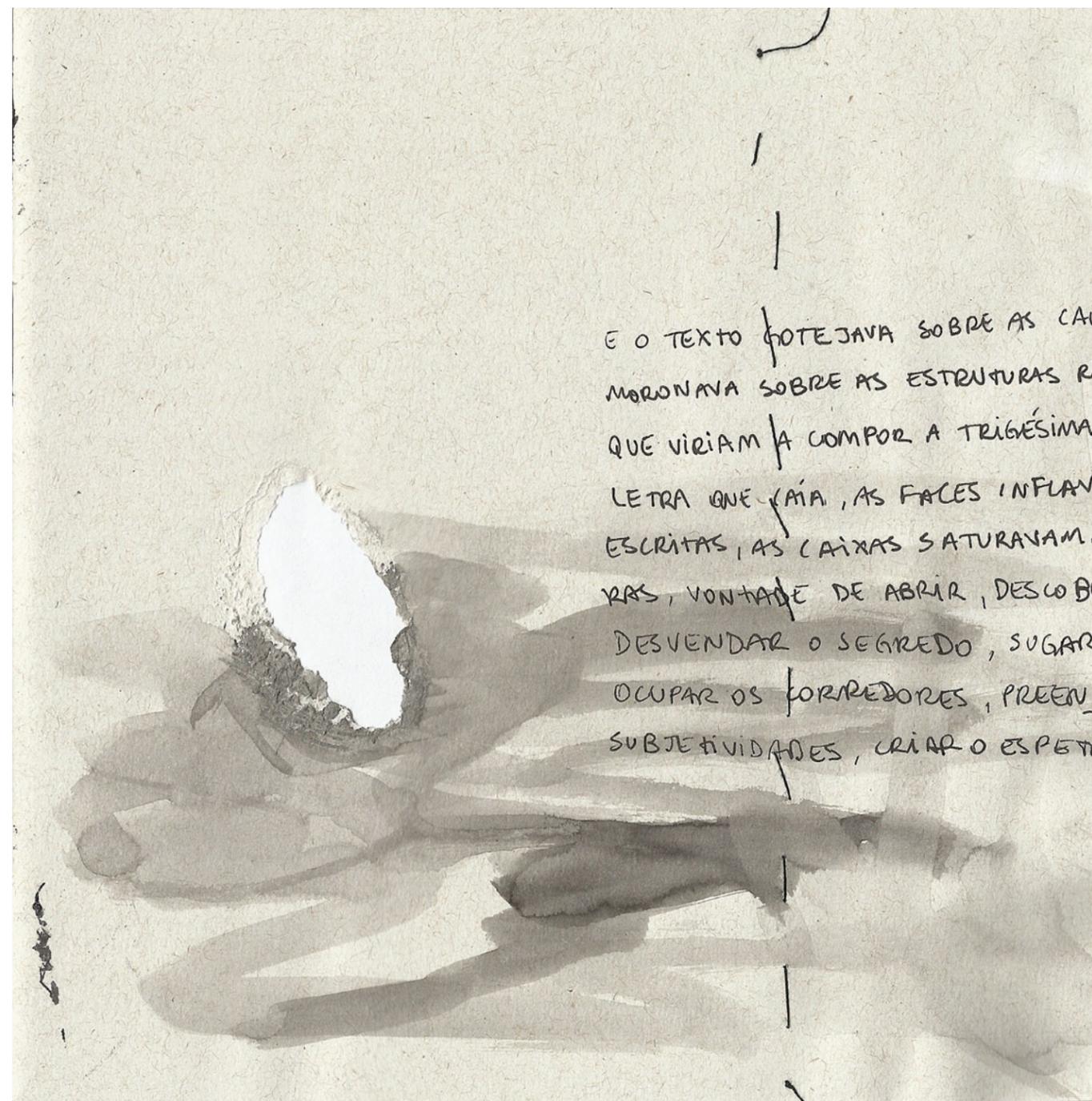
A *figura-Bispo* se desdobra, reforça seus contornos em um desenho que começa a ser ampliado sobre o território das artes visuais contemporâneas. Mesmo após mais de vinte anos da morte de Bispo, chama a atenção dessa pesquisa a escolha do artista para participar da *Trigésima Bienal de São Paulo*, a bienal das “poéticas iminentes”. O que atualiza o numeroso trabalho arquivado de Bispo e o coloca em iminência dentro das lógicas que sistematizam o circuito das artes? O que faz de seus feitos objetos de um tempo presente correspondente à temporalidade proposta pela crítica que tece a contemporaneidade das artes? Vidas conservadas, obras arquivadas, poéticas em iminência. Objetos habitantes e habitados sustentam-se por si sós. Seriam capazes de respirar, mesmo que abrigados pelas paredes dos museus, mesmo que arquivos/registros de uma vida e figura?

cheias de pedaços de vida, conteúdos miúdos vazando pelas arestas, sentia o gosto e o cheiro depositados nas faces de madeira, mas era impossível saber

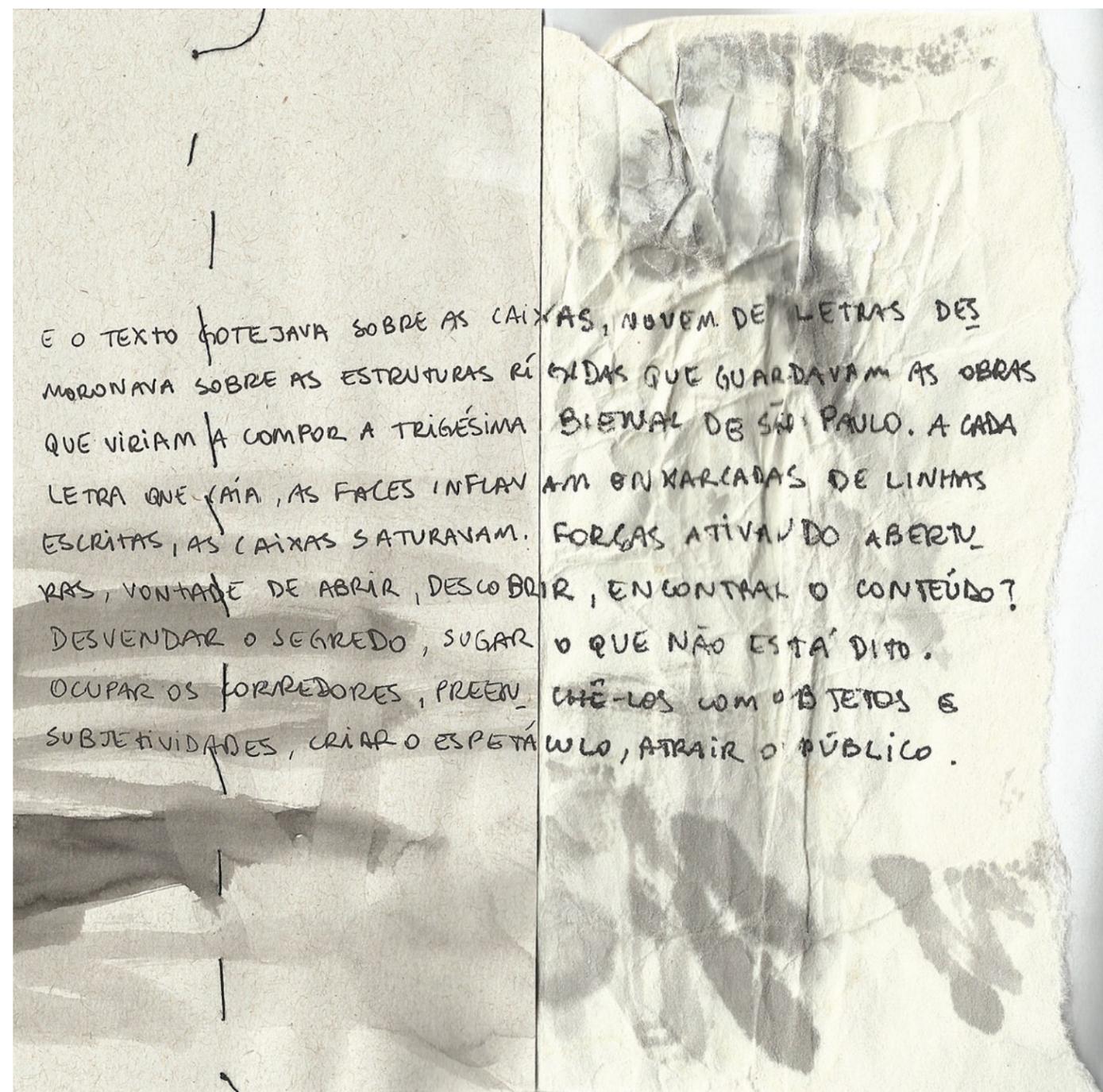




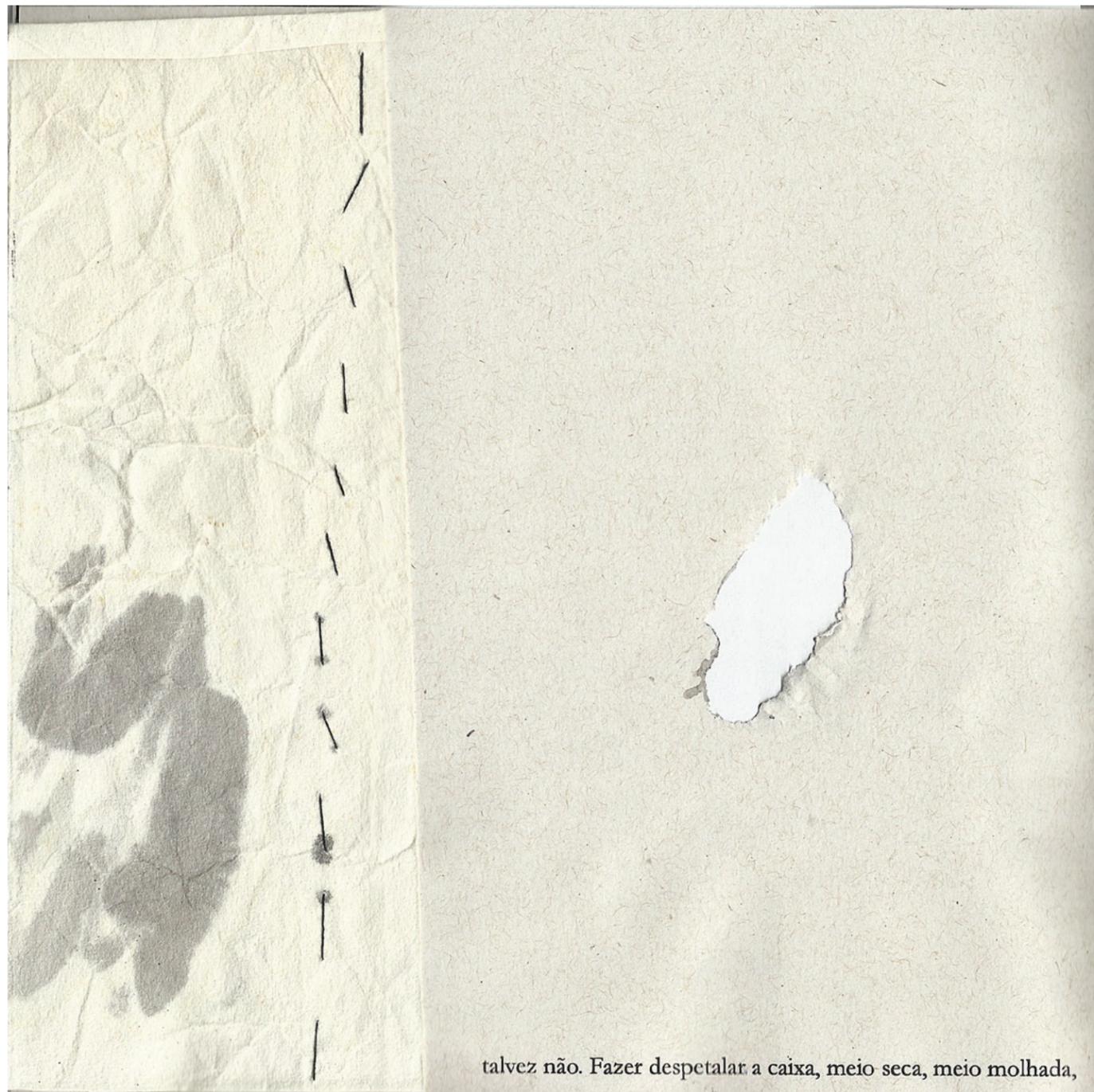
imagens disponíveis em: <<http://www.bienal.org.br/30bienal>>



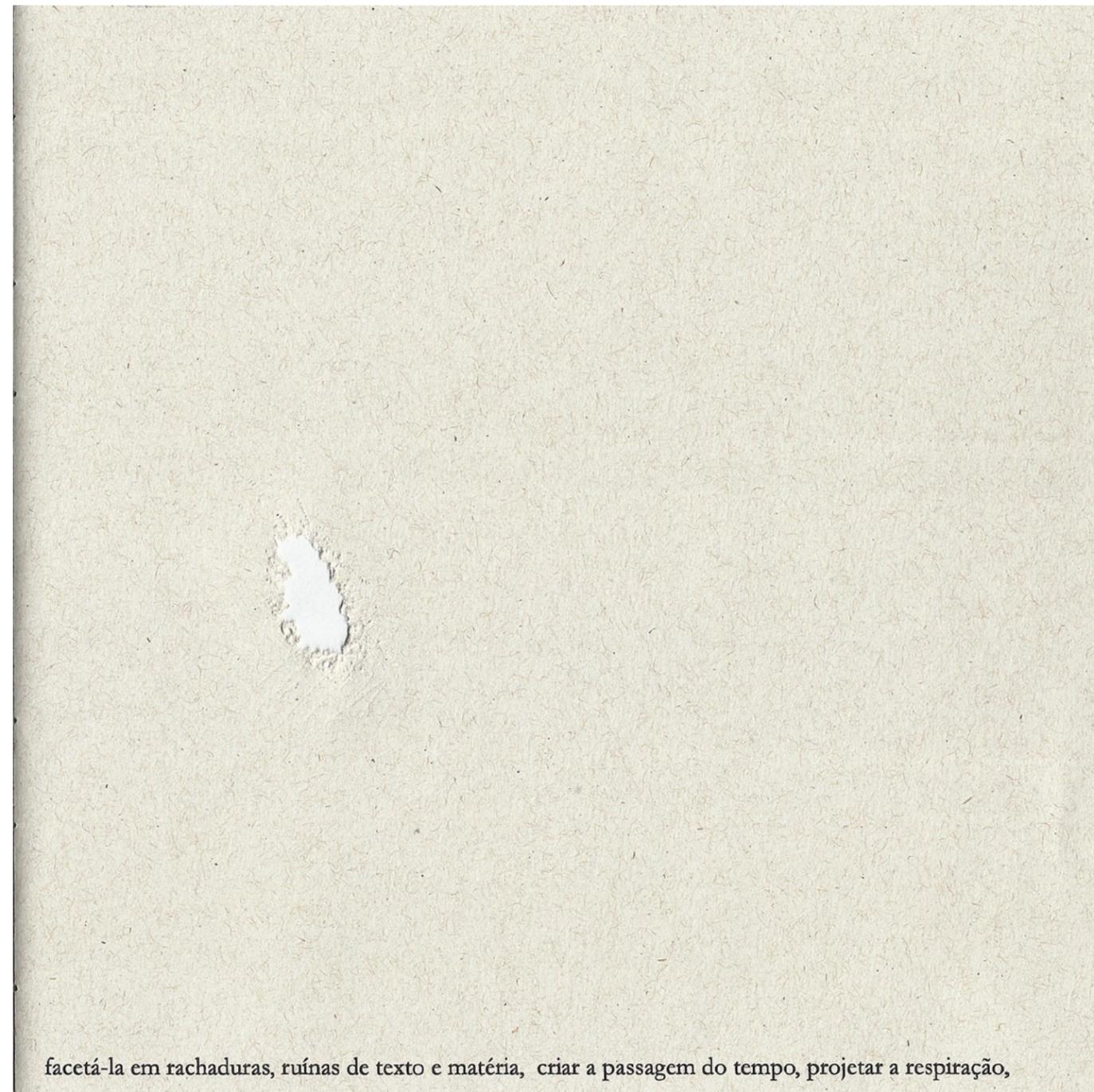
E O TEXTO FOTEJAVA SOBRE AS CAIXAS
MORONAVA SOBRE AS ESTRUTURAS RÍ
QUE VIRIAM A COMPOR A TRIGÉSIMA
LETRA QUE CAIA, AS FACES INFLAM
ESCRITAS, AS CAIXAS SATURAVAM.
RAS, VONTADE DE ABRIR, DESCOBRIR
DESUENDAR O SEGREDO, SUGAR
OCUPAR OS FORNECIMENTOS, PREEN-
SUBJEATIVIDADES, CRIAR O ESPETÁCULO



E O TEXTO FOTEJAVAM SOBRE AS CAIXAS, NOVEM DE LETRAS DES-
MORONAVA SOBRE AS ESTRUTURAS RÍGIDAS QUE GUARDAVAM AS OBRAS
QUE VIRIAM A COMPOR A TRIGÉSIMA BIENAL DE SÃO PAULO. A CADA
LETRA QUE CAIA, AS FACES INFLAVAM ENXARCADAS DE LINHAS
ESCRITAS, AS CAIXAS SATURAVAM. FORÇAS ATIVANDO ABERTU-
RAS, VONTADE DE ABRIR, DESCOBRIR, ENCONTAR O CONTEÚDO?
DESVENDAR O SEGREDO, SUGAR O QUE NÃO ESTÁ DITO.
OCUPAR OS FORNECIMENTOS, PREEN- CHE-LOS COM OBJETOS E
SUBJETIVIDADES, CRIAR O ESPETÁCULO, ATRAIR O PÚBLICO.



talvez não. Fazer despetalar a caixa, meio seca, meio molhada,



facetá-la em rachaduras, ruínas de texto e matéria, criar a passagem do tempo, projetar a respiração,

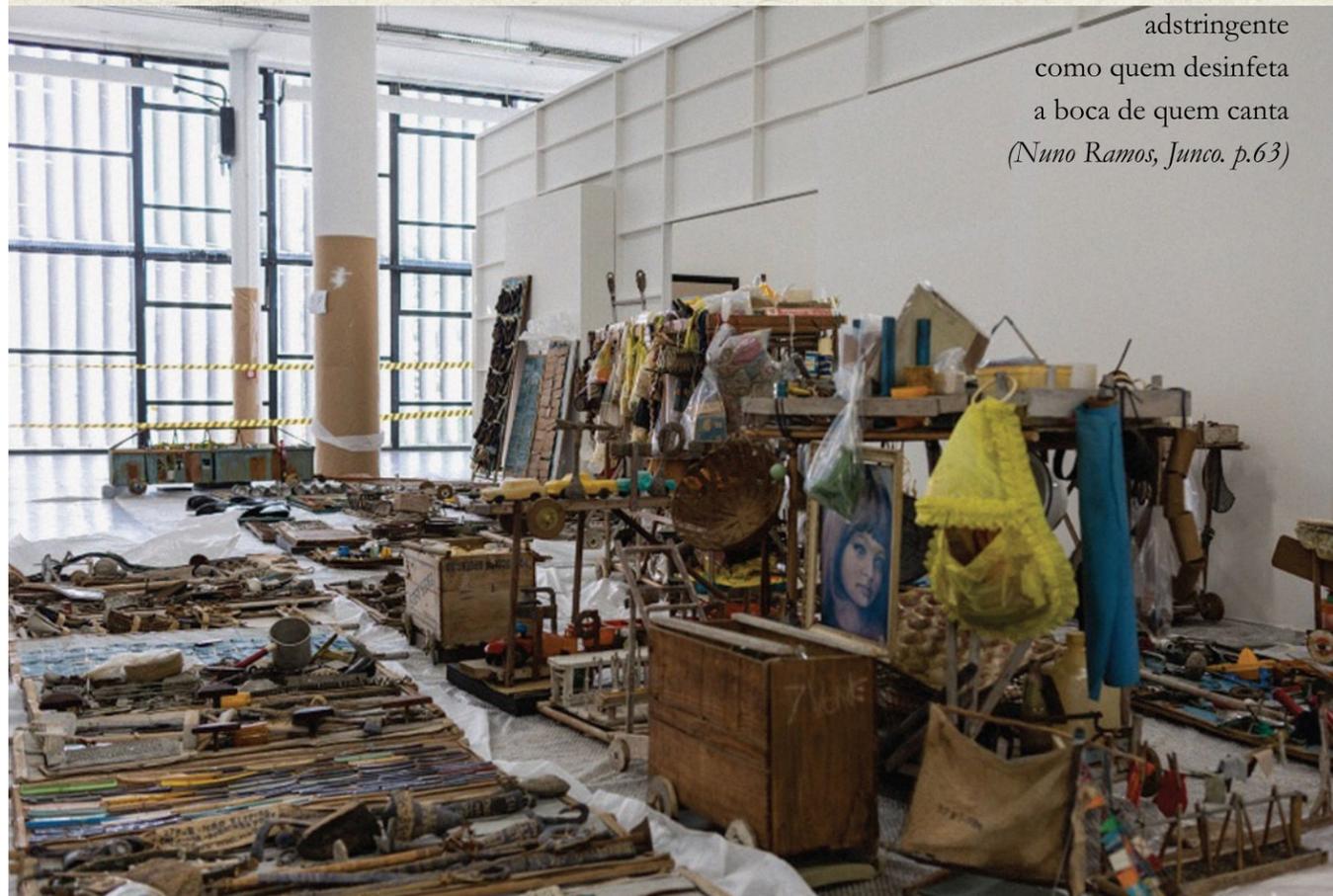
subia

e descia os andares
ansiosamente, sessenta e sete
minutos lhe foi necessário. No dia
seguinte esqueceu de tudo que viu e ouviu, não sabia dizer o que leu nas etiquetas.
Volta e meia lhe aconteciam indícios de
vividoss, vestígios de sensações, algo
entre ferro e madeira, tinta e
pixel, argila e parede, objeto
e som, museu e caracol... E, pela
trigésima vez, voltava para lá porque
desconfiava que o que tinha visto ainda
não era o suficiente



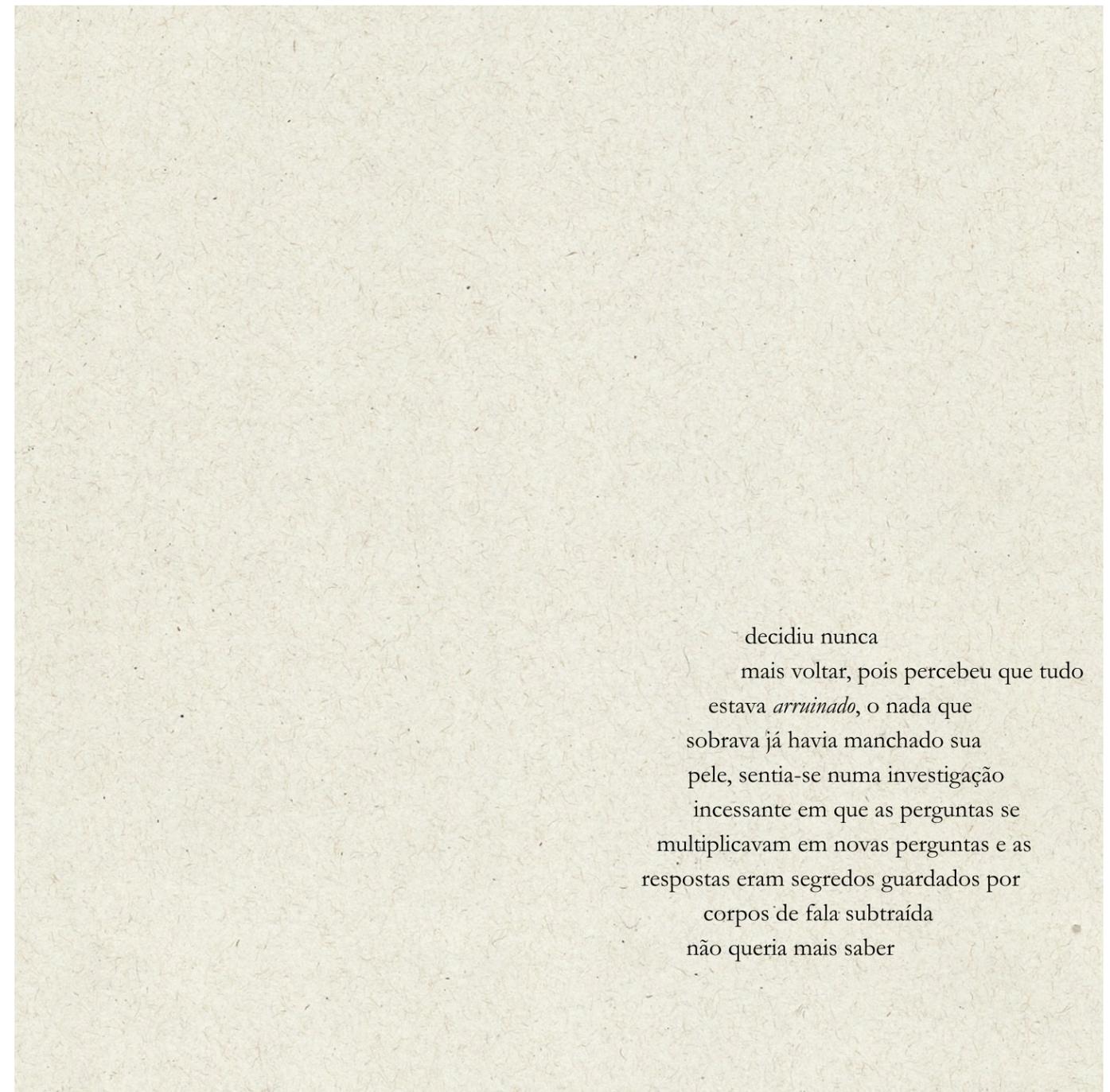
de fora ouvia-se murmúrios, eram os ecos ocos
dos gestos que desenhavam os afetos e as coisas,
ecos ocos de um silêncio doloroso com os quais se

higiénico
solúvel
adstringente
como quem desinfeta
a boca de quem canta
(Nuno Ramos, Junco. p.63)

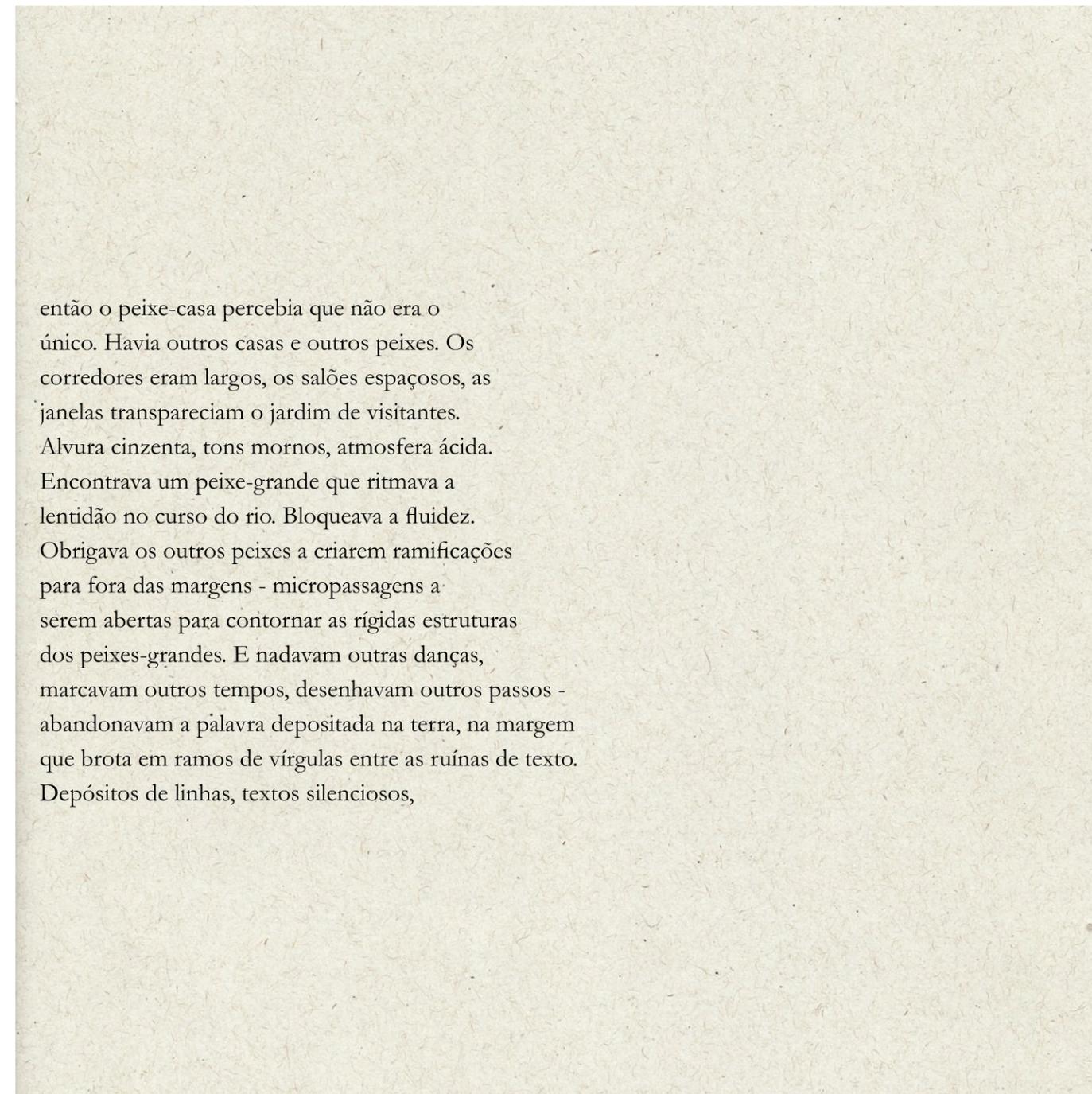




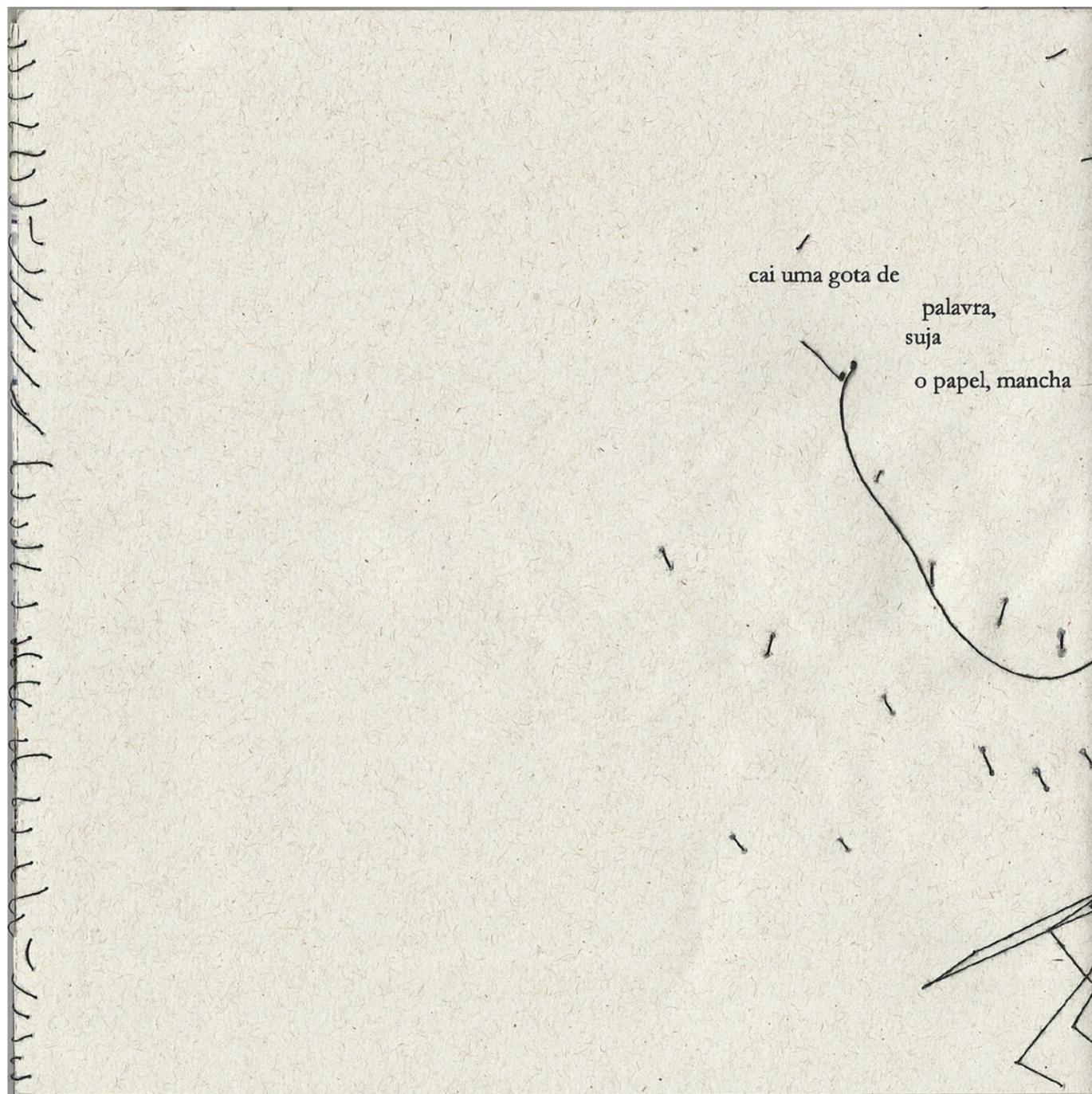
imagens disponíveis em: <<http://bienal.org.br/30bienal>>



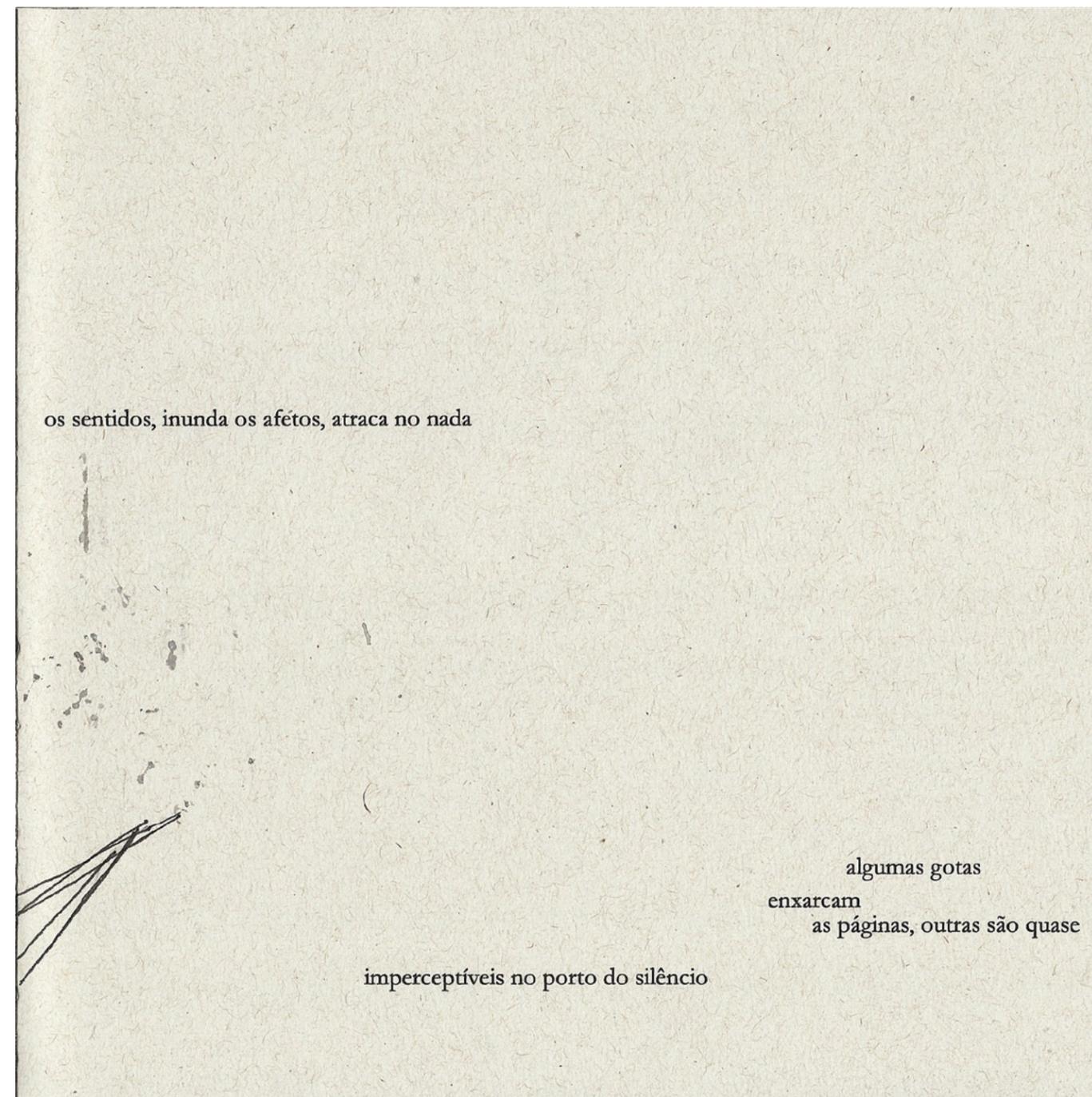
decidiu nunca
mais voltar, pois percebeu que tudo
estava *arruinado*, o nada que
sobrava já havia manchado sua
pele, sentia-se numa investigação
incessante em que as perguntas se
multiplicavam em novas perguntas e as
respostas eram segredos guardados por
corpos de fala subtraída
não queria mais saber



então o peixe-casa percebia que não era o
único. Havia outros casas e outros peixes. Os
corredores eram largos, os salões espaçosos, as
janelas transpareciam o jardim de visitantes.
Alvura cinzenta, tons mornos, atmosfera ácida.
Encontrava um peixe-grande que ritmava a
lentidão no curso do rio. Bloqueava a fluidez.
Obrigava os outros peixes a criarem ramificações
para fora das margens - micropassagens a
serem abertas para contornar as rígidas estruturas
dos peixes-grandes. E nadavam outras danças,
marcavam outros tempos, desenhavam outros passos -
abandonavam a palavra depositada na terra, na margem
que brota em ramos de vírgulas entre as ruínas de texto.
Depósitos de linhas, textos silenciosos,



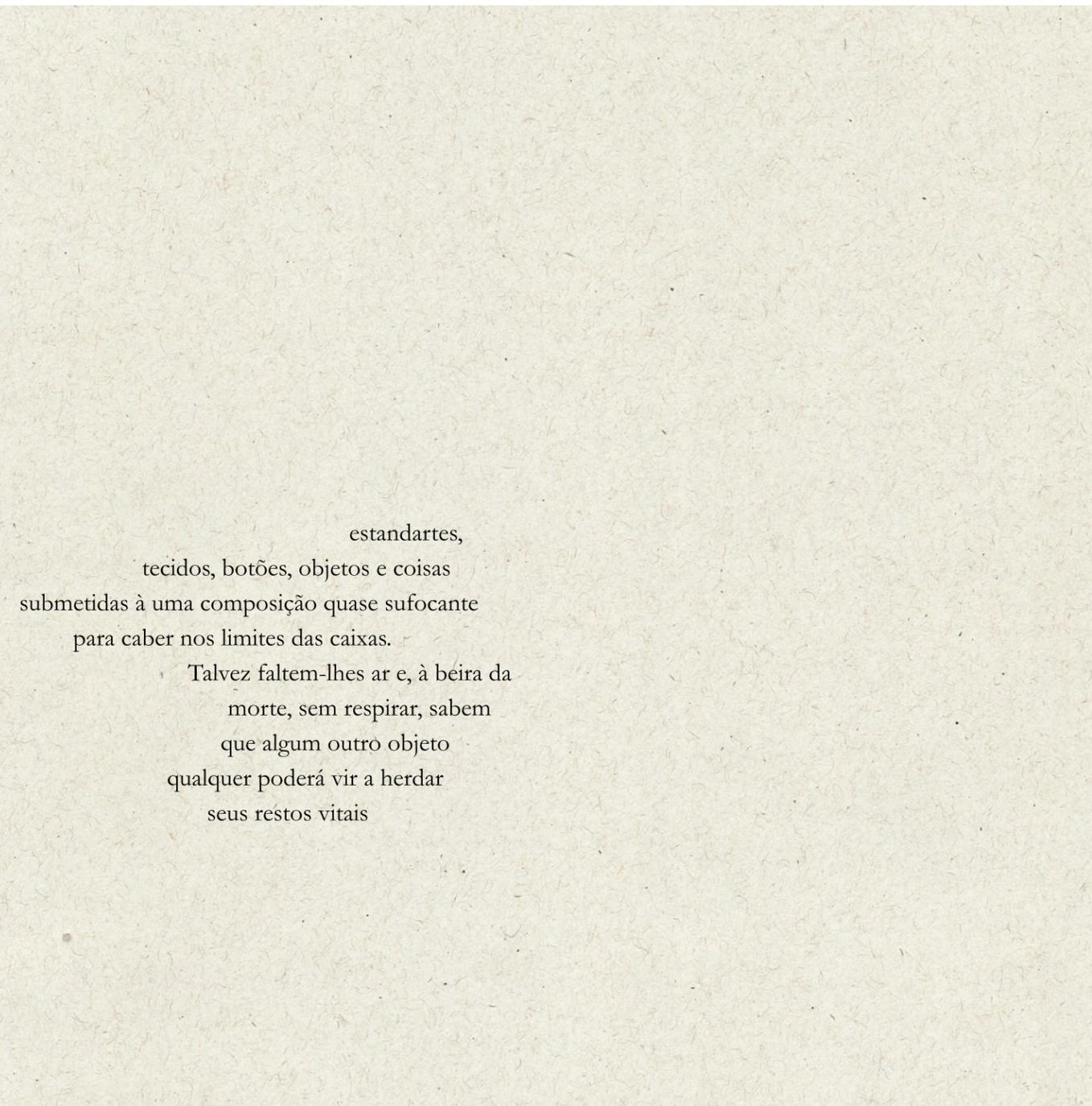
cai uma gota de
palavra,
suja
o papel, mancha



os sentidos, inunda os afetos, atraca no nada

algumas gotas
enxarcam
as páginas, outras são quase

imperceptíveis no porto do silêncio



estandartes,
tecidos, botões, objetos e coisas
submetidas à uma composição quase sufocante
para caber nos limites das caixas.

Talvez faltem-lhes ar e, à beira da
morte, sem respirar, sabem
que algum outro objeto
qualquer poderá vir a herdar
seus restos vitais



inseridos
no domínio
das artes, os objetos partilham da ambigüidade em encontrar a vida na criação, em traçar os vãos por onde o vento sopra, ao mesmo tempo em que, o financiamento do capital decodifica suas fórmulas, decalca seus desenhos, para reproduzi-los e comercializar seus clones:

É que, se por um lado, para atingir seu alvo lhe será indispensável investir em pesquisa e invenção, o que aumenta as chances de expansão da vida, por outro, não é a expansão da vida a meta de seu investimento, mas sim a fabricação e a comercialização de clones dos produtos das criações da vida (...) (Rolnik, 2001:03)

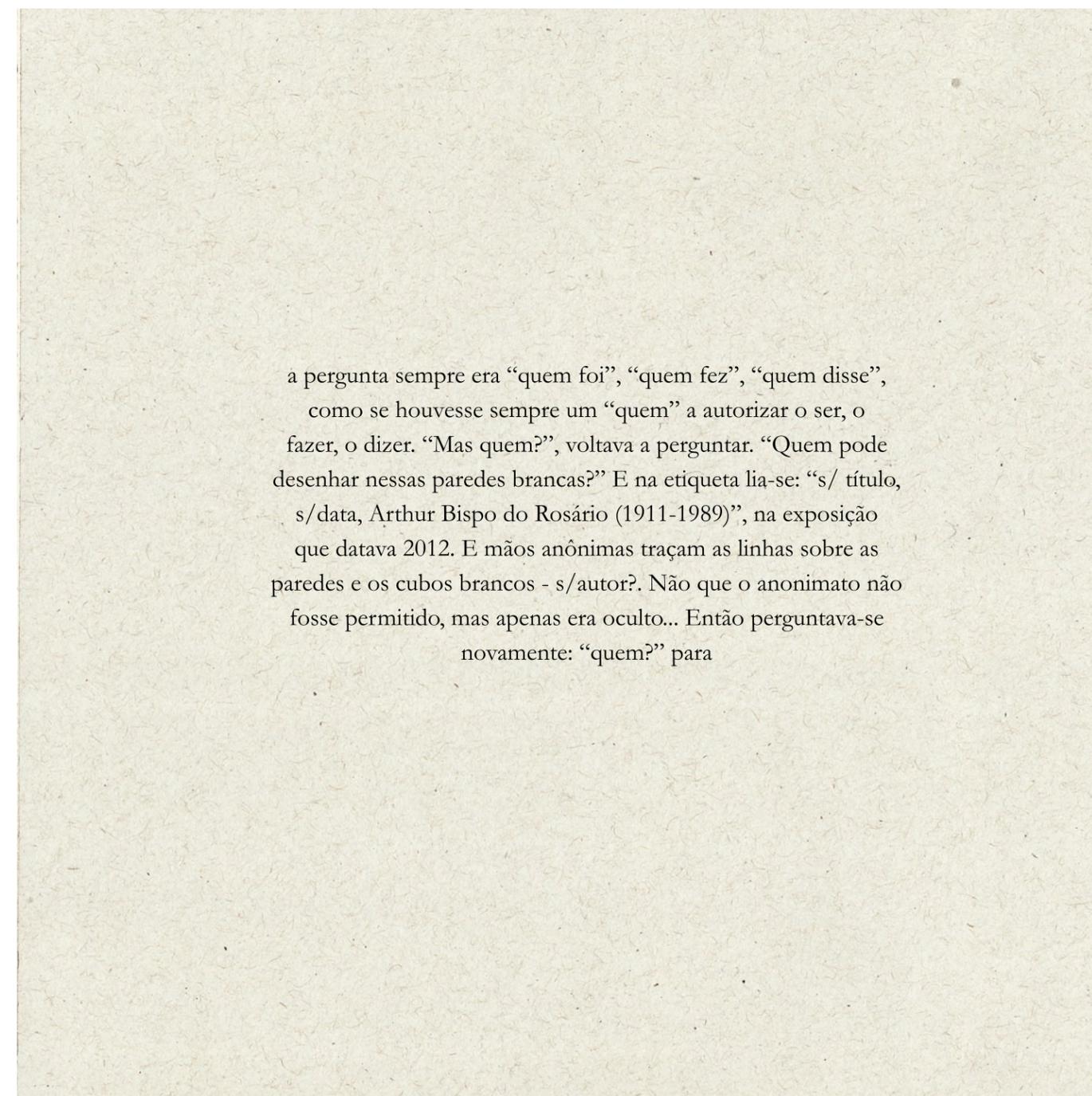
Podres, encardidos, cariados – palavras escolhidas por Manoel de Barros (2009) para habitar os objetos criados por Bispo. Poderia a Bienal de São Paulo conservá-los nessas mesmas palavras? A exposição dos objetos arquivados pretendem conservar a vida para “ativar experiências sensíveis no presente” (Rolnik, 2009:97), provocar no público a sensação de estar diante de um mesmo Bispo falecido há mais de duas décadas. Clonar até mesmo a subjetividade do artista para manter a integridade dos objetos. Seria possível fazer durar a vitalidade dos problemas inventados no encontro de Bispo com os objetos, conservar arquivos da precariedade, produzir clones de restos ardentes?

em visita à sala
da Bienal de São
texto que conforta
encontra-se uma
registram o processo da
da sala

a figura-Bispo veio em
Caixas abertas em jardim
Como lidar com as
da composição? Sapato
papelão fica bem com galho,
veleiro com lado. Talvez tudo
porque branco é cor neutra e
na sua interferência. Ruídos
ouvidos brancos. Limpeza
restauradora), resta o gargalo
Como rabiscar com as coisas
Desenhar com os objetos
de coisas? Branco que entra
a posição singular de cada
pétala, vírgula por vírgula,
corredores e salões, clarões
lado de é escrever com ele
linha versa, linha podre,
linha casa. Inúmeras as
- textualidades tecidas:
forma, nem conteúdo.
beira rio: chega o outono,
árvore, espalham-se pelo
rio florido de coisas

de estar ~~de~~
Paulo, de estava rentado no
sua pele. Ao lado
ferida ~~de~~ aberta e uma agulha
selagem ~~de~~

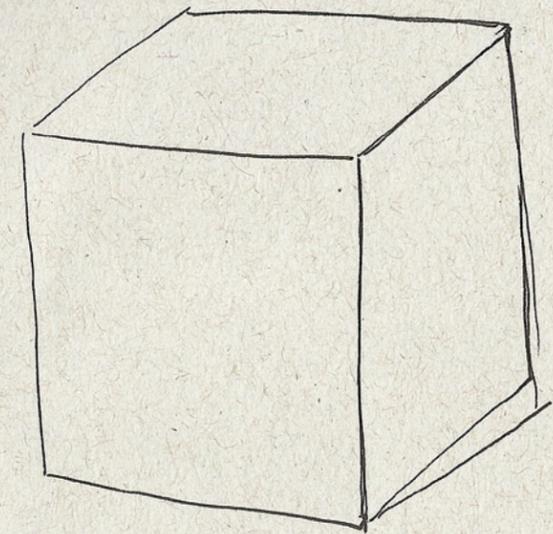
aspas.
de expressão indizíveis.
incompatibilidades
- depósito de
casco de
seja nada mais alguma coisa
permeável
ruídos de
impossível (~~tantos~~ vertigem
gongolar.
miolos de vida?
o estômago
na letra, dislocada =
palavra-
gota por gota que faz goteira p
de buraco de agulha. Perder u
uma memória inventada, na
quintal da
possibilidades de continuar u
variação sem
Nascia a
junto as pernas da
corredor sementes de texto leva
inventadas



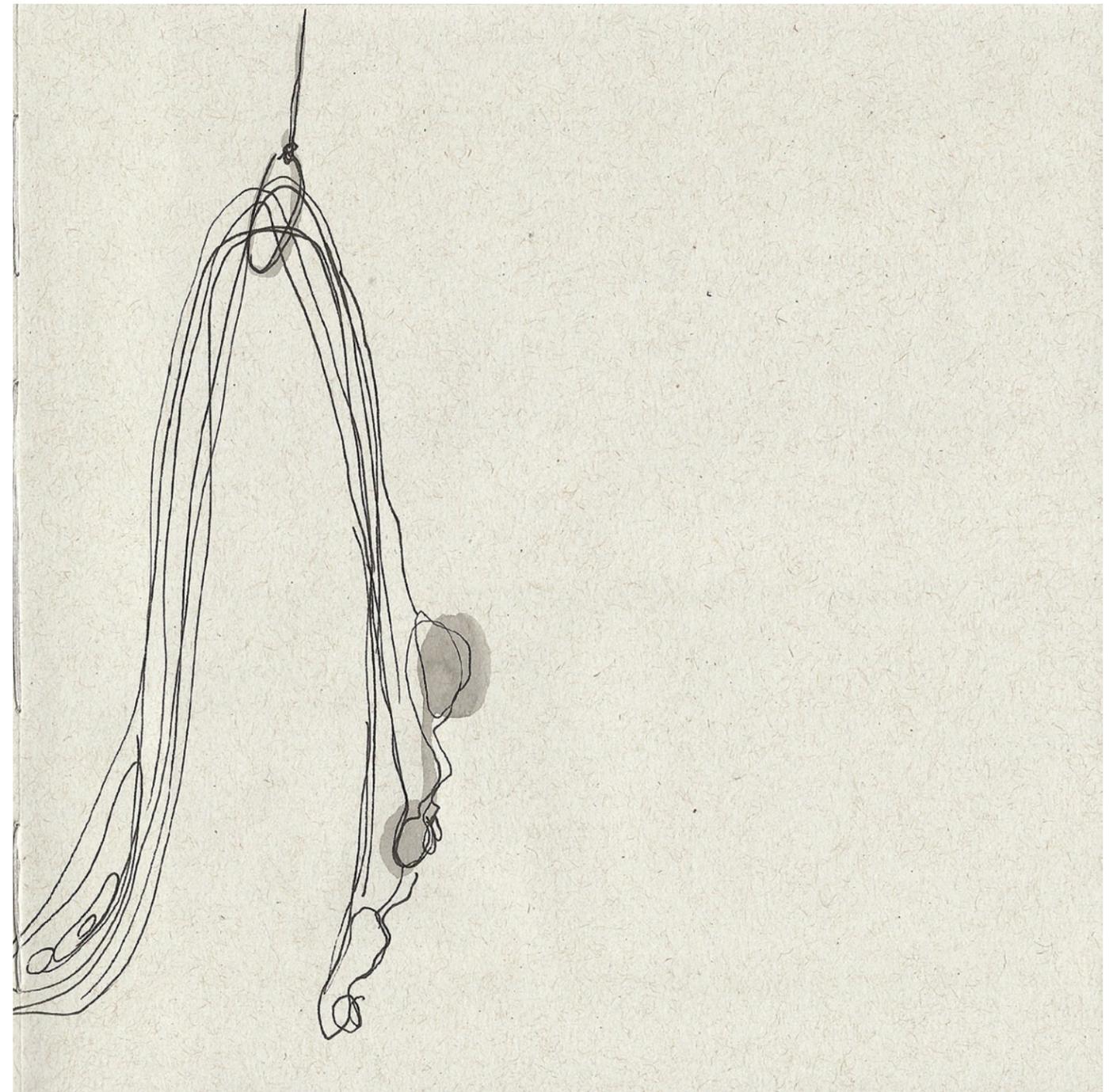
a pergunta sempre era “quem foi”, “quem fez”, “quem disse”,
como se houvesse sempre um “quem” a autorizar o ser, o
fazer, o dizer. “Mas quem?”, voltava a perguntar. “Quem pode
desenhar nessas paredes brancas?” E na etiqueta lia-se: “s/ título,
s/data, Arthur Bispo do Rosário (1911-1989)”, na exposição
que datava 2012. E mãos anônimas traçam as linhas sobre as
paredes e os cubos brancos - s/autor?. Não que o anonimato não
fosse permitido, mas apenas era oculto... Então perguntava-se
novamente: “quem?” para

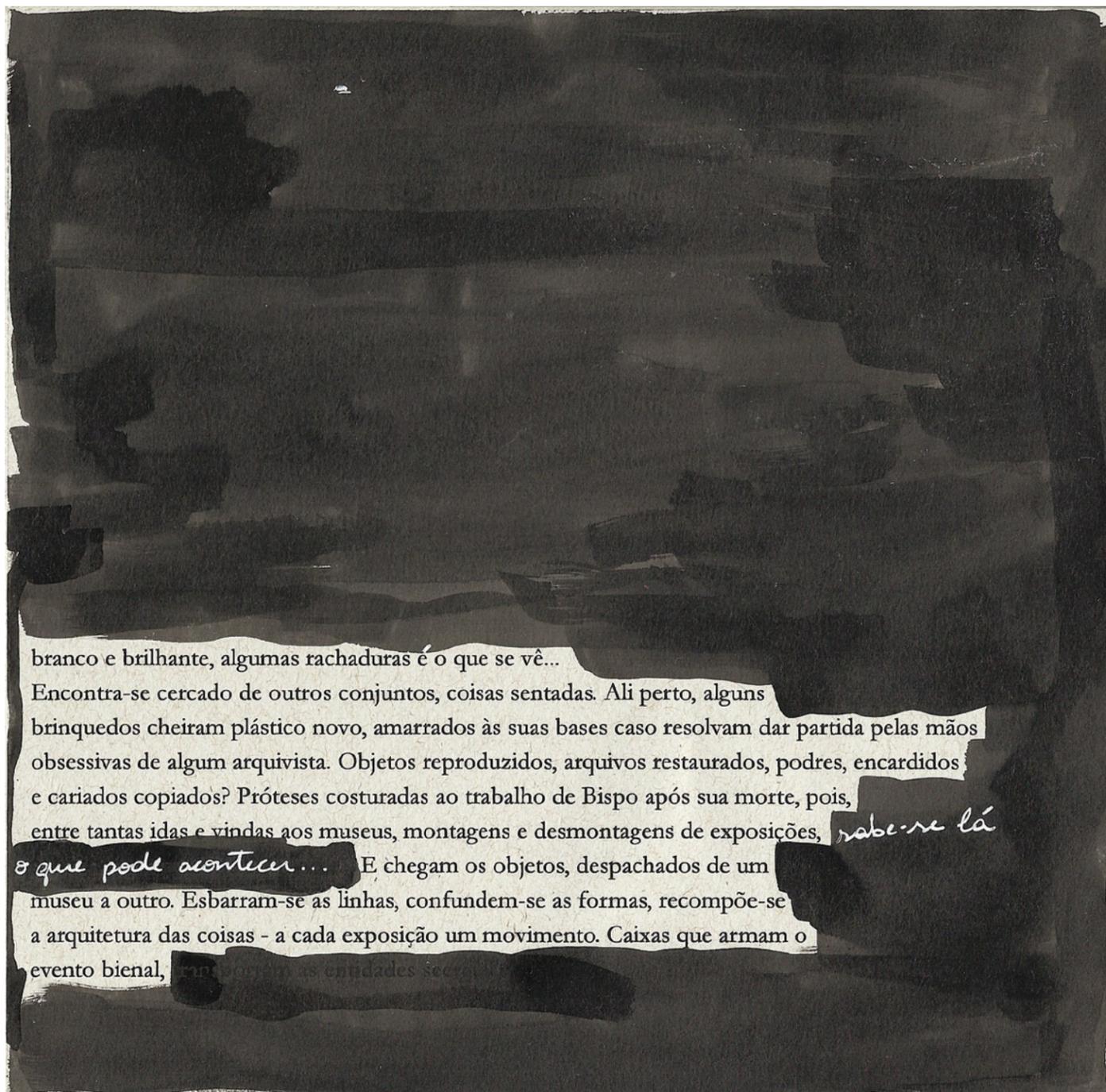
multidão à espera das mãos – não as de Bispo – que vão recompor algo entre hospital e bienal, algo entre a vida conservada e a morte em iminência. Mas qual seria a organização verdadeira e original (se é que há alguma...) para os objetos de Bispo? Haveria algum mapa ou manual de como proceder com trabalho de Bispo? Neste momento é preciso eliminar os ruídos, qualquer interferência pode ferir a originalidade que faz do objeto 'arte'. Garantir que as coleções expostas estejam habitadas pela subjetividade de Bispo do Rosário. A montagem da exposição da sala de Bispo exige um outro trabalho, um outro fazer, além do que está feito, o ato da composição.

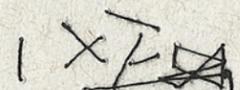
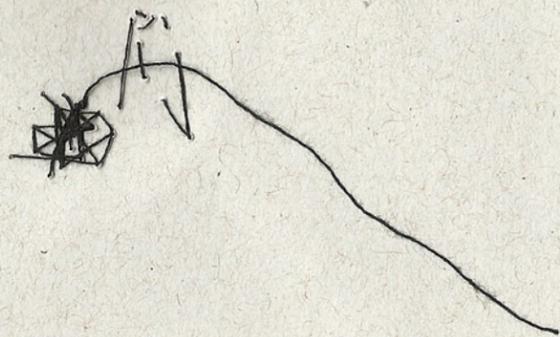
Para conservar as forças vivas, a materialidade das linhas, a arquitetura dos sopros que sustenta os objetos, seria necessário compor tal como fez Bispo?



"A COMPOSIÇÃO NADA MAIS É, POIS, QUE UMA ORGANIZAÇÃO PRECISA E LÓGICA DAS FORÇAS VIVAS CONTIDAS NOS ELEMENTOS SOB FORMA DE TENSÕES" (KANDINSKY, 2001: 81).







Institucionalizações obsessivas em arquivar, traçam um território de testemunhos da arte. Diante das testemunhas, o público pode ser convencido de que está diante do próprio artista. E não que não esteja. Estes cadernos não se propõem como juízes, afinal, são os mesmos arquivos e clones que convenceram a tecelagem dessa pesquisa. Mesmo assim, essa ambigüidade contorna a territorialidade das artes: conservar a vida se faz importante diante da possibilidade da morte.

Fiar – desfiar... Esboço de capítulo começa a incomodar...

Des(con)fiar do que seria conservar problemas vitais em reproduções. A morte estaria na réplica, na cópia na repetição? Censura que extrairia a possibilidade da apropriação do material inventado e a possibilidade da reinvenção de problemas com com este material posto a habitar o mundo. Parece a proposição ~~de desfiar~~ de encontrar a *aura* (Benjamin, 1985) dos objetos ainda sacralizados por algumas instituições artísticas, a vontade do retorno à origem, a habitação da *linha reta*. Talvez esse o incômodo com a montagem da sala de Bispo. Manter no branco a ilusão da não interferência, da não

apropriação, o não re-inventar algo com a proposta de Bispo. Manter as

coisas expostas sobre mesas, cubos, paredes brancas,

realçando suas auras e confortando-as em seu

lugar estabelecido como "obras primas".

Equipes e equipamentos de trabalho

montam a sala de Bispo – é preciso conservar a

origem, fazer reluzir a *aura*, garantir a *autenticidade* (Benjamin, 1985) do artista falecido. *Panos crus?* Cruza de

essência – busca por vestígios da primeira obra? Original, a se manter na Bienal, fiel ao compromisso da

representação de uma figura. Uma Bienal que se apropria do próprio cubo branco, curva-se à moralidade

do intocável, do sagrado, o que ressoa ainda mais uma cultura um tanto tradicionalista que povoa o circuito

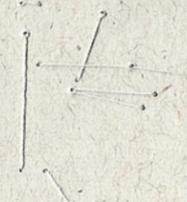
das artes.

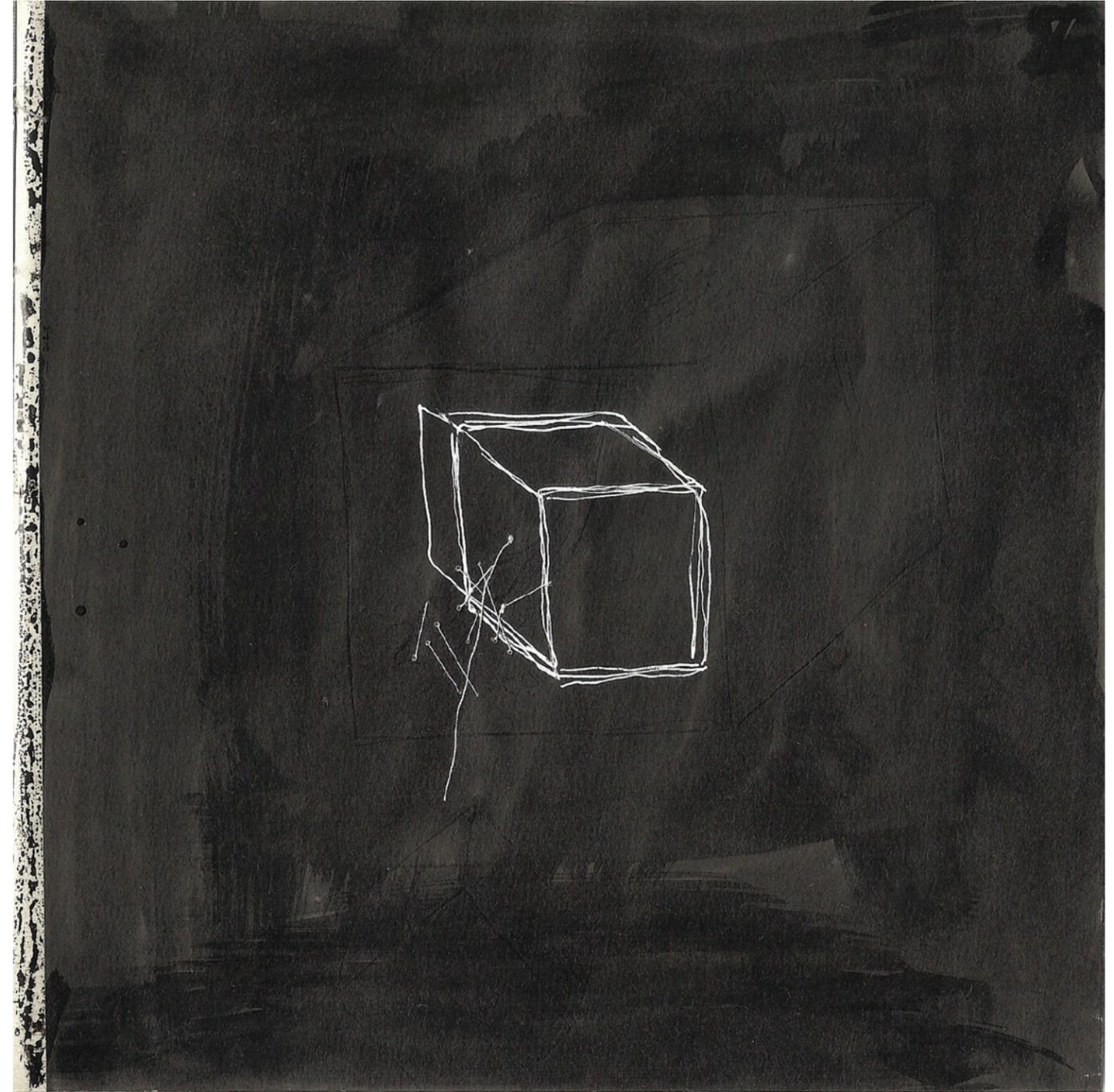
Ressonâncias ainda no ensino das artes. A Bienal como espaço pedagógico reflete ainda o brilho da aura e do

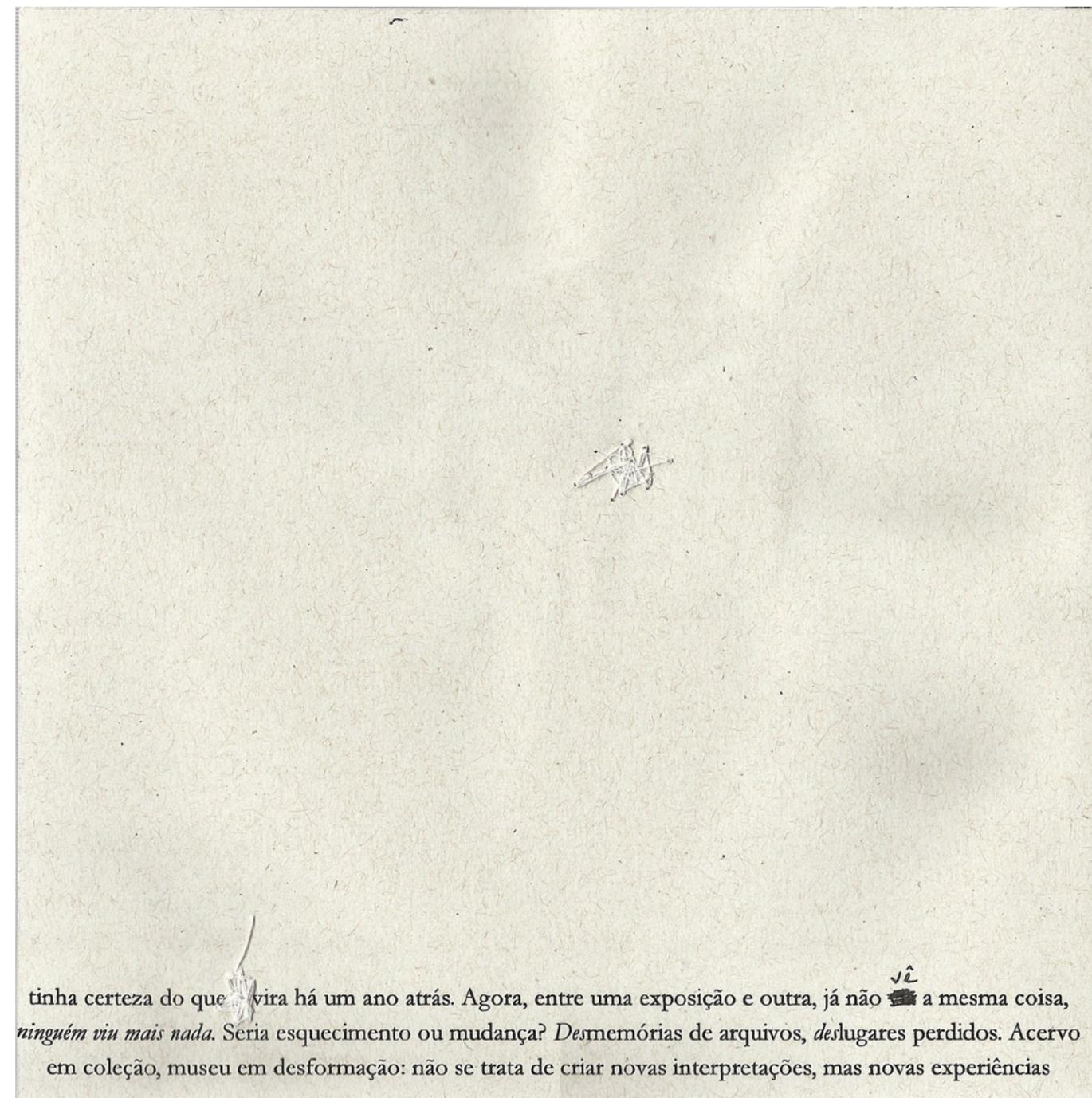
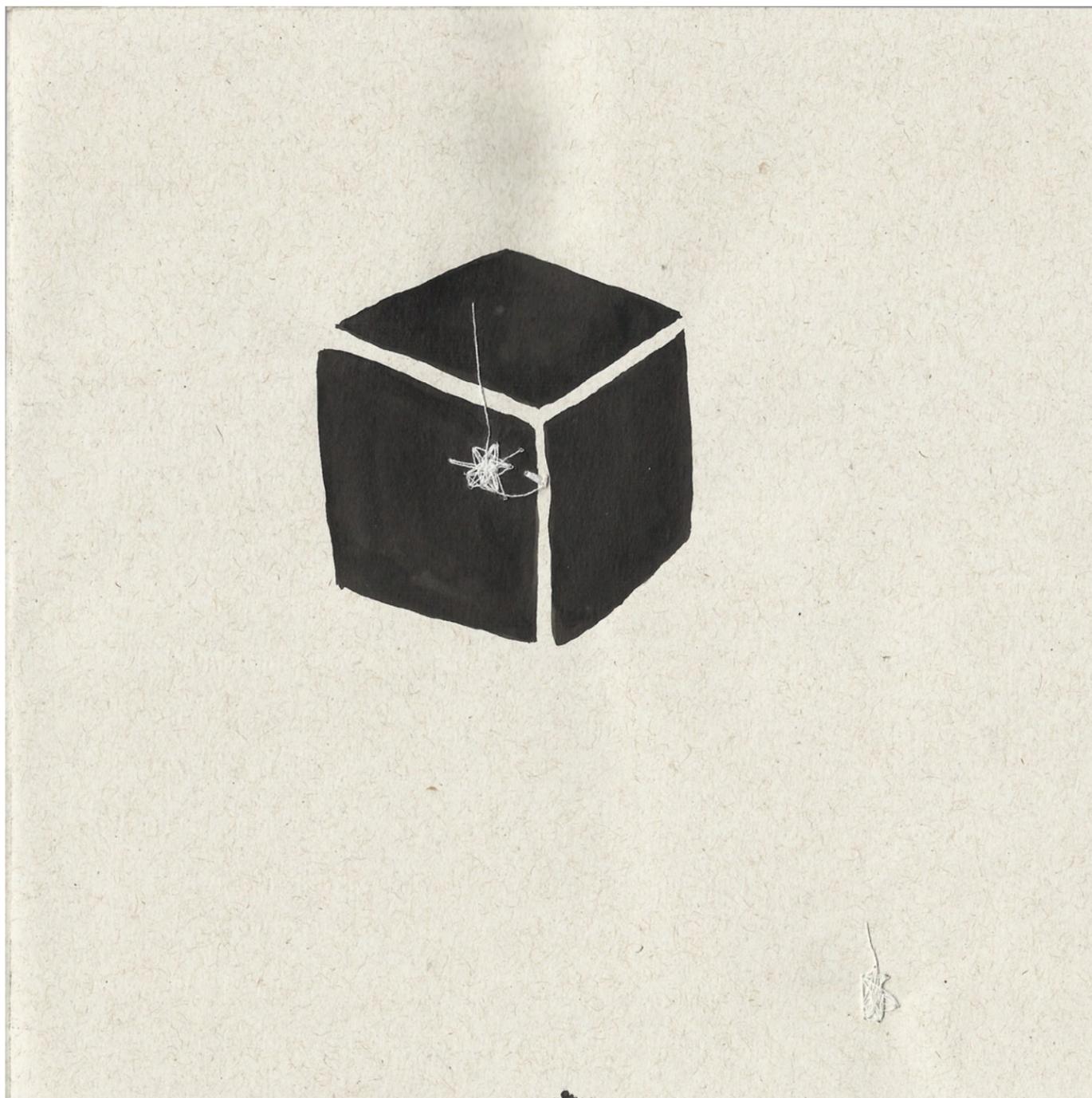
galo. O inancalçável, o inatingível e imutável está ali sobre as mesas, desde a infância, a rigidez que encaixota os

objetos das artes já faz parte do espetáculo. Resta às práticas pedagógicas a releitura, a reprodução, pois qualquer

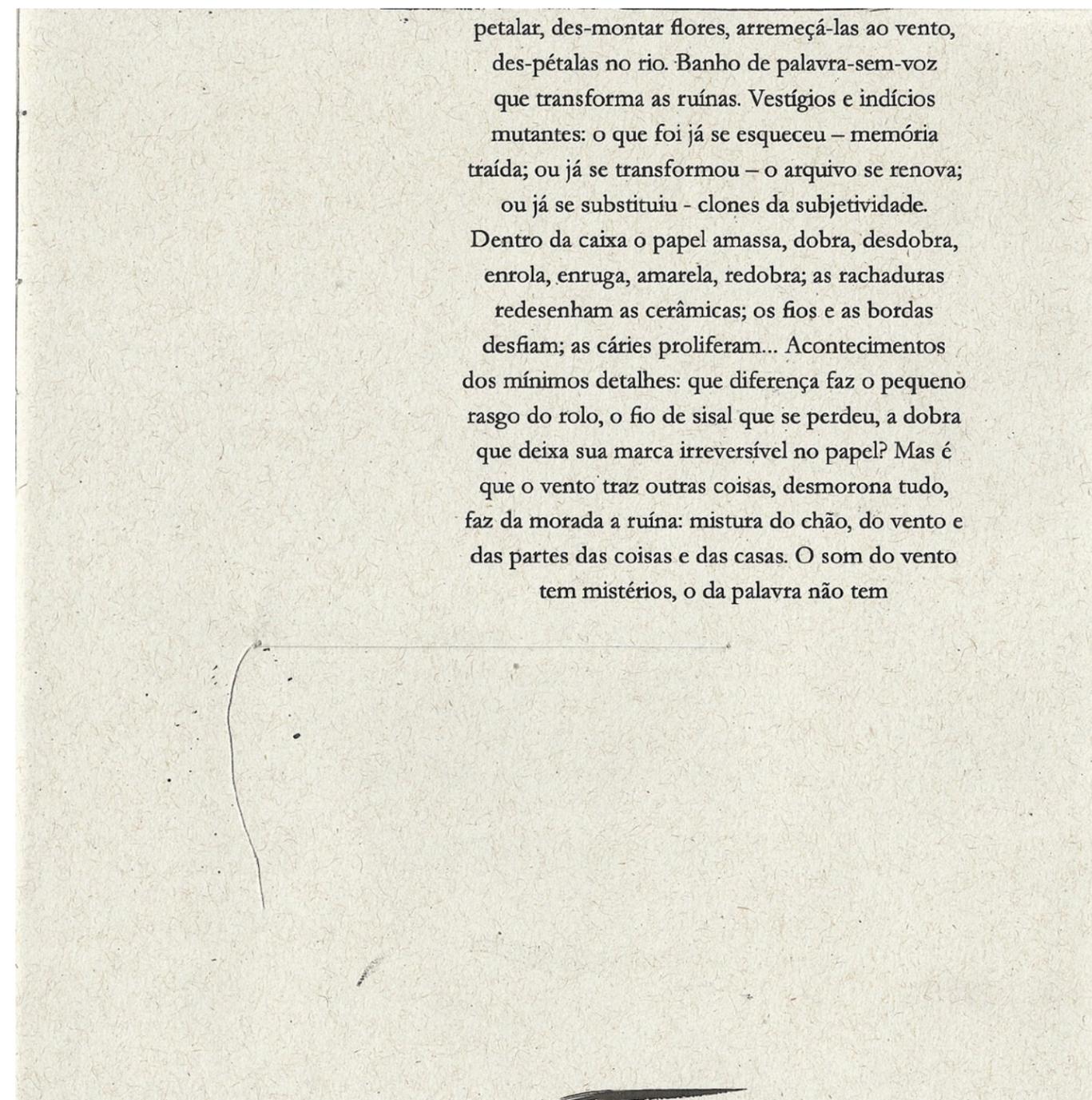
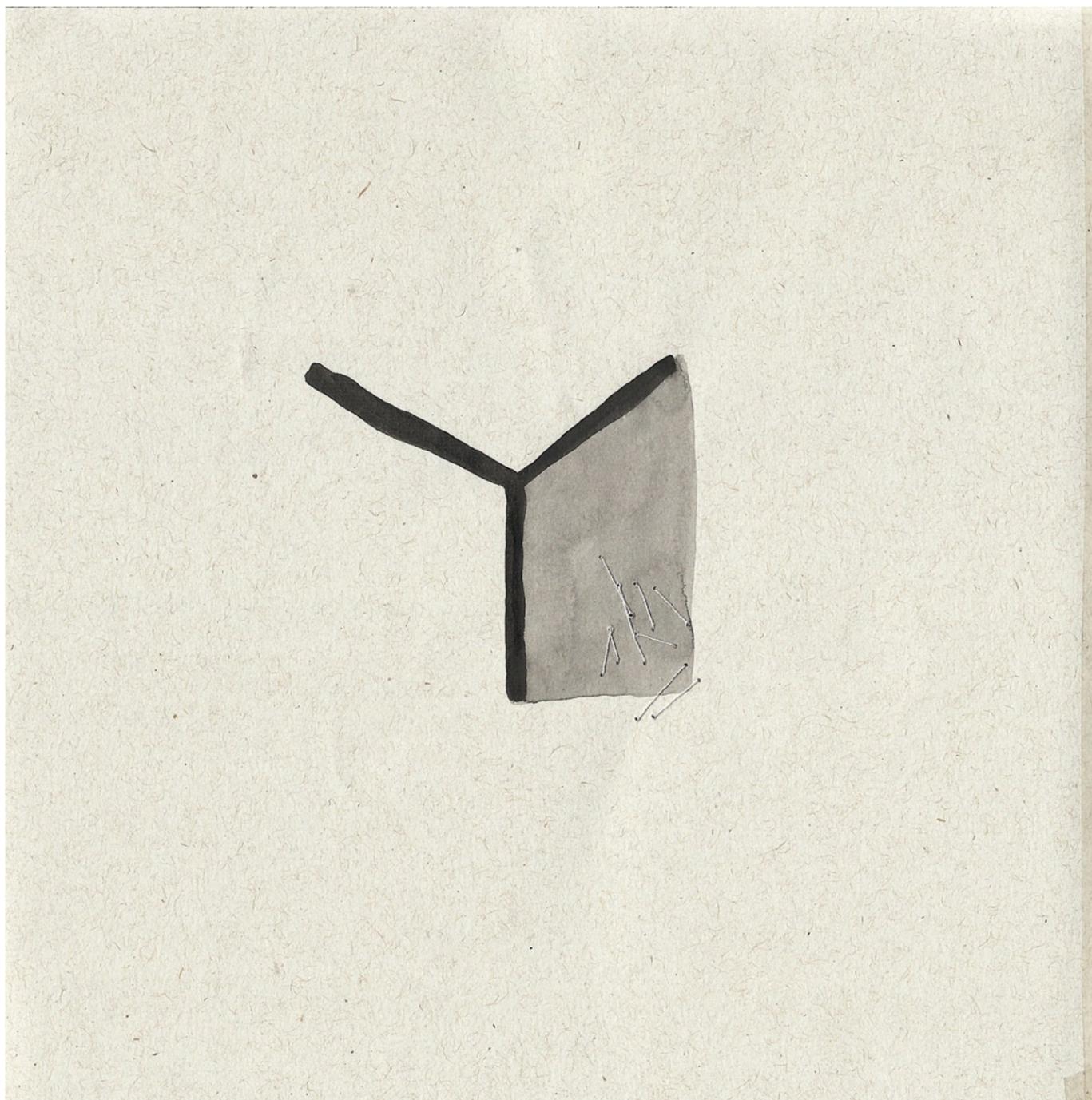
intervenção pode ser sintoma de delírio – doença marginal a ser evitada.







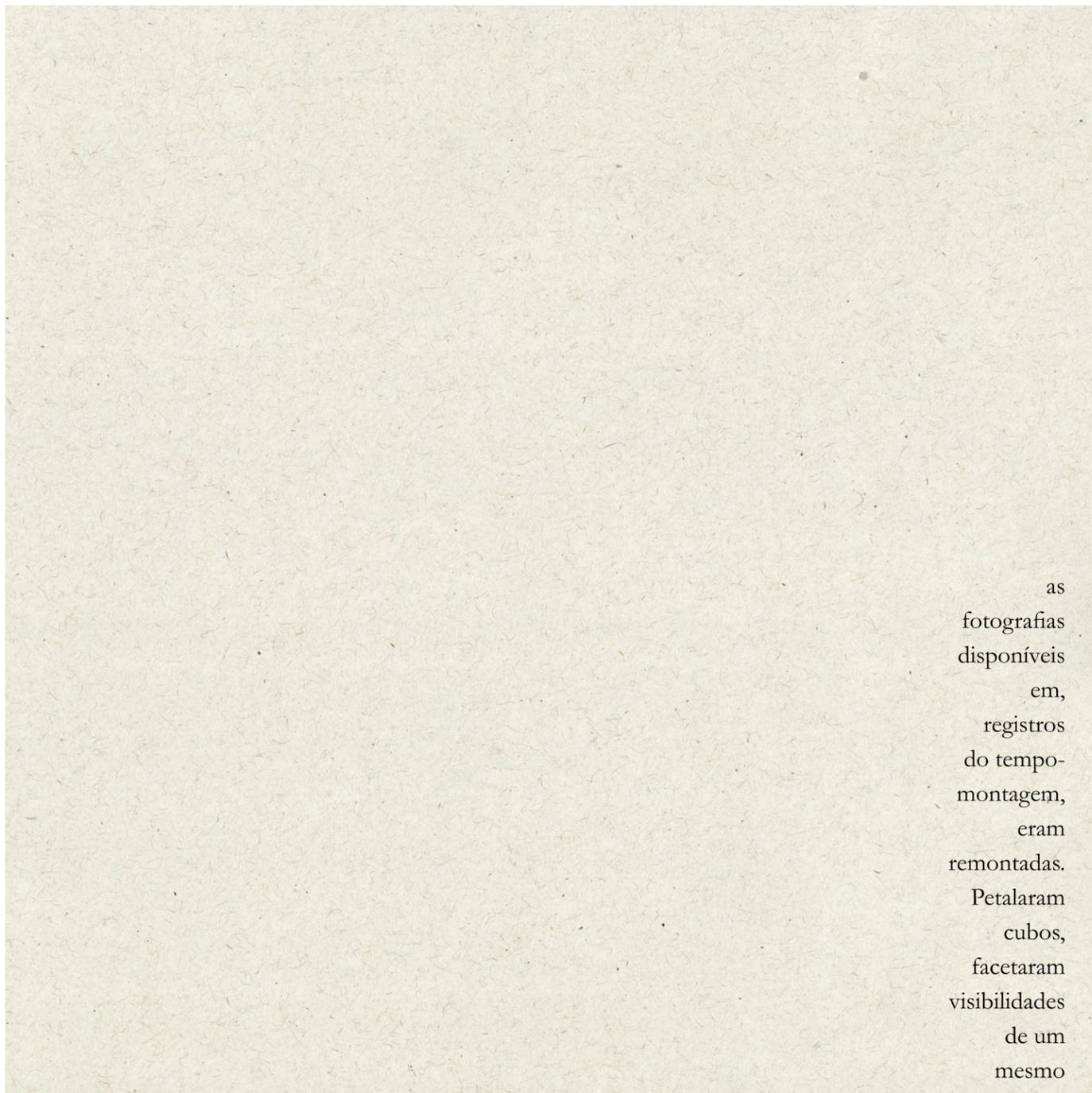
tinha certeza do que ~~se~~ vira há um ano atrás. Agora, entre uma exposição e outra, já não ~~é~~ ^{ve} a mesma coisa, *ninguém viu mais nada*. Seria esquecimento ou mudança? *Desmemórias* de arquivos, *deslugares* perdidos. Acervo em coleção, museu em desformação: não se trata de criar novas interpretações, mas novas experiências



e não conseguia mais explicar, perdeu a palavra

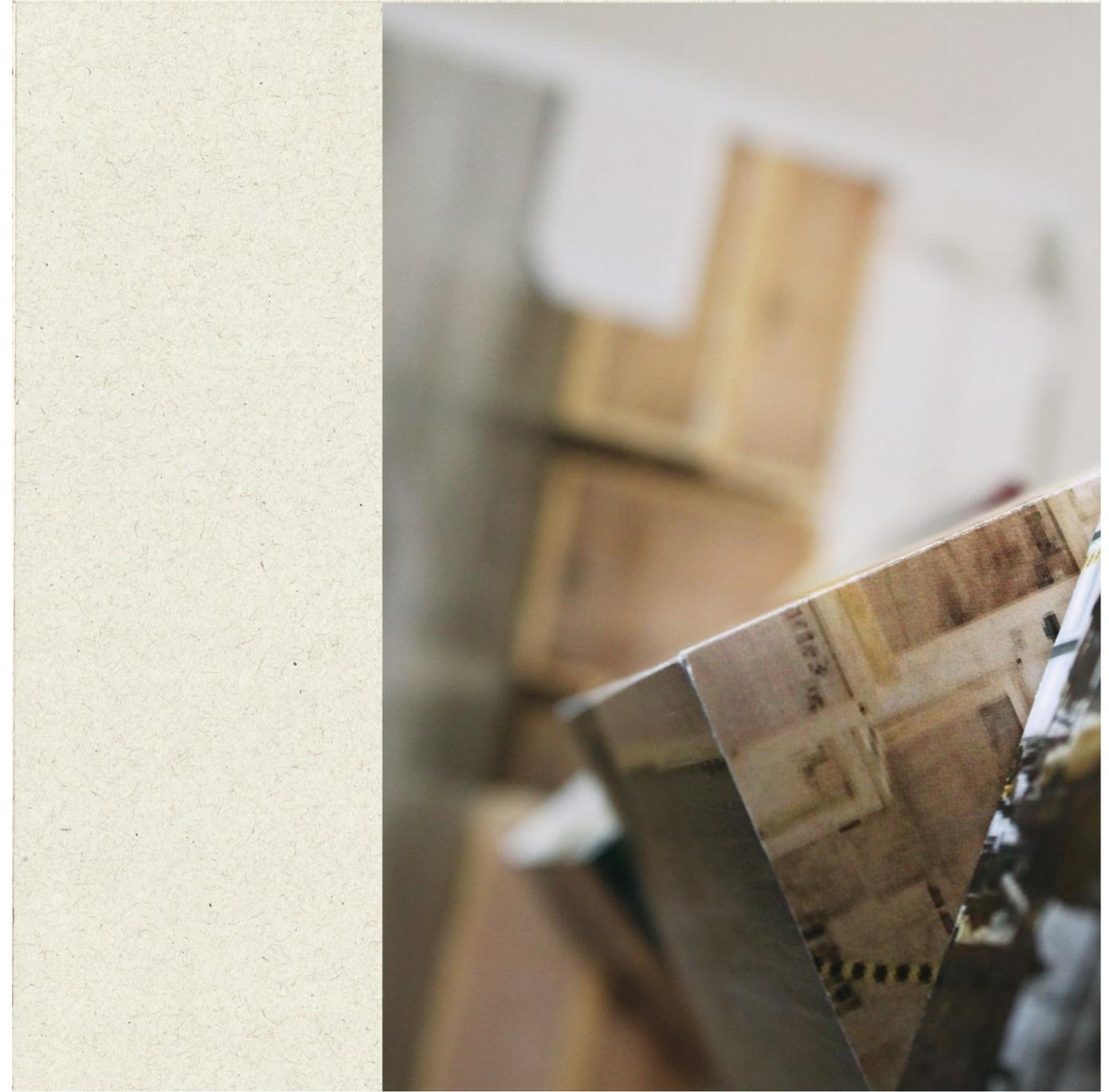
Sem título, série "Indícios", Anna Maria Maiolino, 2009. Coleção da artista

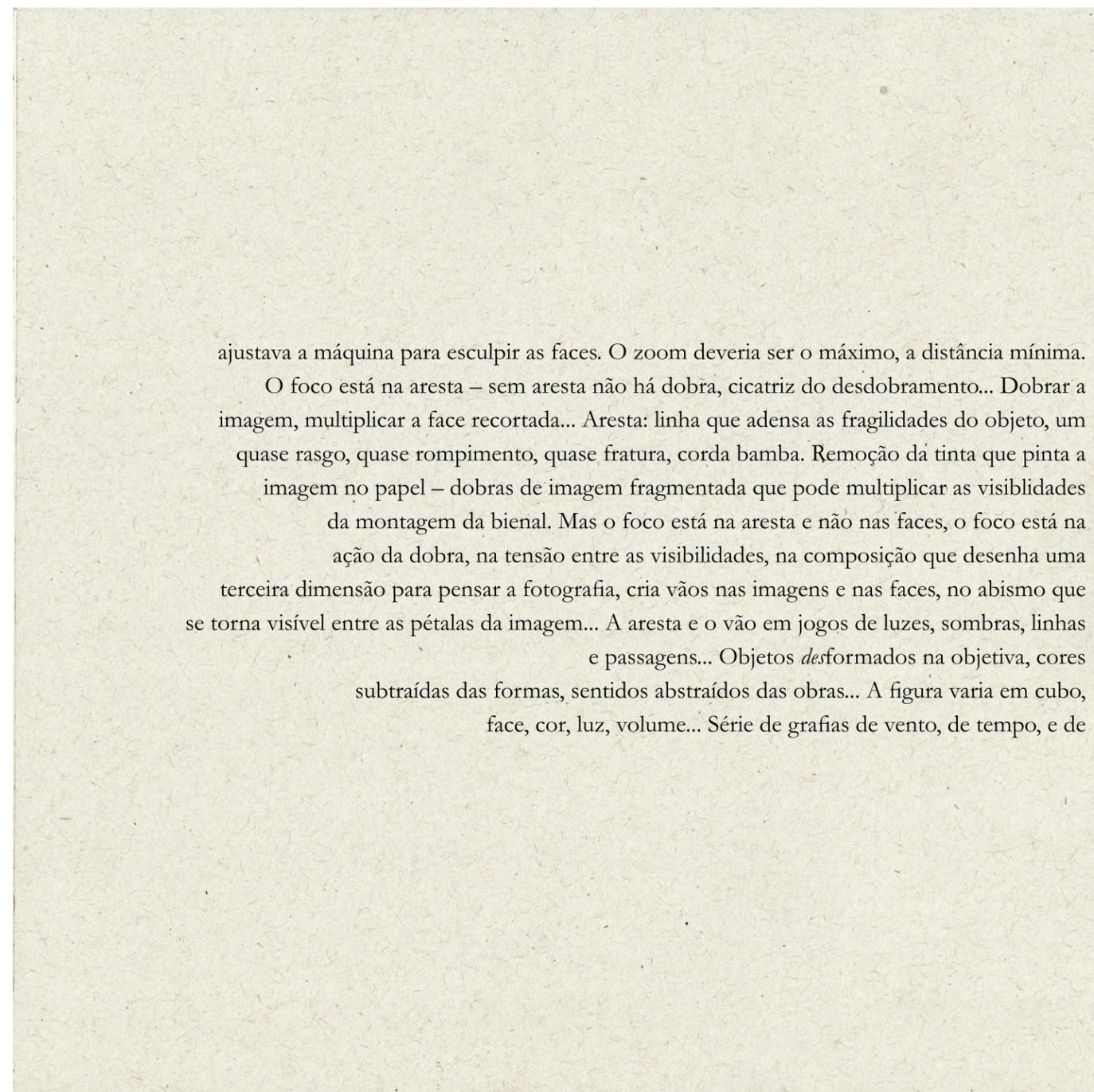
institucionalizações obsessivas em arquivar, traçam um território de testemunhos da arte. Diante das testemunhas, o público pode ser convencido de que está diante do próprio artista. E não que não esteja. Estes cadernos não se propõem como juízes, afinal, são os mesmos arquivos e clones que convenceram a tecelagem dessa pesquisa. Conservar a vida pode se fazer importante diante da possibilidade da morte



as
fotografias
disponíveis
em,
registros
do tempo-
montagem,
eram
remontadas.
Petalaram
cubos,
facetaram
visibilidades
de um
mesmo







ajustava a máquina para esculpir as faces. O zoom deveria ser o máximo, a distância mínima.

O foco está na aresta – sem aresta não há dobra, cicatriz do desdobramento... Dobrar a imagem, multiplicar a face recortada... Aresta: linha que adensa as fragilidades do objeto, um quase rasgo, quase rompimento, quase fratura, corda bamba. Remoção da tinta que pinta a imagem no papel – dobras de imagem fragmentada que pode multiplicar as visibilidades da montagem da bienal. Mas o foco está na aresta e não nas faces, o foco está na ação da dobra, na tensão entre as visibilidades, na composição que desenha uma terceira dimensão para pensar a fotografia, cria vãos nas imagens e nas faces, no abismo que se torna visível entre as pétalas da imagem... A aresta e o vão em jogos de luzes, sombras, linhas e passagens... Objetos *desformados* na objetiva, cores subtraídas das formas, sentidos abstraídos das obras... A figura varia em cubo, face, cor, luz, volume... Série de grafias de vento, de tempo, e de

aresta desgastada de tanto
esmiuçarem

suas vontades, não
interessa
mais

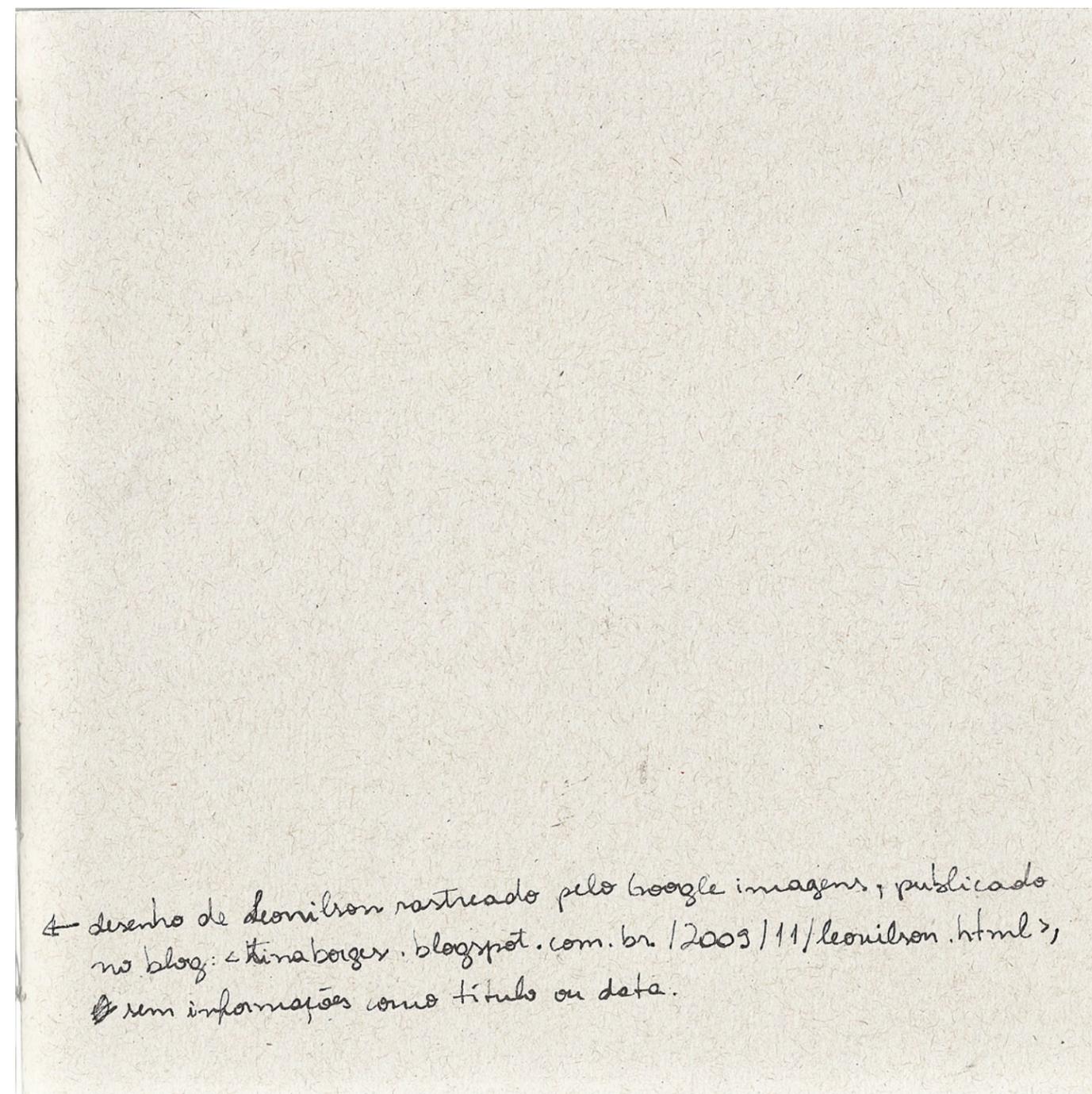
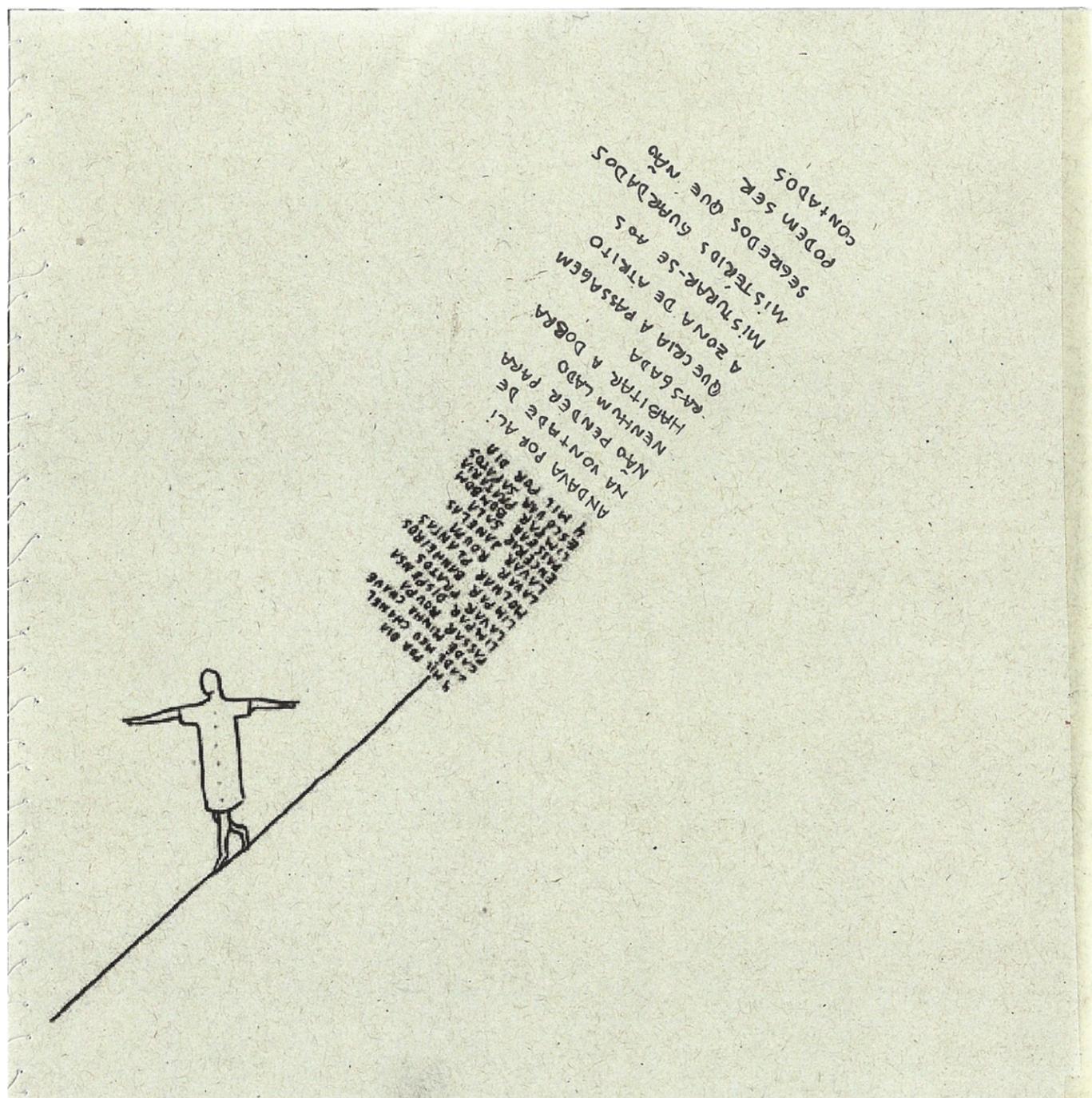
as
imagens que imprimem
as faces
, mas as

arestas e vãos
que as percorrem
e
as
redesenham



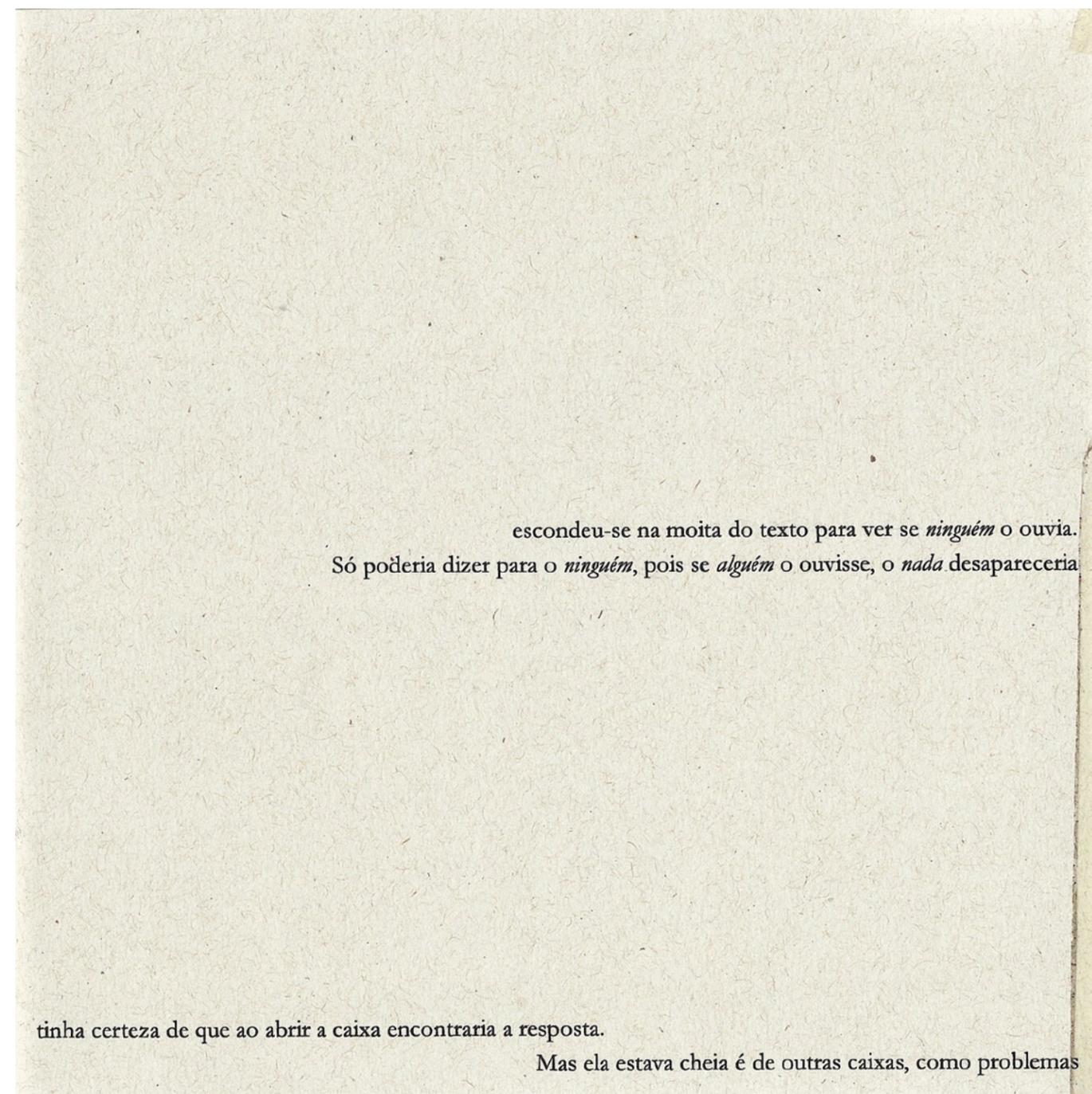
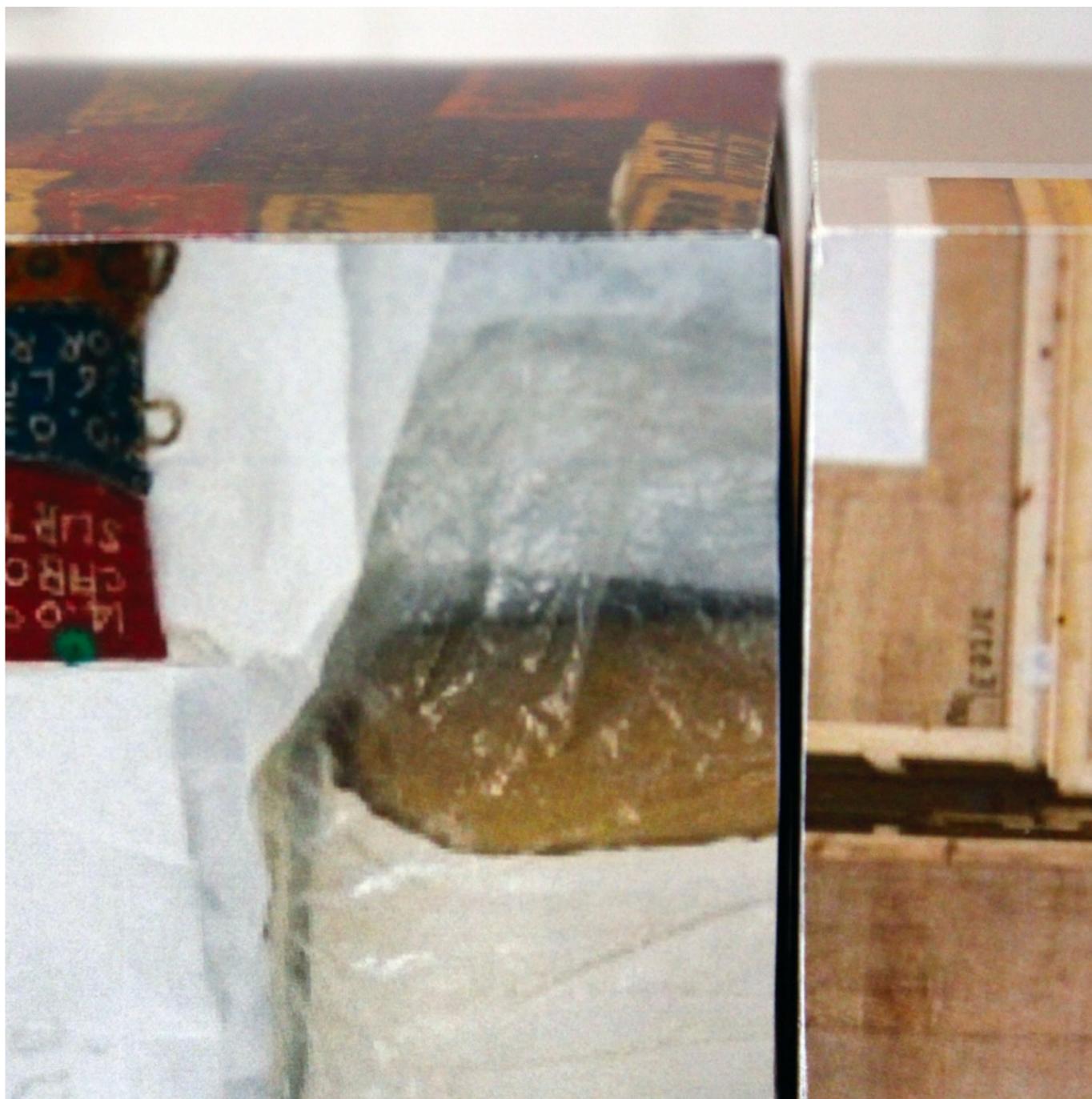






← desenho de Leonilson rastreado pelo Google imagens, publicado no blog: <thinaburger.blogspot.com.br/2003/11/leonilson.html>, sem informações como título ou data.





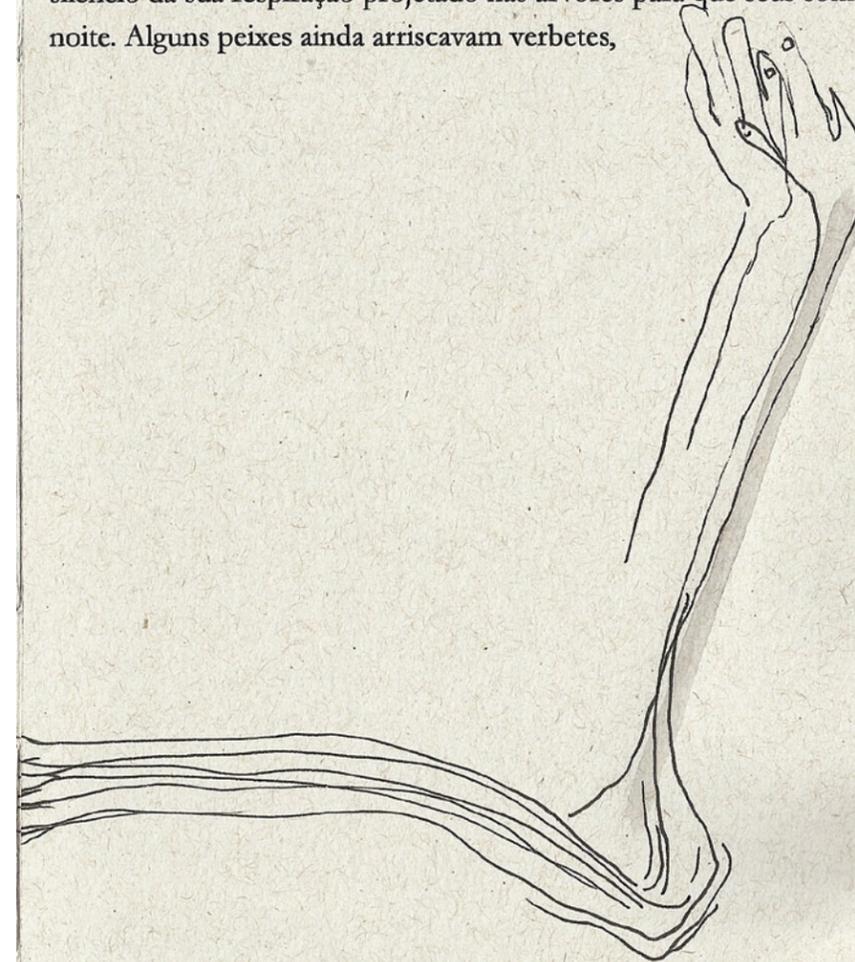
escondeu-se na moita do texto para ver se *ninguém* o ouvia.
Só poderia dizer para o *ninguém*, pois se *alguém* o ouvisse, o *nada* desapareceria

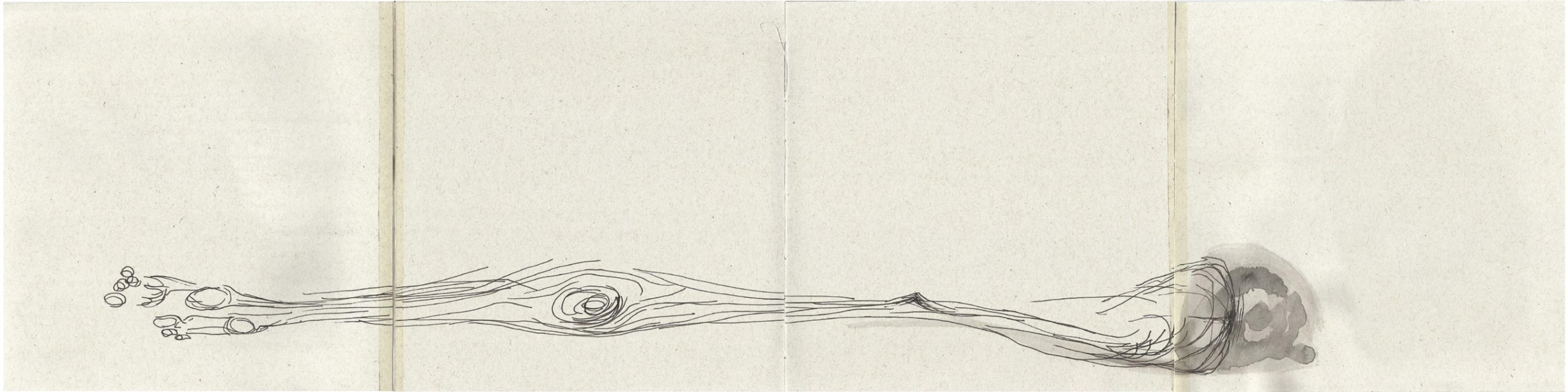
tinha certeza de que ao abrir a caixa encontraria a resposta.

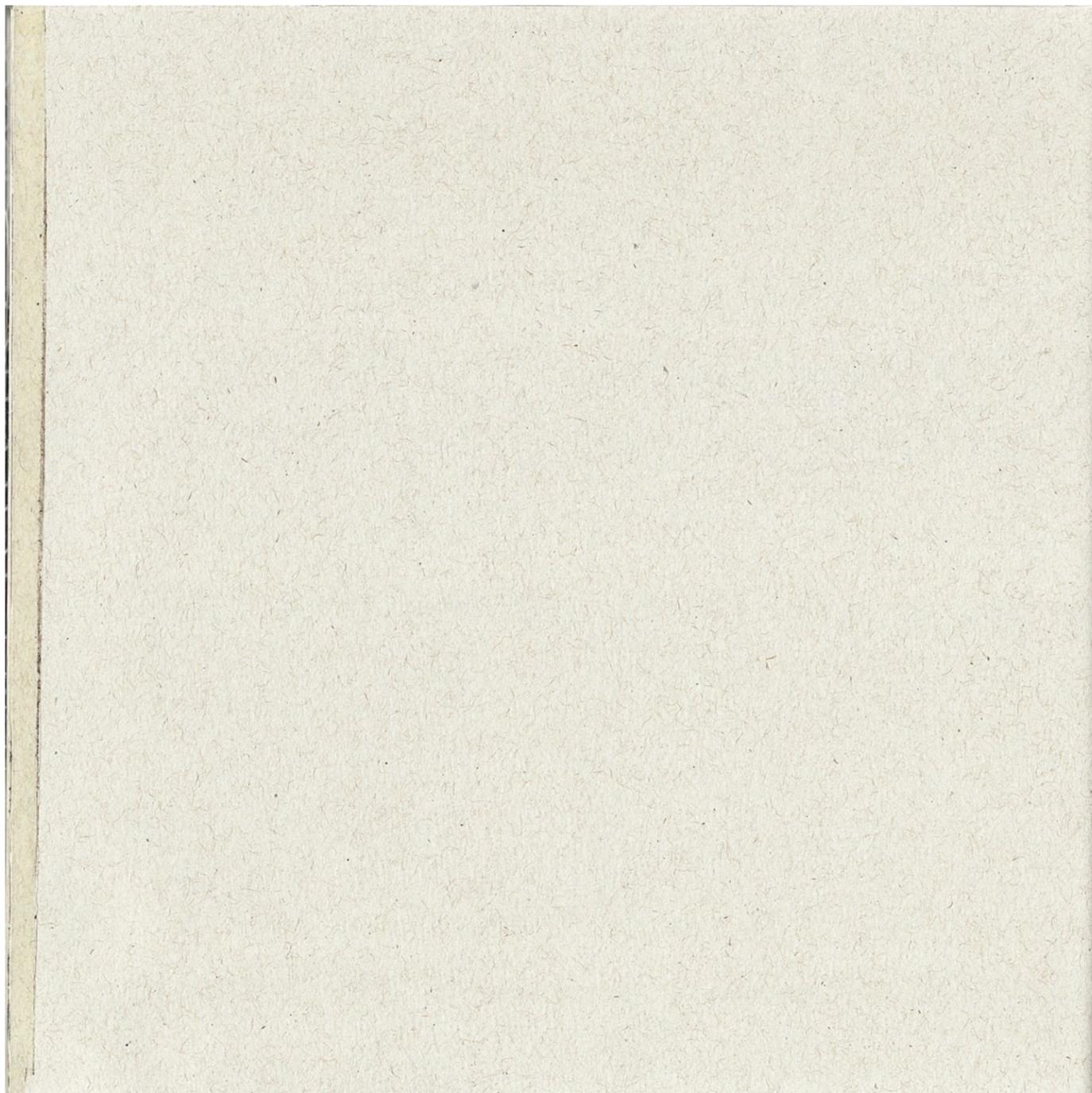
Mas ela estava cheia é de outras caixas, como problemas

andava margeando a beira antes de dormir, pois gostava de ouvir o se invadissem apenas de sensações. Mas havia algo estranho naquela murmúrios sobre o corpo sedento, de sombra misteriosa, que mergulhou no rio. Os traços que desenhavam o corpo misturavam-se aos das palavras, o corpo-palavra estava enxarcado de falácias... E afundava devagar. Não tinha mais estômago, nem peito, nem pele, nem coração, apenas o que se dizia *sobre*. E *sobre vida* não se dizia nada. Esticava-se até a margem para pegar fôlego - seriam os últimos suspiros de um corpo-palavra? E olhava para as árvores de vírgulas que floresciaam. Enxergava nelas algo *sobre vida* projetado não nas palavras, mas nas vírgulas que obrigavam instantes de mudez. Tomava ar. Rastejou até a árvore e viu sua sombra somar-se a da árvore em uma forma *desformada*, variada entre corpo, árvore e palavra. Torceu, espremeu, dobrou seu corpo para escorrer as palavras-enchentes que caíam em gotas no chão. Dobrou vida sobre vida, marcou arestas na pele, percebeu que seus órgãos que haviam sido diluídos pelas palavras, viraram linhas: restava-lhe um corpo-linha, uma trama de traços que desenhava variáveis de um mesmo corpo. *Sobreviveu*. E aquilo que se dizia *sobre* entrou no *discurso* do rio. Dobras da vida sobrevivente espalham-se nas faces, desenham as arestas, escorrem nas páginas, costuram enchentes, respiram nas vírgulas

silêncio da sua respiração projetado nas árvores para que seus sonhos noite. Alguns peixes ainda arriscavam verbetes,







somente após a divulgação do trabalho de Bispo feita pela mídia, já nos anos 80, junto a todo o contexto que retratou de forma dolorosa (Sontag, 2003) o cotidiano da Colônia Juliano Moreira (RJ), é que as instituições das artes se comoveram com a narrativa de um corpo, sujeito sobrevivente que beirava os limites da arte e da loucura. Os objetos de Bispo passaram a funcionar como peças que faltavam a um grande quebra-cabeça (Dias, 2008), e integrar o circuito das artes contemporâneas. A inserção de Bispo no circuito das artes parece ter sido uma espécie de “salvação”. Vidas conservadas nas paredes dos museus que começam a emancipar-se da loucura. Transitam entre a condição marginal do corpo nômade de Bispo – corpo que produziu sem diploma: fez do hospital e das ruas os seus ateliês, e a integração de um circuito – corpo-artista, Bispo tem que ser salvo da loucura que o situa na marginalidade.

Porém, nos períodos em que não esteve internado, Bispo habitava as ruas, foi andarilho do mundo, sobrevivente às beiras que contornam o território das artes.

Improvisava modos de existência em si mesmo e nos objetos: “ora, crianças que vivem ou viveram na rua talvez sejam as que mais escapem à infantilização, pois sua própria condição as obriga a explorar e cartografar os meios por onde circulam, de modo a improvisar territórios de existência” (Rolnik, 2001:06). Crianças de rua que improvisam modos de existir e de habitar as ruas, ficam às margens da infantilização familiar. Bispo-artista-louco, não possuía o perfil de artista do “circuito do cubo branco”, graduado e custeado pelo capital. Antes da emancipação escapava aos próprios engendramentos das artes, bem como as crianças de rua escapavam à uma dada noção de infância. O antropólogo Christian Kasper, ao habitar a rua, em 2006, encontra outro sobrevivente:

descrição *sobre vida*:

Foi caminhando ao longo de uma dessas avenidas gigantescas que atravessam São Paulo – a Radial Leste – que me encontrei com Luciano. (...) Foi quando cheguei mais perto que sua roupa apareceu por si mesma: com uma fita na cabeça segurando um osso na vertical de sua testa, o corpo revestido por saquinhos de plástico, remetendo quase que a uma espécie de traje espacial. (...) Atrás dele, amarrada a um poste, uma vara na qual está pendurada uma bandeira – uma biruta? –, extremamente leve, feita com um objeto redondo (prato de papelão?) embrulhado em uma sacola de plástico, flutuando ao vento. No chão, uma mala, da qual se vê apenas um canto, pois está envolta em um tecido de malha grossa e vários saquinhos cheios de folhas de Mega Sena, iguais aos que estão pendurados em sua roupa. Luciano diariamente amarrava sua bandeira num poste, na beira da avenida – inventando um território existencial, uma pista de pouso – e esperava. (Kasper, 2006:20-21)

improvisar modos de existência

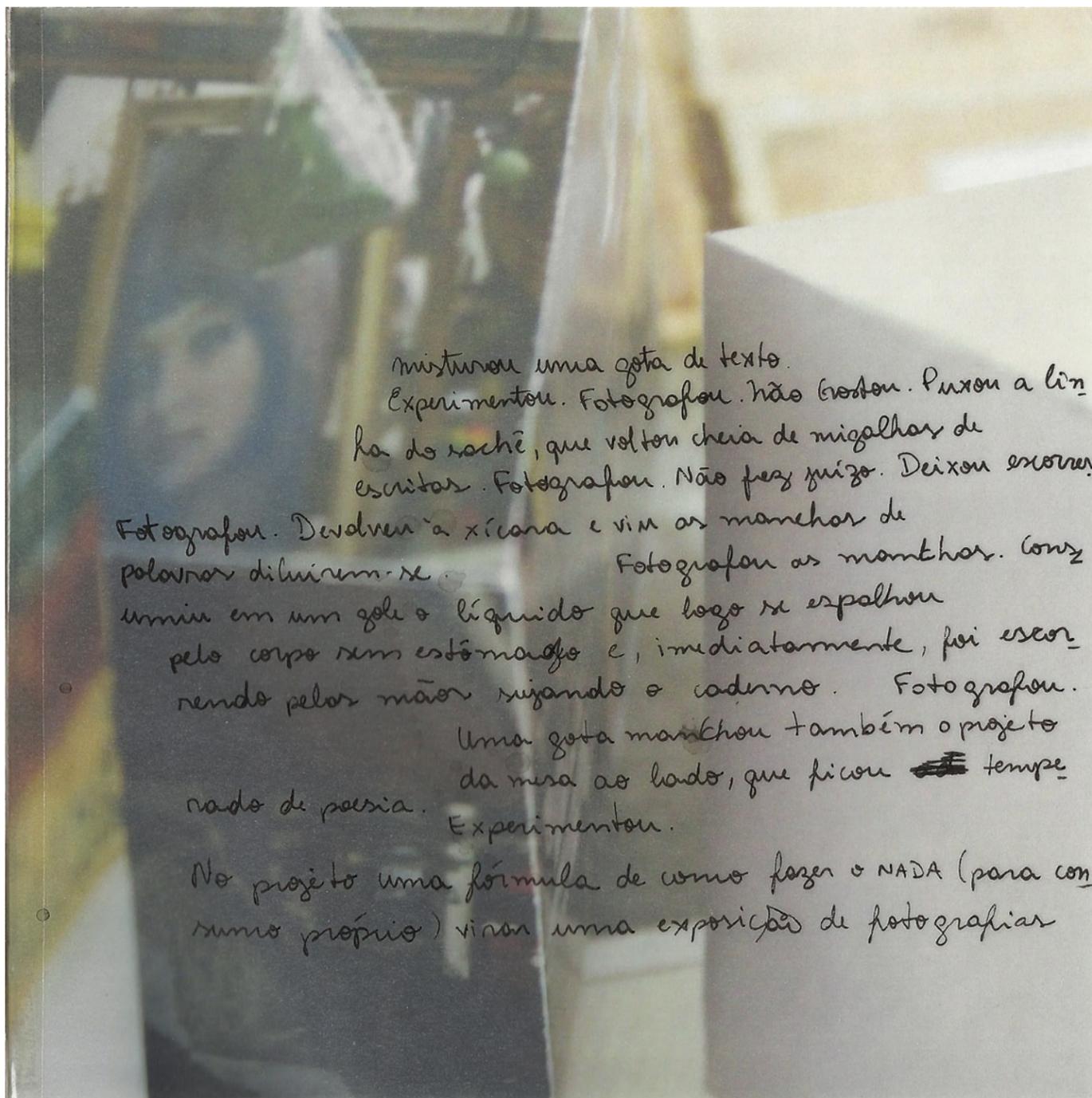
inventa sua morada na

rua e no corpo – *sobrevive*. Experimenta do mundo e das coisas às margens de qualquer instância autorizada a fazê-lo. Os materiais e objetos que envolvem o corpo de Luciano parecem ganhar vida própria, desenhar outros modos de serem habitados, e de habitarem o mundo. Tensionam as margens e os contornos de um território de domínio das artes. Luciano inventa os procedimentos com quais lida com os materiais (e seu próprio corpo): apega-se ao abandono de suas funções e significações dadas, (per)forma-os junto ao corpo, integra-os em seu nomadismo. Abre possibilidades outras de relacionar-se com o mundo que não são absorvidas por um território fechado aos seus domínios. Por quê? Talvez tenha lhe faltado um retrato *doloroso*...

Arthur Bispo do Rosário e Luciano: ambos experimentam procedimentos de um *fazer* que habita as coisas desenhando passagens, transbordando as margens daquilo que fixa suas existências na cultura e na linguagem. Artistas (ou quase) que problematizam com as coisas modos de habitar o mundo, por procedimentos e fazeres que não se distinguem das poéticas contemporâneas iminentes. Porém o mercado das artes engendra relações mais complexas para além de procedimentos e fazeres, entre poderes e interesses, para escolher os atores do seu circuito

mandou
apagar o nome,
desconjugar os verbos, infinitar
as ações: fazer o que *ninguém*
fazia. Saiu do cerco, encontrou
um beco, seu corpo estava seco.
Tirou da dobra do pé uma linha que amarrou na
cintura. Não andava mais. Mesmo amarrado, movimentava-
se sem sair do lugar, despetalava-se no vento. Fios soltos
de poesia foram se depositar lá fora, pois o estar fora fazia
parte do processo. Feitos sem legenda, arquivos sem data, a
linha que contornava também foi apagada junto ao nome:
nem Bispo, nem Luciano, nem
arte, nem loucura, nem rua,
nem museu, nem cenário, nem
ator,

que entra pelas
janelas dos ateliés,
os cadernos, dispersos
em pedras e pedras
como um objeto único e ser
coisa completa, a totalidade
cenário o que queriam era
deixar visíveis os
desvios
formas
AGAU e para fazer o
uma exposição de fotografias



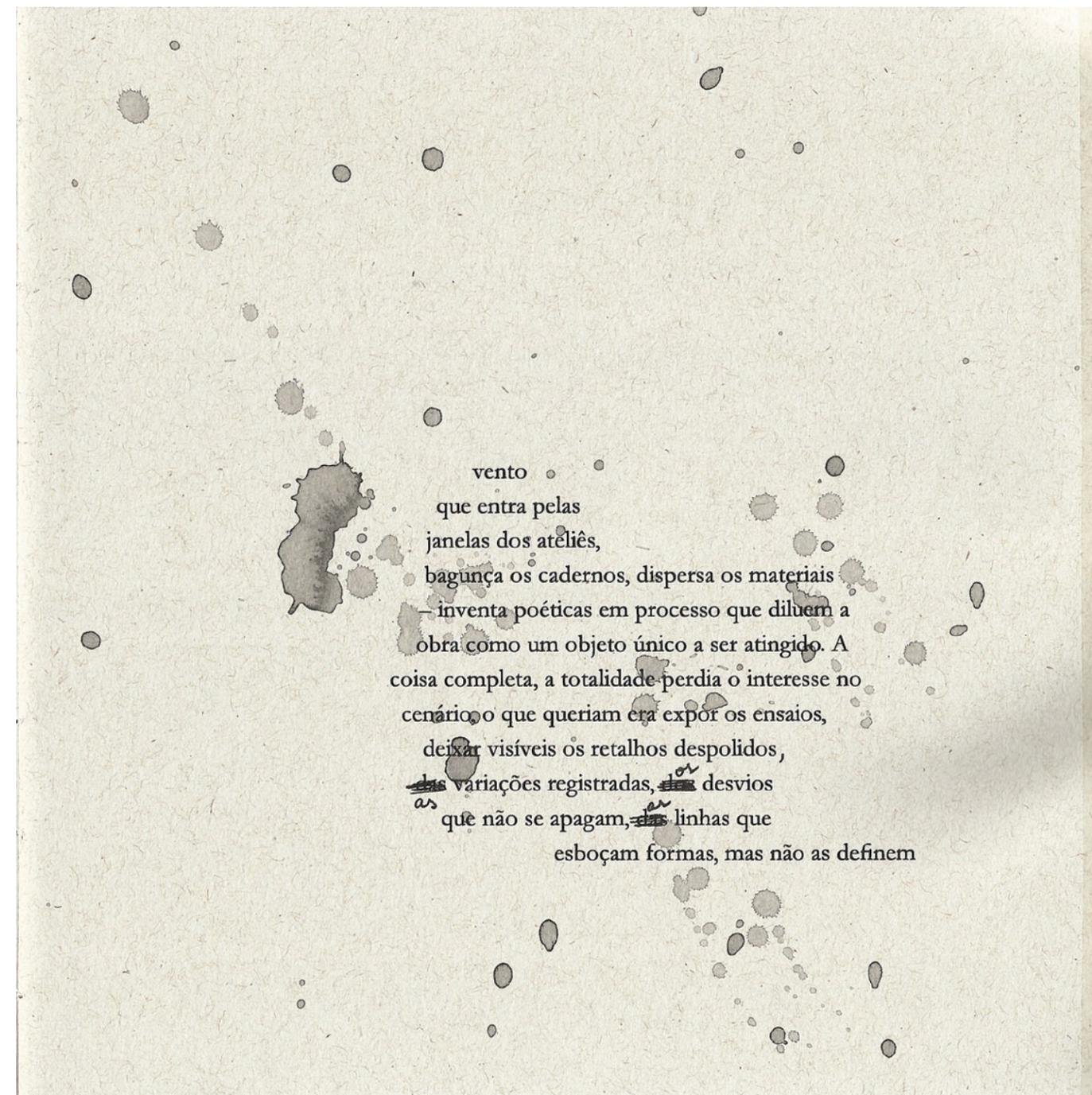
misturou uma gota de texto.
Experimentou. Fotografou. Não gostou. Puxou a linha do rochê, que voltou cheia de migalhas de escritas. Fotografou. Não fez ruído. Deixou exornar.

Fotografou. Deviden a xícara e viu as manchas de palavras diluírem-se. Fotografou as manchas. Comz

umiu em um gole o líquido que logo se espalhou pelo corpo sem estômago e, imediatamente, foi escorrendo pelas mãos sujando o caderno. Fotografou.

Uma gota manchou também o projeto da mesa ao lado, que ficou ~~tempo~~ tempo rardo de poesia. Experimentou.

No projeto uma fórmula de como fazer o NADA (para consumo próprio) virou uma exposição de fotografias

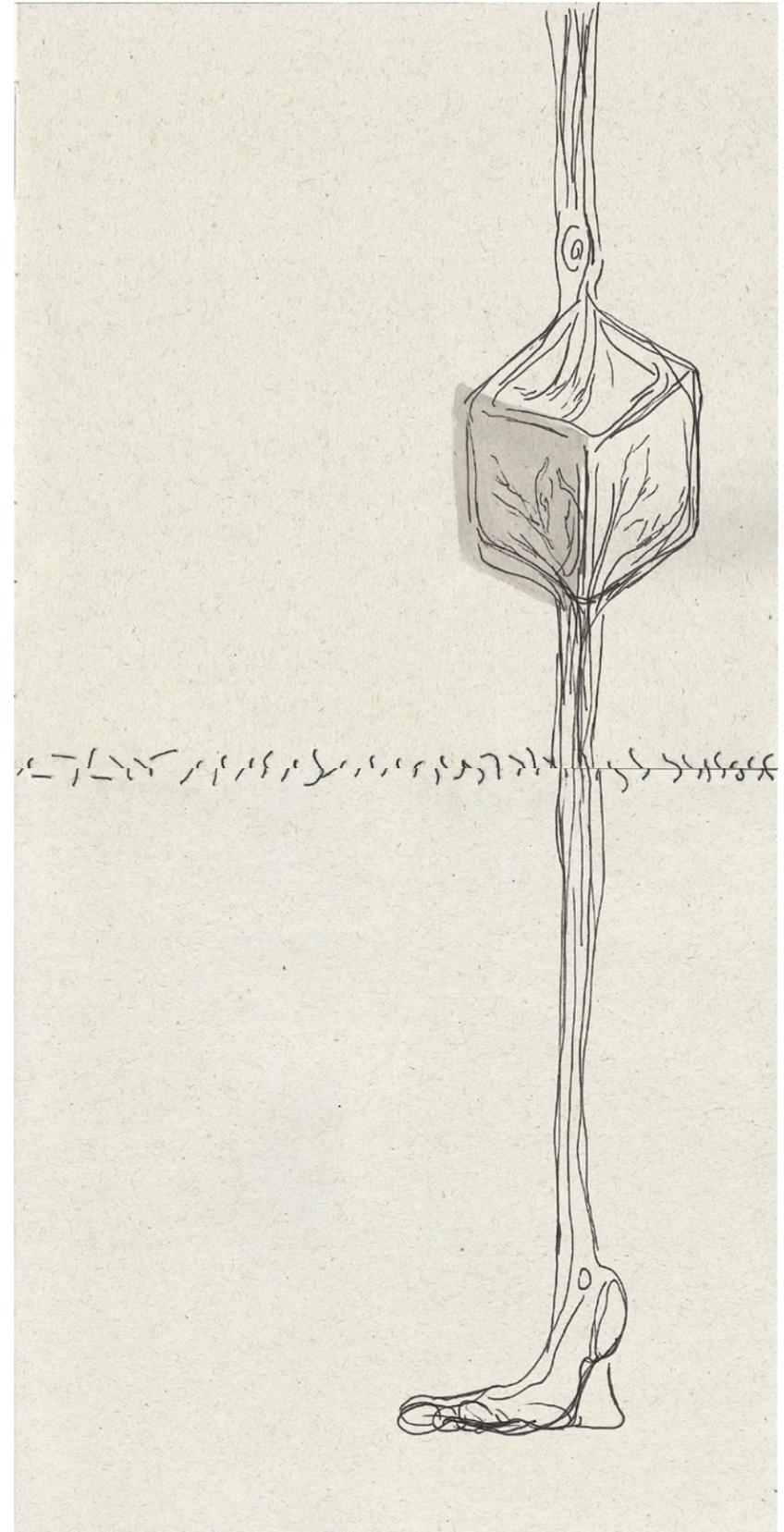


vento
que entra pelas
janelas dos ateliês,
bagunça os cadernos, dispersa os materiais
— inventa poéticas em processo que diluem a
obra como um objeto único a ser atingido. A
coisa completa, a totalidade perdia o interesse no
cenário, o que queriam era expor os ensaios,
deixar visíveis os retalhos despolidos,
~~as~~ variações registradas, ~~os~~ desvios
que não se apagam, ~~as~~ linhas que
esboçam formas, mas não as definem

faces de uma estrutura dada, é preciso focar os vãos e as arestas para variar a forma,
multiplicar Lucianos, *des*formar as máscaras,

talvez a abertura para outro interesse do mercado das artes: a “valorização” não
de um objeto pronto – uma primeira obra –, mas de um objeto desfiado nos
processos do fazer, nas linhas que ficam nas fotografias contínuas que registram,
e ao mesmo tempo inventam, o pensar dos modos de habitar as coisas e o
mundo. Fazeres que não se finalizam em um ponto final, mas traçam uma série de
possibilidades que permanecem abertas

investimentos em projetos, planos, manchas de artes. Exigem do artista a
produção dos miolos dos materiais: a “obra-prima” pode ou não vir a ser
realizada, se é que ela está prevista no projeto. Infinitos editais abertos, ministérios
de culturas e educações comercializando processos e projetos, esboços de obras,
previsões culturais, abrem um novo circuito a inserir o sujeito-artista. Facetam
mais um modelo ao qual o artista é convidado a se encaixar: adequar-se às
exigências de projetos, às temáticas que interessam seus financiadores, e aos
comprometimentos com contrapartidas para a divulgação dos mesmos



mas há ainda nesses
cadernos a vontade de inventar com Arthur Bispo
Rosário, com os Vinte e um veleiros e com as imagens
Trigésima Bienal de São Paulo, algo que escapa na vida que
Habitar os vãos das estruturas rígidas que tentam
processos. Arquitetar sopros por linhas, desenhos,
palavras. Ofegar algo pelos cadernos e páginas
possibilidade de poéticas e políticas que se apropriam
devires, curvam as retas, talham os cubos brancos,
do fazer, inventar,

do
da montagem da
sopra e sustenta os objetos.
encaixotar as subjetividades e os próprios
papéis e imagens. Gotejar escritas, experimentar as
que não compõem objetos únicos e finalizados. Propor a
dos jogos críticos, lançam os dados, perdem-se por linhas e
esculpem as caixas das coisas. *Pesquisa-esboço*, processos
problematizar é habitar o mundo

BIBLIOGRAFIA

- BARROS, M. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: Walter Benjamin. Obras escolhidas. *Magia e Técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CYPRIANO, F. *A conversão de Bispo*. Folha de S. Paulo, São Paulo, p. E1, 30 mai. 2011.
- DELEUZE, G. *Sobre o teatro: Um manifesto de menos; O esgotado*. Trad. Fátima Saadi, Ovídio de Abreu, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
- DIAS, S. *Papelar o pedagógico... escrita, tempo e vida por entre imprensas e ciências*. Tese (doutorado). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.
- DOCTORS, M. *Projeto Respiração*. Rio de Janeiro: Cobogó: Fundação Eva Klabin, 2012.
- KANDINSKY, W. *Ponto e linha sobre o plano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- KASPER, C. *Habitar a Rua*. Tese (doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006.
- LISPECTOR, C. *Para não esquecer*. São Paulo: Siciliano, 1992.
- RAMOS, N. *Junco*. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- RENNÓ, R., PENNA, A. *Espelho diário*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.
- ROLNIK, S. *Furor de arquivo*. Revista Arte&Ensaio. n.19, p. 97-105, 2009.
- _____. *Despachos no museu: sabe-se lá o que vai acontecer...* São Paulo Perspec., São Paulo, v. 15, n. 3, July 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: jun. 2013.
- SONTAG, S. *Diante da dor dos outros*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003.
- TATAY, H. *Anna Maria Maiolino*. Trad. Cláudio Alves Marcondes, Gênese Andrade. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- TAVARES, G. M. *O Senhor Eliot e as conferências*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

Sites:

Anna Maria Maiolino: <<http://annamariamaiolino.com/>>. Acesso em dez/2013.

Trigésima Bienal de São Paulo: A iminência das poéticas: <<http://www.bienal.org.br/30bienal>>.

Acesso em dez/2013.

Projeto Leonilson: <<http://www.projetoleonilson.com.br/site.php>>. Acesso em dez/2013.

Filmes:

As vilas volantes: o verbo contra o vento. Alexandre Veras. Brasil. 2006.

Fôlego. Kim Ki-duk. Coréia do Sul. 2007.

A.B. do R.

Esse Arthur Bispo do Rosário se proclamava Jesus. Sua obra era ardente de restos: estandartes podres, lençóis encardidos, botões cariados, objetos mumificados, fardões de Academia, Miss Brasil, suspensório de doutores – coisas apropriadas ao abandono. Descobri entre seus objetos um buquê de pedras com flor. Esse Arthur Bispo do Rosário acreditava em nada e em Deus. (Barros, 2009: 83)

Bibliografia

- AQUINO, R. Arthur Bispo do Rosário: artista. *Ordenação e vertigem: ideias, palestras*. Centro Cultural Banco do Brasil, p. 75-82, ago./out. 2003.
- BARROS, M. *Arranjo para o assobio*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- _____. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- _____. *O livro das ignorâncias*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- BASBAUM, R. Cica & sede crítica. In: BASBAUM, R. (org.) *Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.
- BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Walter Benjamin. Obras escolhidas. Magia e Técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CYPRIANO, F. A conversão de Bispo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. E1, 30 mai. 2011.
- DELEUZE, G. *Bergsonismo*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- _____. *Sobre o teatro: Um manifesto de menos; O esgotado*. Trad. Fátima Saadi, Ovídio de Abreu, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
- _____.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- _____.; PARNET, C. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.
- DIAS, S. *Papelar o pedagógico... escrita, tempo e vida por entre imprensas e ciências*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- DOCTORS, M. *Projeto Respiração*. Rio de Janeiro: Cobogó: Fundação Eva Klabin, 2012.
- HERNÁNDEZ, F. *O cavalo perdido e outras histórias*. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- HIDALGO, L. *Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- INGOLD, T. *Being alive: essays on movement, knowledge and description*. New York: Routledge, 2011.
- KANDINSKY, W. *Ponto e linha sobre o plano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- KASPER, C. *Habitar a Rua*. Tese (doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006.
- LISPECTOR, C. *Para não esquecer*. São Paulo: Siciliano, 1992.
- LUCCAS, T. *Vida e tempo em proliferação: imagens que experimentam mudanças e climas*. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- MACIEL, M. *A memória das coisas: ensaios de literatura, cinema e artes plásticas*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.
- NEVES, R. Entre lugar e passagem. In. BASBAUM, R. (org.) *Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.
- PESTANA, F. Entre arte e ciência: imagens experimentam uma ciência aberta. *Leitura: teoria e prática*. Campinas, n.59, p.101-107, nov.2012.
- RAMOS, N. *Junco*. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- RENNÓ, R., PENNA, A. *Espelho diário*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.
- ROLNIK, S. *Furor de arquivo*. Revista Arte&Ensaio. n.19, p. 97-105, 2009.
- _____. *Despachos no museu: sabe-se lá o que vai acontecer...* São Paulo Perspec., São Paulo, v. 15, n. 3, jul. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: jun. 2013.
- SILVA, J. A arquitetura do (in)sensato. *Ordenação e vertigem: artes plásticas, cinema, fotografia, dança, música*. Centro Cultural Banco do Brasil, p. 27-37, ago./out. 2003.
- SONTAG, S. *Diante da dor dos outros*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003.
- TATAY, H. *Anna Maria Maiolino*. Trad. Claudio Alves Marcondes, Gênese Andrade. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- TAVARES, G. M. *O Senhor Eliot e as conferências*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.
- VILELA, E. *Corpos inabitáveis*. Errâncias, filosofia e memória. 2000. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/enrahonar/article/viewFile/31977/31811>>. Acesso em: jun.2013.
- _____. Deslocados. O espectro de um corpo-memória. Revista ComCiência, n. 97, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=34&id+405>>. Acesso em: jun. 2013.